



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

POR QUE NÃO DUAS MULHERES NA BANCADA?
UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL NACIONAL

PRISCILLA VALE MORAES

Rio de Janeiro

2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

POR QUE NÃO DUAS MULHERES NA BANCADA?
UM ESTUDO DE CASO DO JORNAL NACIONAL

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social - Jornalismo

PRISCILLA VALE MORAES

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro

Rio de Janeiro

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

MORAES, Priscilla Vale.

Por que não duas mulheres na bancada? Um estudo de caso do
Jornal Nacional. Rio de Janeiro, 2011

Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação –
ECO.

Orientadora: Cristina Rego Monteiro

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinado, avalia a Monografia **Por que não duas mulheres na bancada? Um estudo de caso do Jornal Nacional**, elaborada por Priscilla Vale Moraes.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Rego Monteiro

Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Co-orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Doutor em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Profa. Dra. Maria Teresa Ferreira Bastos

Mestre e Doutora em Estudos de Literatura pela PUC/Rio.

Pós-Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação – UFRJ

Departamento de Comunicação – UFRJ

Prof. Dr. Renzo Taddei

Doutor em Antropologia pela Universidade de Columbia, Nova York

Departamento de Comunicação – UFRJ

Rio de Janeiro

2011

MORAES, Priscilla Vale. **Por que não duas mulheres na bancada? Um estudo de caso do Jornal Nacional.** Orientadora: Cristina Rego Monteiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho discute a presença da mulher na bancada do telejornal de maior audiência no Brasil: o Jornal Nacional. Para isto, a história do telejornalismo brasileiro é traçada, chegando até as grandes redes, com foco na Rede Globo de Televisão, pontuando a importância do Jornal Nacional como o primeiro telejornal nacional brasileiro. A partir daí, o trabalho busca identificar como o modo de fazer jornalismo foi se modificando – tanto no conteúdo quanto na forma – atendendo às necessidades da empresa e aos diferentes panoramas políticos, sociais e econômicos do país. Neste contexto, o trabalho procura identificar o motivo que impediu a apresentação do Jornal Nacional por uma dupla de mulheres apresentadoras na bancada, e captar qual o significado da presença delas inserido no discurso justificador da emissora, apontado por muitos estudiosos de comunicação como sendo um discurso hegemônico. A pergunta “Por que não há duas mulheres na bancada do Jornal Nacional?” é usada para avaliar a função delas como sujeito modificador desse discurso, para tanto, três profissionais da TV Globo foram entrevistados: dois editores chefes e uma editora-executiva, que também atua como apresentadora. A pesquisa utiliza como contraponto referências bibliográficas teóricas para estabelecer hipóteses referenciais sobre a questão.

MORAES, Priscilla Vale. **Por que não duas mulheres na bancada? Um estudo de caso do Jornal Nacional.** Orientadora: Cristina Rego Monteiro. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

ABSTRACT

This paper discusses the presence of woman at the desk of the best audience news program in Brazil: Jornal Nacional. In this manner, the history of the Brazilian TV journalism is reported, reaching up to the biggest networks, emphasizing Rede Globo de Televisão, with Jornal Nacional scoring the highest pontuation as the first nacional TV news program. This works aims to identify how TV journalism has been developing - both in content and form - meeting not only companies needs but also the different political, social and economic panoramas in the country. Thus, the purpose of this work is to identify the reason why the presentation of Jornal Nacional by a pair of women at the desk was not allowed and detect what it the meaning of their presence included in the justification discourse of the broadcaster, considered by many communication researchers as a hegemonic discourse. The question "Why aren't there two women at the desk of Jornal Nacional?" is used to evaluate their role as modifying subject of this discourse and therefore, three professionals from TV Globo were interviewed: two editor-chiefs and one editor-executive, who also works as woman presenter. The research makes use of the literature as counterpoint to establish referential hypothesis about this matter.

*Vera, minha mãe, meu berço de paz, minha amiga, meu amanhã;
Geraldo, meu 'pei', meus pés, minhas mãos, minha alegria, meu sentido, minha razão;
'Binho' e 'Teigo', meus irmãos brilhantes, minhas premissas verdadeiras,
meus exemplos e meus orgulhos de irmã.
Juntos são o que hoje eu posso chamar de "eu".*

*Pelo mundo mágico, pelo ciclo básico, pelos amigos, pelo futebol, pelo samba, pelos
trabalhos práticos, pelos 'professores pais', pelas 'professoras mães', pelo jornalismo
romântico (não necessariamente nesta ordem), enfim, pelo ar que só você tem:*

Obrigada ECo-UFRJ

A Cristina Rego Monteiro, que orientou um trabalho e uma vida.

*Um dia vivi a ilusão de que ser homem bastaria
Que o mundo masculino tudo me daria
Do que eu quisesse ter*

*Que nada! Minha porção mulher que até então se resguardara
É a porção melhor que trago em mim agora
É o que me faz viver*

*Quem dera pudesse todo homem compreender, ó mãe, quem dera
Ser o verão no apogeu da primavera
E só por ela ser*

*Quem sabe o super-homem venha nos restituir a glória
Mudando como um deus o curso da história
Por causa da mulher*

(Gilberto Gil)

SUMÁRIO

1. Introdução

2. Os primeiros telejornais

2.1. O telejornal do patrocinador

2.2. O telejornal com patrocinador

3. Jornal Nacional e as estratégias da rede

3.1. Revolucionando formatos

3.2. Mudanças em si

4. O âncora do Jornal Nacional

5. “A” âncora e o Jornal Nacional

6. A bancada. Por que não duas mulheres?

7. Em busca de respostas

7.1. Vera Íris Paternostro

7.2. Luis Fernando Ávila

7.3. Fátima Bernardes

8. Conclusão

9. Referências bibliográficas

10. Anexos

1. Introdução

A Rede Globo de Televisão, alvo de muitos estudos e críticas da comunicação, é questionada pelo poder de dominação que exerce sobre as massas em função da influência que conquistou como um importante instrumento de legitimação de valores sociais no país. Portanto, falar de TV Globo é falar de valores que circulam na sociedade brasileira, de política e, no atual trabalho, de gênero.

Uma pergunta sempre veio à cabeça desta autora, quando pensava em “Jornal Nacional” – o carro-chefe do jornalismo da emissora. No passado infantil, a pergunta estava longe de questões feministas e muito mais próximas de questões lógicas e de análises combinatórias básicas, onde em um grupo de seis apresentadores – três do sexo masculino e três do sexo feminino – as duplas femininas sempre desequilibravam o número de vezes que cada profissional aparecia frente às câmeras sentado atrás da bancada do jornal de rede da TV Globo: homem com mulher ou homem com homem, nunca mulher com mulher. Esse telejornal sempre me propunha a pergunta ingênua: “Por que não duas mulheres juntas na bancada?”.

Os anos se passaram e esta pergunta ainda persistiu. Não em jornais locais, não em jornais mais “leves”, não em outras emissoras, não no entretenimento: no Jornal Nacional. Veio a puberdade, vieram as escolhas, inclusive, as profissionais. Estudos da comunicação, Indústria Cultural, hegemonia... A pergunta persistiu: “Por que não duas mulheres na bancada do Jornal Nacional”?

No entanto, à medida que novas ideias traziam (ou não) respostas de questionamentos anteriores, elas impulsionam outras perguntas, sempre relacionadas a uma ausência da predominância feminina na bancada do telejornal mais importante da emissora de maior audiência no país. Uma hora a questão era “Por que sim?”. Em outras, com o “Por que sim duas mulheres na bancada?”, viria: “O que a presença de duas mulheres na bancada mudaria?”. Mais do que isso, e finalmente: “O que mudou com a chegada da primeira mulher na bancada do Jornal Nacional?”.

Algumas possíveis respostas não vieram sozinhas. Chegaram em uma carruagem de teorias (o termo “carruagem” demonstra o tempo de existência dessas teorias da comunicação); orientadas por uma guia (espiritual e/ou teórica e/ou prática); contrastadas com a experiência de quem está dentro do sistema. Para não complicar: a questão foi proposta; a bibliografia teórica deu base; a orientadora indicou as melhores

abordagens e comparações; e os editores-chefes e apresentadores do Jornal Nacional foram questionados e, assim, o atual trabalho ser iniciado.

Primeiro era preciso traçar o histórico de praxe, para que, além de lembrar ao leitor habituado com a comunicação e o jornalismo em especial, o leitor não-especializado pudesse entender também quais foram os passos seguidos pelo jornalismo no Brasil que levaram o “Jornal Nacional” ao patamar de telejornal mais influente do país e os telejornais da emissora que contribuíram para a consolidação do formato existente hoje.

O primeiro capítulo, “Os primeiros telejornais”, é bastante didático e conta a história de aparição de cada um deles, desde a chegada das primeiras emissoras de TV no país, em 1950. A partir daí, os subtítulos “O jornal do patrocinador” e “O jornal com patrocinador” pontuam a diferença entre um telejornal produzido e editado de acordo com as regras do mercado e um telejornal empresarial, que apenas vende os espaços publicitários para os anunciantes.

A história chega ao ano de 1969, quando tudo estava pronto para a primeira transmissão de um telejornal em rede no país. Era a estreia do “Jornal Nacional”, e o início de um plano de integração nacional muito mais ambicioso do que apenas a transmissão simultânea de programação para milhões de espectadores (Jornal Nacional e as estratégias da Rede). Contar a história do JN é contar também uma história de inovação em relação aos demais, como conta “Revolucionando Formatos”. No entanto, um líder de audiência tem muitos desafios e o grande concorrente, quando não há grandes concorrentes, passa a ser ele mesmo. Em “Mudanças em si”, a autora conta algumas inovações no formato que mantiveram o jornalismo da TV Globo no topo da lista de mais vistos no Brasil e uma mudança necessária e plena de conteúdo que aconteceu durante os períodos negros da Ditadura Militar.

Uma dessas mudanças foi a chegada do jornalista na apresentação do jornal. Os capítulos que se seguem contam: o que representa “O âncora do Jornal Nacional”; como “A âncora do Jornal Nacional” foi recebida; e quais foram as mudanças que sucederam a sua chegada.

Com o histórico, até a estreia do “Jornal Nacional”, completo, era hora de procurar as respostas. A autora foi à redação do “Jornal Nacional” em busca dos profissionais capazes de responder a uma pergunta bastante simples, que dá nome ao capítulo: “A bancada do Jornal Nacional. Porque não duas mulheres?”.

Vera Íris Paternostro, Luiz Fernando Ávila e Fátima Bernardes receberam a autora para entrevistas realizadas no ano de 2011. No dia 31 de maio, a autora entrevistou a jornalista que hoje é reconhecida como uma das quatro mulheres que implantaram o canal fechado exclusivo de notícias da Rede Globo, a Globo News, Vera Íris Paternostro. A conversa aconteceu no 8º andar do prédio situado à Rua Lopes Quintas, no Jardim Botânico, Rio de Janeiro e durou cerca de 50 minutos.

No dia seguinte, em 1º de junho, o editor chefe adjunto do “Jornal Nacional”, Luiz Fernando Ávila, recebeu a autora no “aquário” onde são realizadas as reuniões de pauta, sob o estúdio-mezanino de apresentação do telejornal, na redação situada à Rua Von Martius, também no Jardim Botânico. A conversa durou pouco mais de 1 hora.

Duas horas mais tarde do mesmo dia, Fátima Bernardes, editora-executiva e apresentadora do “Jornal Nacional”, conversou com a autora em uma sala de chefia, também na redação do “JN”, na Rua Von Martius. A entrevista durou cerca de 1 hora e 10 minutos.

Produtivas, reveladoras e divertidas, as entrevistas cedidas pelos três profissionais sobre o tema proporcionaram à autora mais do que respostas. O capítulo chamado “Em busca de respostas”, mostra que essas respostas chegam, irá perceber o leitor, a um denominador mais do que comum.

Com isso, aquelas questões citadas acima vieram à tona, e uma ideia inicial da autora de apenas procurar respostas para o porquê da ausência da ancoragem simultânea de duas mulheres no “Jornal Nacional” foi por terra, pois as “respostas dadas pelos profissionais não responderam”, acabaram questionando também, o que demonstra um traço comum na opinião desses jornalistas. (As entrevistas estão devidamente anexada)

Outra ideia era comentar sobre os emails recebidos pelos apresentadores dos telejornais da TV Globo e demonstrar como a imagem da mulher é construída no imaginário coletivo dos telespectadores de maneira diferente da imagem construída sobre os homens e, a partir daí, utilizar conceitos de imagem e interpretação de signos para justificar essa construção coletiva da imagem feminina e, como isso influenciaria nos índices de audiência para dar razões à chegada da segunda mulher, ou à manutenção do casal de apresentadores. No entanto, questões éticas da própria emissora impediram que isso acontecesse.

“O que fazer?” A questão era, sim, mais profunda. Sempre foi desde o início. Com a devida orientação, e as muitas horas de conversa com professores habilitados da

Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o trabalho conseguiu um rumo mais consistente. A questão deixava de ser pontual e superficial. Passava a ser integrante de um todo complexo.

O trabalho a seguir tenta perceber como o discurso de hegemonia defendido pela TV Globo – leia-se: o fato de a TV Globo estar alinhada a um discurso hegemônico ser comprovado historicamente por fatos políticos, econômicos e sociais que marcaram a vida de milhões de pessoas, é opinião compartilhada por grande parte dos estudiosos contemporâneos sobre mídia, TV, jornalismo e Rede Globo – pode ter sofrido alguma modificação – se sofreu – no momento em que a primeira mulher sentou à bancada do “Jornal Nacional” – é importante lembrar que em nenhum momento a autora nega a ocupação das profissionais no *staff* da emissora (produtoras, repórteres, editoras, executivas, chefes), tampouco aborda incisivamente as questões de gênero que levaram a mulher ao seu *status quo*, que considera um assunto para outra pesquisa relacionada à mulher, mercado de trabalho e contrastes relacionados exclusivamente ao gênero – e como esse discurso se comportaria, caso houvesse a predominância da presença delas na ancoragem do telejornal de maior audiência da TV brasileira e, por fim, o trabalho indica possíveis linhas de conduta das futuras profissionais que complementam a proposta do atual trabalho.

2. Os primeiros telejornais

A televisão transmite desde sua implantação no Brasil, em 1950, os acontecimentos mais importantes do dia através dos telejornais. Em São Paulo, a pioneira TV Tupi já trazia no “Imagens do Dia” “uma sequência de filmes dos últimos acontecimentos locais” (SAMPAIO apud REZENDE, 2000, p.105) apresentados e redigidos por Ruy Resende. O apresentador contava com a equipe formada por Jorge Kurjian, Paulo Salomão e Afonso Ribas. O “Imagens do Dia” tinha um telejornalismo local, marcado pela influência radiofônica e restrito pelo aparato tecnológico da época.

Implantada em 1950, a televisão se viu desafiada, durante toda a década, por uma infraestrutura precária [...] Existiam somente alguns canais e a produção e a distribuição televisiva (reduzida ao eixo Rio-São Paulo) possuía um caráter marcadamente regional. Não havia um sistema de redes, os problemas técnicos eram consideráveis e o videotape [...] só começaria a ser utilizado mais tarde. (CARVALHO, 2010, p. 69)

Mesmo com a restrição tecnológica, a equipe de jornalismo da TV Tupi criou em 1952, o “Telenotícias Panair”. O telejornal, que foi criado para ficar no lugar do “Imagens do Dia”, recebia o nome de seu patrocinador. Essa, aliás, seria uma característica marcante da década de 1950.

2.1. O telejornal do patrocinador

Patrocinadores exerceram papel crucial no crescimento do telejornalismo brasileiro. As grandes empresas souberam como tirar proveito da atratividade que a vida exercia – e ainda exerce – no ser humano para usar os telejornais como veículo de divulgação de sua marca. Anunciantes davam à vida uma simplicidade que, na realidade, não tinham. Essa era a forma de transformá-la em mercadoria para ser consumida facilmente, aumentando o poder da propaganda.

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana em estado fluido, para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da formulação pelo avesso do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a mercadoria. (DEBORD, 1992, p. 27)

Mas para que essa espetacularização acontecesse, a mercadoria deveria ser produzida de maneira a torná-la próxima, mas que, ao mesmo tempo, continuasse

distante do espectador. Como acontecimentos que, supunham, jamais aconteceriam nas suas próprias vidas. O uso das chamadas radiofônicas, ao esmiuçar o acontecido, deixava a complexidade de lado; o uso das imagens trazia o mundo para mais próximo do telespectador com uma “margem de segurança”. Essa combinação seria a maior causa da diminuição da qualidade da informação sobre o acontecimento. Ao transformar o fato em notícia, havia a perda de qualidade e o afastamento do real.

O mundo presente e ausente que a mercadoria faz ver é o mundo da mercadoria dominando tudo o que é vivido. [...] A tão evidente perda de qualidade, em todos os níveis, dos objetos que a linguagem espetacular utiliza das atitudes que ela ordena apenas traduz o caráter fundamental da produção real que afasta a realidade: sob todos os pontos de vista, a forma mercadoria é a igualdade confrontada consigo mesma, a categoria do quantitativo. (DEBORD, 1992, p. 28)

Neste caso, a sobrevivência da TV e dos seus produtos jornalísticos deveriam seguir a ordem do capital, ou então, não sobreviveriam, quanto mais atingiriam a sobrevida que hoje parecem ter atingido. “O âmbito mercantil constituiu [...] um excedente em relação à sobrevivência” (DEBORD, 1992, p. 29)

Seguindo o modelo “jornalismo do patrocinador”, a TV Tupi, já instalada no Rio de Janeiro, a pedido da empresa norte americana *Standard Oil Company of Brazil* (conhecida como Esso do Brasil), passa a produzir o “Repórter Esso”, reinaugurando na telinha um modelo de noticiário que fez sucesso nas ondas de rádio.

Encabeçado por Gontijo Teodoro, o “Repórter Esso” utilizava o material produzido pela agência de notícias “United Press Internacional” para levar às famílias brasileiras, além dos seus famosos bordões “o primeiro a dar as últimas” e “testemunha ocular da história”, as notícias dos acontecimentos do país e do mundo.

No entanto, o que levava à libertação das preocupações financeiras, passou a ser uma prisão para a linha editorial. O produto começava a ser manipulado pelo anunciante, sendo obrigado a seguir uma ideologia de mercado pertencente ao dono do capital, que muitas vezes influenciava diretamente na grade de notícias do telejornal. Durante a era dos patrocinadores, os programas jornalísticos tinham duas características marcantes: “(...) a herança radiofônica e a subordinação total dos programas aos interesses e estratégias dos patrocinadores” (PRIOLLI apud REZENDE, 2000, p.106).

O crescimento econômico libertava-os da busca imediata pelo financiamento dos custos, mas os telejornais não conseguiam se libertar da dependência do sistema, ao qual estavam subordinados por levar, no próprio nome, o nome de quem detinha o

capital. Isso estaria aumentando as cercas da notícia, reduzindo a qualidade da informação, sufocando liberdade de expressão dos profissionais da área.

Estamos diante de um novo “encantamento do mundo”, no qual o discurso e a retórica são o princípio e o fim. Esse imperativo e essa onipresença da informação são insidiosos, já que a informação atual tem dois rostos, um pelo qual ela busca instruir, e outro, pelo qual ela busca convencer. Este é o trabalho da publicidade. Se a informação tem, hoje, essas duas caras, a cara do convencer se torna muito mais presente. (SANTOS, 2001, pp. 39-40)

2.2. O telejornal com patrocinador

Fugindo desses padrões, a TV Excelsior fez com que patrocinadores voltassem à condição de meros pagantes de seus anúncios em seus devidos espaços. “A TV Excelsior foi a primeira emissora a conceber uma identidade entre tempo e espaço comercial, planejando investimentos em termos de uma racionalidade empresarial” (CARVALHO, 2009).

Por conta de uma “fase de grande criatividade e expansão intelectual” (BARBOSA LIMA apud REZENDE, 2000, p. 107), outro produto seria um divisor de águas na história da imprensa do país. O “Jornal de Vanguarda”, criado e dirigido por Fernando Barbosa Lima, inaugurado em 1962, transmitido pela TV Excelsior, foi um produto que ganhou prêmios pelo mundo e foi citado em teses de grandes pensadores da comunicação.

O “Jornal de Vanguarda”, como o próprio nome sugere, era marcado pela ousadia vanguardista e levou para o telespectador mais dinamismo e informalidade, que “rompeu com a linguagem tradicional ao imprimir um tom quase coloquial ao discurso de seus apresentadores”¹. O “Jornal de Vanguarda”, que tinha a locução de Cid Moreira e Luís Jatobá, começa a usar

Jornalistas como produtores [...]. Como apresentadores das notícias, cronistas especializados: Newton Carlos, Villas-Bôas Correia, Millor Fernandes, João Saldanha, Gilda Müller e Stanislaw Ponte Preta, entre outros (REZENDE, 2000, p. 107).

Gilda Müller é uma das poucas mulheres que têm destaque na fase inicial do telejornalismo nacional. Ela aparece como uma das primeiras mulheres atuantes do telejornalismo, a seu cargo, ficava a editoria feminina do telejornal.

¹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236474,00.html> acesso em 02/05/2011.

Muitos recursos eram utilizados para driblar as rédeas peculiares ao panorama político que se seguiu ao ano de estreia do “Jornal de Vanguarda”, que passou a ser apresentado na recém inaugurada TV Globo, mas mantendo os mesmos recursos que fizeram o sucesso do jornal naquela TV:

A ironia era uma ferramenta importante utilizada pelo telejornal para driblar a repressão. (...) A ‘tartaruginha do tempo’, um inocente desenho animado criado por Borjalo para anunciar as previsões dos meteorologistas, frequentemente insinuava que ‘nuvens negras’ rondavam o Planalto².

Isso fez com que o jornal tivesse uma sobrevida no período em que o país se encontrava “preso a um modelo econômico de intervenção estadista e a uma forma fraca de institucionalização política, acoplada à frágil liberdade de expressão” (MATOS, 2008, p.8)

Enquanto isso e desde a abertura de suas portas, em 1965, a recém-inaugurada emissora do Jardim Botânico transmitia o “Tele Globo”. O telejornal, que tinha duas edições de meia hora cada uma, foi criado por Mauro Salles e dirigido por Rubens Amaral. Na primeira edição, ao meio-dia, a apresentação era feita por Paulo Gil e pela atriz Íris Lettieri, que foi considerada a primeira apresentadora de telejornal e passou a ser conhecida como a “Voz do aeroporto”. À noite, Hilton Gomes dava as notícias do mundo, Teixeira Heizer falava dos acontecimentos esportivos, além de contar com a presença de Nathália Timberg, mais uma figura feminina, que apresentava as “amenidades e notícias dirigidas às mulheres”³.

O “Tele Globo” passou a ser apresentado em edição única e tinha, entre os profissionais que se revezavam na apresentação, Edna Savaget, programadora responsável pela implantação da sessão feminina na emissora em 1965⁴. Em 1966, a TV Globo, que passou a transmitir o “Jornal de Vanguarda”, encarava o período marcado pelas intempéries ditatoriais do país. Por isso, houve intensa demanda pelo talento dos profissionais para manterem no ar, não só um jornal marcado pela ousadia, como

²Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236474,00.html> acesso em 02/05/2011.

³ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236471,00.html> acesso em 15/05/2011.

⁴ Disponível em <http://www.museudatv.com.br/biografias/Edna%20Savaget.htm> acesso em 21/05/2011.

“Jornal de Vanguarda”, mas qualquer outro jornal que não fosse alinhado aos interesses do governo.

O “Jornal de Vanguarda” levado de volta à TV Excelsior, não resistiu à dura censura imposta após Ato Institucional nº5, fazendo com que Fernando Barbosa Lima optasse pelo encerramento de suas atividades. Antes do fim, o premiado produto passou pelas tevês Continental e Rio.

A saída do “Jornal de Vanguarda” da grade da TV Globo, abriu espaço para o “Jornal de Verdade”, produzido pela mesma equipe do “Jornal de Vanguarda”, que havia decidido permanecer na emissora. O “Verdade” substituiu o “Vanguarda” nos mesmos moldes, sendo transmitido de dezembro de 1966 ao mesmo mês de 1969 e também contava com a presença feminina de Ilka Soares, atriz e apresentadora, no elenco.

Outro jornal também teve o papel de levar ao público os acontecimentos do país e do mundo no ano de 1966 na TV Globo. O “Ultranotícias”, um oferecimento da indústria responsável pelo Ultragaz e Ultralar ainda era um resquício das grandes empresas na imprensa brasileira e exibia diariamente as notícias por 15 minutos. A equipe chefiada por Aníbal Ribeiros era formada pelo jornalista e redator Newton Carlos, apresentado por Paulo Gil, e tinha como repórteres Eli Moreira e Luiz Augusto. Na apresentação, Hilton Gomes e Irene Ravache, atriz reconhecida nos dias de hoje e que, naquela ocasião, “apresentava o bloco cultural e chegou fazer reportagens externas”⁵.

Em substituição ao “Ultranotícias”, a TV Globo do Rio de Janeiro inaugura um novo telejornal, que seguia a mesma linha editorial, mas sem a presença do anunciante nomeando o produto jornalístico, que começava a criar problemas editoriais.

O Ultranotícia, da Ultragás, com um botijãozinho de gás em cima da mesa do apresentador... [...] Havia um representante da McCann Erickson [empresa que produzia o jornal], Celsinho Guimarães, que todo dia ia lá e olhava o script para ver se havia coisas inconvenientes ao patrocinador. [...] Quando Armando [Nogueira] chegou, alguns meses depois que Walter Clark tinha entrado, eles combinaram que iam cumprir aquele contrato, mas que, ao final, o jornal não ia ser mais “Ultranotícias”, ia ser Jornal da Globo, tendo ou não patrocinador. [...] Um dia ele [Armando Nogueira] chegou e disse: “Olha, gosto muito de você, mas a partir de amanhã você não vai mais

⁵ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236472,00.html> acesso em 01/05/2011.

dar palpite. A decisão é nossa”. (REINIGER apud ABREU E ROCHA, 2006, p.205)

Com a nova programação, a emissora do Jardim Botânico já estruturava uma linguagem que pudesse, ao mesmo tempo, competir e se diferenciar dos noticiários existentes. No primeiro semestre de 1969, a TV Globo inicia as atividades do “Jornal da Globo”, que começava às 19h45, tinha 15 minutos de duração e era apresentado por Luís Jatobá e Hilton Gomes. Enquanto isso, o “Repórter Esso” continuava no ar e mantinha um público fiel à frente da telinha desde sua estreia, em 1952. Eram pessoas que aguardavam todos os dias as notícias e a imagem de Gontijo Teodoro. A TV Globo, portanto, não estaria pensando em outra coisa, senão competir com o sucesso do jornal criado na década de 1950.

Em 1969, empurrado pelo avanço das telecomunicações no país, uma novidade estava a caminho:

O Jornal da Globo do dia 3 de março de 1969 começou com o apresentador Hilton Gomes anunciando a implantação da televisão via satélite no Brasil. Ele abriu o programa explicando que acontecimentos mundiais, a partir daquele dia, poderiam ser assistidos instantaneamente pelos telespectadores. [...] A transmissão foi possível graças a um sistema de comunicações que incluiu a NBC, o satélite Intelsat, a Embratel, as Emissoras Associadas e a comunicações que incluiu a Rede Globo de Televisão⁶.

Mesmo que alguns produtos da TV Globo tenham sido criados à época na tentativa de competir com o “Repórter Esso”, outro objetivo, muito mais audacioso, estava nos planos da emissora. O uso da tecnologia, que levava informações via satélite para todo o país, seria o primeiro passo para a substituição do “Jornal da Globo” pelo “Jornal Nacional”, apresentado no mesmo horário, com os mesmos apresentadores, mas com a grande diferença de ser exibido simultaneamente para todos os estados que integravam a rede. Eis os primeiros passos para a criação da primeira rede de televisão do país e o início de um plano de integração nacional social do supostamente conduzido pelo governo através das telecomunicações.

⁶ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236477,00.html>
acesso em 01/05/2011

3. Jornal Nacional e as estratégias da Rede

A era das telecomunicações alavancada pela Embratel, que em 1967 começava o planejamento da instalação de uma estação em solo brasileiro, que tornaria possível a comunicação via satélite, foi fundamental para que a (ainda) TV Globo se tornasse a Rede Globo de Televisão que conhecemos atualmente.

É inaugurada, em 28 de fevereiro, em Tanguá [RJ] a primeira Estação Terrena de Comunicações via satélite. A cerimônia de inauguração contou com a transmissão de uma bênção especial do Papa Paulo VI, diretamente de Roma.

Em 26 de março é inaugurado o Tronco Sul, da Embratel, interligando Curitiba e Porto Alegre.

Realizada a primeira transmissão comercial de televisão via satélite: o lançamento da nave Apolo IX, que realizou experiências de acoplamento com um módulo lunar, em 3 de março. Logo depois, em 16 de julho, outro fato marcante: a imagem de um homem pisando na Lua⁷.

Interligadas via satélite ao Rio de Janeiro e a São Paulo, Porto Alegre e Curitiba agora poderiam se comunicar e compartilhar informações.

Em Janeiro de 1969, o Brasil ingressava na era da comunicação espacial. As ligações por microondas e as transmissões via satélite possibilitavam a integração nacional e a aproximação com o restante do mundo. Tornava-se, enfim, viável a formação de redes de TV. (REZENDE, 2000, p.109)

O avanço tecnológico não seria interesse somente das grandes empresas e das emissoras. O plano de integração nacional já estaria na mira do governo da época. A integração via satélite de todos os estados do maior país da América Latina soava como peça-chave para mostrar o Brasil ao mundo como um país “classe A”. Enquanto isso, a TV Globo na corrida contra concorrência e, fundamentalmente, na corrida por um grandioso projeto de rede, se antecipa e vira notícia.

No dia 30 de agosto, revistas e jornais passaram a estampar o anúncio de mais um feito tecnológico: “Vamos lançar um telejornal para que 56 milhões de brasileiros tenham mais coisas em comum”. O subtítulo explicava: “A partir do dia 1º de setembro, a Edição Nacional do Telejornal da Rede Globo irá ao ar de segunda a sábado, às 19h40, simultaneamente nos estados do Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Guanabara, Minas Gerais e Distrito Federal”. A primeira frase

⁷ Disponível em: http://www.embratel.com.br/Embratel02/cda/portal/0,2997,PO_P_16,00.html acesso em 15/05/2011.

do anúncio arrematava: “A Rede Globo inicia sua arrancada para unir o país pela TV”. (SOUTO MAIOR, 2006, p. 61)

A partir de então, a notícia seria algo em comum entre aquelas unidades federais. A ideia era que milhões de brasileiros fossem informados dos acontecimentos mais importantes do país e do mundo simultaneamente. No dia 1º de setembro de 1969, o “Jornal Nacional” dava início as suas atividades. No relato histórico, os detalhes de sua onipresença através da nova onda tecnológica.

A manchete do primeiro dia informou que o presidente Costa e Silva estava se recuperando de uma crise circulatória e que o governo da nação estava entregue a uma junta militar. Em seguida, foi exibido um filme de 46 segundos com uma declaração do ministro Delfim Netto. Logo depois, Hilton Gomes anunciou a transmissão, *diretamente de Porto Alegre*, terra do presidente Costa e Silva, da repercussão dos acontecimentos. [...] foi possível ainda, ver as primeiras imagens das obras de alargamento da *Praia de Copacabana* e saber sobre a morte do *campeão mundial* de pesos-pesados Rocky Marciano. [...] Após mostrar o 979º gol de Pelé, que garantiu a classificação para o Brasil para a Copa de 1970, *no México*, Cid Moreira se despediu, anunciando para breve a *integração do circuito de Brasília e Belo Horizonte* ao Jornal Nacional: “é o Brasil ao vivo aí, na sua casa”. E emendou com um “boa noite”, saudação que o apresentador viria repetir cerca de 8 mil vezes ao longo dos 27 anos seguintes⁸.

Nesse momento, com estados integrados e recebendo a mesma programação, o modo de fazer jornalismo pedia mudanças. As matérias de interesse local deveriam descer na escala hierárquica, afinal, a regra seria priorizar o interesse nacional. Então, a notícia produzida pelo “Jornal Nacional” deveria chamar a atenção, ao mesmo tempo, de telespectadores de todos os estados que faziam parte da rede. Com o novo modo de fazer jornalismo, a audiência em pouco tempo estava garantida. Já o “Repórter Esso”:

A glória de um e a derrocada de outro. Enquanto o Jornal Nacional imediatamente passava a comandar a audiência entre os telejornais do horário nobre, o Repórter Esso, o porta-voz da multinacional norte-americana revendedora de combustíveis dava seus últimos suspiros no último dia de 1970. O seu desaparecimento representava um modelo dominante no telejornalismo do Brasil durante muitos anos. (REZENDE, 2000, p. 111)

⁸ Grifos da autora servem para destacar a presença simultânea nos locais dos acontecimentos possibilitada pela era das telecomunicações via satélite. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-239077,00.html> acesso em 15/05/2011.

Muitos elementos utilizados pelo “Jornal Nacional” até os dias de hoje, foram resultado de mudanças que o diferenciavam em relação ao antigo concorrente, o Repórter Esso e a todos os outros produtos existentes na época.

Para se diferenciar do modelo consagrado pelo Repórter Esso, que sempre terminava com a notícia mais impactante do dia, o JN concluía o seu noticiário com informações leves, de conteúdo lírico ou pitoresco. Essa matéria de encerramento era conhecida como “boa noite”⁹.

Após a estreia do “Jornal Nacional”, a TV Globo continuou investindo em novos produtos jornalísticos, fossem eles de rede ou apenas locais, mas todos, de alguma maneira, influenciaram na evolução do Jornal Nacional e nas outras produções de rede da casa.

No Rio de Janeiro, em 1967, a população contava com a apresentação do “Telejornal Fluminense” que ia ao ar aos sábados com as principais notícias do estado. Já em 1970, o telejornal “Globo em dois minutos”, que seria o pontapé para o “Plantão Globo” (1974), mostrava os problemas locais de cada estado e tinha Fernanda Marinho como editora chefe.

O ano de 1971 foi marcado pela estreia do “Jornal Hoje”, com foco no jornalismo local e, inicialmente voltado ao público feminino. Este teria sido um dos primeiros telejornais que experimentaram, junto à apresentação de Léo Batista e Luís Jatobá, a presença de mais de uma mulher jornalista em sua bancada. A repórter Sônia Maria apresentava notícias locais, Lígia Maria ficava com a seção de moda e arte.

A edição exibida aos sábados, era ainda mais experimental, onde os assuntos ditos femininos (comportamento, cultura, moda feminina, culinária e astrologia) formavam uma grande fatia do noticiário e as entrevistas com figuras importantes do país eram destaque. Segundo a repórter Glória Maria, “o ‘Hoje’ tinha quase o mesmo peso do ‘Jornal Nacional’, mas com matérias mais descontraídas, já que era um jornal voltado para a mulher”¹⁰.

Oito anos após sua estreia, o “Jornal Hoje” passava a investir ainda mais no público feminino. O cargo de editor chefe deste telejornal, que fora ocupado por muitas

⁹ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-239077,00.html>
acesso em: 31/05/2011

¹⁰ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-237470,00.html>
acesso em: 31/05/2011

profissionais como Fernanda Marinho, Teresa Walcacer e Vera Íris Paternostro era, naquele momento, de Célia Maria Ladeira, que investiu na apresentação realizada por três mulheres, uma inovação do formato na época: Ligia Maria, Sônia Maria e Márcia Mendes sentavam à bancada.

Em 1981, com o crescimento do telejornal, a direção do “Hoje” começava a investir mais em noticiário denso, o perfil conhecido como *hard news*, mantendo, no entanto, a dupla de apresentadoras. Este foi o padrão do telejornal até o ano de 1992 quando, ao lado de Cláudia Cruz, Augusto Xavier assumiu o lugar por onde jornalistas como Márcia Peltier, Sônia Maria, Maria Luísa, Márcia Mendes, Leda Nagle, Leila Cordeiro, Cristina Franco e Valéria Monteiro tinham ocupado por 21 anos. O “padrão casal” começava a ser utilizado no jornal de rede que, sem sombra de dúvidas, teve a maior participação feminina da história da emissora.

Na década de 1990, muitas jornalistas consagradas no jornalismo atual fizeram parte da grade de apresentação do “Jornal Hoje”: Renata Vasconcelos, hoje apresentadora do Bom Dia Brasil; Mônica Waldvogel, que hoje atua como apresentadora e editora de diversos programas nos canais Globo News e GNT; e Fátima Bernardes, que foi editora-chefe do jornal em 1996 e hoje é editora executiva do Jornal Nacional.

Desde 1998, Sandra Annenberg é apresentadora do telejornal. Evaristo Costa divide com ela a bancada de um modelo de “Jornal Hoje” com características mais noticiosas após a estreia, em 1999, do programa “Mais Você”, voltado para o público feminino com apresentação de Ana Maria Braga. Atualmente o “Jornal Hoje” procura equilibrar notícias da atualidade e de variedades.

Alguns assuntos de interesse nacional que não entravam na grade do “Jornal Nacional” encontravam espaço no “Jornal da Noite”, criado em 1974 como solução para o tempo escasso e o volume de informação. Este telejornal chegava também para desafogar a grade do “Jornal Internacional”, de 1972, que noticiava acontecimentos do Brasil e do mundo, mas com a chegada do “Jornal da Noite”, passou a dar foco às notícias de agências internacionais, e às matérias produzidas por correspondentes internacionais. Neste período, a repórter Sandra Passarinho se destacou como correspondente internacional em Londres.

O “Jornal Internacional” foi substituído pelo “Amanhã”, que teria sido um local de experimentações de formatos, que podem ser percebidos até os dias de hoje. O

telejornal apresentado por Márcia Mendes e Carlos Campbell, tinha um tom mais informal; usava projetores no lugar do Chroma Key; trazia inovações no movimento de câmeras – em X –, que mostrava os dois apresentadores de uma só vez; e o uso de imagens da movimentação dos profissionais no próprio estúdio; características aparentes nos telejornais produzidos atualmente pela emissora.

Outro produto muito importante na experimentação de formatos foi o “Bom Dia São Paulo”, de 1977. O telejornal, que também apostava na informalidade, chegava para ocupar um horário diferenciado, a faixa das 6h da manhã. Este programa serviu como base de preparação de entradas ao vivo de repórteres e também foi o pontapé inicial para a criação desse mesmo produtos em diversas outras cidades. O “Bom Dia Rio”, por exemplo, surgiu seis anos após a estreia da edição de São Paulo, assim como a edição nacional, o “Bom Dia Brasil”, surgiu neste ano.

No entanto, o “Bom Dia São Paulo” teve um papel muito importante no que diz respeito a uma mudança-chave para a TV Globo e, em especial, para o “Jornal Nacional” para a reconquista de sua credibilidade frente ao público: o uso do âncora.

3.1. Revolucionando formatos

Novos formatos propostos pela TV Globo, experimentados em jornais locais e que ganharam maior dimensão ao serem utilizados em jornais de rede, foram diluindo antigos modelos guiados pela herança radiofônica, como teria acontecido no caso do “Repórter Esso”, que, desde 1969, com a chegada do “Jornal Nacional”, já não era o único na liderança.

O “padrão Globo de qualidade”: a limpeza e a clareza nos cenários; o uso correto da linguagem com a entonação certa – dando o ritmo que impedia o cansaço do telespectador; o uso dos videotapes e dos efeitos especiais; contribuiu

Para construir um modelo de apresentação “requitado e frio, pretensamente objetivo” [...] no propósito de, por uma aparente neutralidade e formalismo, projetar, para o telespectador, uma imagem de isenção na abordagem dos fatos (REZENDE, 2000, p. 115)

Quando o fim do improviso foi eliminado pela TV Globo, principalmente em 1969, o telespectador passou a ter um encontro marcado todas as noites com os apresentadores do “Jornal Nacional”: todos homens, sempre em dupla e tinham as mesmas características básicas: boa imagem, dicção perfeita, respiração eficiente e gestos calmos e precisos.

O “Jornal Nacional” levava todas as noites aos lares brasileiros o que de mais importante acontecia no país e no mundo. Mas nem tudo na história do jornal de rede da TV Globo foi sempre elogiado. Durante a ditadura militar, a TV Globo foi criticada e acusada, principalmente, por estar supostamente alinhada ao regime. “Sobre política, a televisão foi omissa ou, como querem os produtores de seus noticiários, obrigada a ficar omissa” (MAIA apud REZENDE, 200, p. 115).

Acusações mais profundas têm a TV Globo como resultado do financiamento do governo militar em associação com uma empresa norte-americana no ano de 1965, fato que foi desmentido pela emissora:

Roberto Marinho seguiu dando apoio aos militares. Ele acreditava na vocação democrática do presidente Castello Branco e na eficácia da política econômica desenvolvida por Roberto Campos e Octavio Gouvêa de Bulhões. [...] Desta forma, nenhuma das concessões obtidas pela TV Globo foi dada pelos militares¹¹.

A inauguração da TV Globo ocorreu em 26 de abril de 1965. Dois meses depois, Carlos Lacerda denunciaria como ilegais as relações da emissora com o grupo Time-Life. [...] [Depois de CPI] a situação da TV Globo ficou oficialmente legalizada. Mesmo assim, Roberto Marinho resolveu encerrar o contrato de assistência técnica com o Time-Life e ressarcir o grupo americano do dinheiro desembolsado. Através de empréstimos, tomados em bancos nacionais, e empenhando todos os seus bens pessoais, pôs fim ao acordo com o Time-Life em julho de 1971.

Sendo assim, a transmissão simultânea de um jornal para milhões de brasileiros, nos moldes globais, era interpretada como instrumento do regime para exercer o controle sobre a população. Aliada a esse panorama, estava a política de crédito fácil, que incentivava o consumo dos aparelhos televisivos. O que teria sido primordial para o sucesso das emissoras de televisão no país, em especial, a TV Globo.

Entre 1967 e 1969, a venda de televisores em preto-e-branco aumenta 24,1%. Nos anos 1960, a televisão adotará a estratégia de popularização da sua programação, capitaneada pelo aumento de consumo possibilitado também pela política expansionista de crédito. Por outro lado, frente a um regime autoritário, os veículos de comunicação passam a exercer papel de difusores ideológicos. (BARBOSA, 2007)

¹¹ Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5270-p-21891,00.html> acesso em 01/06/2011.

No início da década de 1970, período pós-Ato Institucional nº 5, que enforcava o cidadão impedindo a liberdade de expressão, a TV Globo estaria claramente mais preocupada com o formato do que com o conteúdo. O “Jornal Nacional”, nos seus primeiros anos, ao priorizar a forma, estaria demonstrando que os interesses defendidos no noticiário se alinhavam aos – ou eram manipulados por – interesses do governo.

Era momento de mudar novamente. Dessa vez, não seria uma mudança revolucionária, como aconteceu entre os anos 1969/1970, tampouco uma mudança que destacasse o “Jornal Nacional” dentre os demais. O momento era outro. As mudanças eram internas, de conteúdo.

3.2. Mudanças em si.

“Depois de tantos anos acorrentada à censura, a Globo precisava reaprender a prática de um jornalismo que superasse o limite do primor formal para conquistar a qualidade também no conteúdo” (REZENDE, 2000, p. 119). O “Jornal Nacional” pairava como um jornal acrílico, que estaria preso e guiado pelas rédeas da censura, mas que agora, precisava aprender a criticar.

O uso dos comentaristas era uma das soluções, mas com a obrigatoriedade do diploma (uma resquício do regime), esse tipo de profissional já não estava disponível. A mudança, então, não seria da noite para o dia. A casa, que já valorizava seus profissionais de jornalismo no que dizia respeito à figura e a forma, passaria a investir em treinamento e qualificação do conteúdo. A ideia, então, pareceu clara para Evandro Carlos de Andrade, o diretor da Central Globo de Jornalismo da época e Amauri Soares, editor chefe do “Jornal Nacional” no período.

Em março de 1996, Cid Moreira e Sérgio Chapelin [...] marca registrada do Jornal Nacional, foram substituídos por William Bonner e Lilian Witte Fibe. O objetivo da mudança foi projetar, como apresentadores, jornalistas profissionais [...] Buscava-se, assim, dar maior credibilidade às notícias¹².

Mudanças foram e são necessárias, mas a que ocasionou uma profunda mudança em si mesmo, além de configurar um impacto para o público, foi a mudança desses dois ícones do jornalismo na TV, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, por duas imagens novas no balcão platinado da emissora.

¹² Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-239077,00.html> acesso em 31/05/2011.

Apesar de ter havido uma experimentação anterior nos outros telejornais da casa, onde por muitos anos, os apresentadores não eram mais apenas os locutores da notícia, a trocar desses apresentadores no “Jornal Nacional” por jornalistas na bancada não foi indiferente para o público. Além de pensar em enriquecer o conteúdo do telejornal, a emissora também teria se preocupado com os índices de audiência, então as mudanças, ainda que impactantes, não foram radicais.

Segundo Vera Íris Paternostro, mudanças editoriais e de formato realizadas no “Jornal Nacional” sempre foram pensadas com muito cuidado. Quando houve a mudança dos apresentadores que sentavam à bancada, isso não foi imposto ao público, confirmando a frase anterior: “a mudança, então, não seria da noite para o dia”.

Em um jornal de rede, como é o Jornal Nacional, com um alcance muito grande, as mudanças têm sempre que ser feitas com cuidado, com atenção ao telespectador. Você não pode radicalmente mudar tudo sem ir avisando ‘devagarinho’ (SIC) que você está mudando. Porque ele rejeita. [...] Quando as coisas caminham por um processo natural, elas mudam e as pessoas [...] podem até discutir, mas têm uma tendência maior de aceitação. [...] A televisão se preocupa muito com essa terceira pessoa, que é a pessoa do outro lado da câmera¹³.

Mudanças continuaram a acontecer, mesmo depois da consolidação do “Jornal Nacional” como o líder de audiência do país. No entanto, estas mudanças aconteceram muito mais em busca da competição consigo mesmo, do que com a competição externa. A necessidade de se fazer presente nos maiores e mais importantes acontecimentos do planeta, por exemplo, é uma característica inerente ao “Jornal Nacional”, o que fazia dele um pioneiro¹⁴, pois as mudanças em relação a si, era, automaticamente, em relação aos demais.

Nos últimos anos, coberturas foram realizadas no mundo todo, o que demonstrava a capacidade técnica do “Jornal Nacional” e a força que o produto teria para levar, ao mesmo tempo, informações para milhões de lares brasileiros. Pessoas que tinham apenas aquele televisor como janela para os acontecimentos do mundo. Esta foi uma realidade no país durante muitos anos. “[...] O “Jornal Nacional”, ainda era a principal, quando não a única, referência informativa para a maioria dos brasileiros”. (REZENDE, 2000, p.143)

¹³ Entrevista à autora em 31/05/2011.

¹⁴ “Diz-se de serviço, iniciativa, idéia (SIC), etc., que abre caminho para outros similares.” (AMORA, 2003, p. 546)

Segundo o *editor chefe* adjunto do “Jornal Nacional”, Luiz Fernando Ávila, “querer chegar aos locais, querer fazer uma coisa diferente”¹⁵, é uma mudança que decorre de uma demanda interna: “A gente está permanentemente querendo fazer uma coisa diferente. E a gente está permanentemente fazendo coisas diferentes”¹⁶.

O crescimento econômico seria um dos motivos que propiciaram esse modo de fazer jornalismo. O inchaço financeiro da emissora teria modificado a estrutura física das próprias redações e de suas afiliadas, possibilitando a propagação física de seus braços, facilitando a onipresença, como Luiz Fernando Ávila argumenta:

Hoje você tem uma rede de mais de 100 afiliadas no país inteiro. Você tem correspondentes em várias partes do mundo. Você tem escritórios de jornalismo e emissoras de jornalismo em Nova York. Você tem correspondentes em Jerusalém. Correspondentes em Portugal, na França. [O Jornal Nacional] mudou muito¹⁷.

Com toda essa estrutura, não há como deixar de se diferenciar dos demais e de si mesma (em relação a uma estrutura no passado). As coberturas de eventos mundiais antes eram inatingíveis e hoje são uma realidade. Luiz Fernando Ávila lembra:

Hoje não acontece nada no mundo em que a gente não consiga botar um repórter no local do acontecimento. O grande marco disso foi a tsunami da Ásia, quando nós conseguimos pela primeira vez fazer uma transmissão ao vivo de um local tão distante no momento que vivia uma tragédia, a maior tragédia da história do planeta. A gente conseguiu chegar até lá. Desde então nós temos só evoluído em tornar o Jornal Nacional cada vez mais presente em todas as partes do mundo. Se aquela época [de estreia do JN] o grande diferencial do Jornal Nacional foi fazer o jornal de rede nacional, hoje, eu diria que é o jornal que está presente no mundo inteiro a todo o momento. A gente não demora em chegar aos locais. A gente chega rapidamente a todos os locais onde acontece qualquer coisa. Esse é o grande avanço que hoje nós temos em termos de cobertura jornalística dos grandes fatos do mundo. Se você se lembra, você não vai ver um grande fato do mundo em que a gente não estivesse presente, com repórter no local, muitas vezes em transmissões ao vivo¹⁸.

A onipresença com uma ampla cobertura foi, segundo Ávila, sentida pelo público, que passou, ainda mais, a permitir a entrada do “Jornal Nacional” nos seus

¹⁵ Entrevista à autora em 01/06/2011.

¹⁶ Entrevista à autora em 01/06/2011.

¹⁷ Entrevista à autora em 01/06/2011.

¹⁸ Entrevista à autora em 01/06/2011.

lares em diferentes momentos da história, resultado da credibilidade que as mudanças ocorridas agregaram ao produto.

Houve, no entanto, um período em que a emissora perdeu muitos pontos nas pesquisas de audiência. Este período de queda foi relacionado por Bucci ao amadurecimento da própria televisão, que passava a oferecer um leque maior de opções e à possibilidade de escolha dos televisionados no país (BUCCI apud REZENDE, 2000, p.139). Outro fator que teria colaborado para a mudança nos níveis de audiência da emissora foi a chegada dos canais especializados em jornalismo por assinatura teria intensificado a queda da audiência. Era a propagação da TV paga.

“O crescimento da TV por assinatura acabou se transformando por outro lado numa das causas da queda de audiência das televisões abertas, com clara repercussão na área do telejornalismo. O Jornal Nacional, por exemplo, teria perdido, nesse período, 23 pontos de audiência caindo de 60 para 37” (REZENDE, 2000, p.139)

Esse curso natural da vida midiática no mundo – “a modernidade e a democracia” (BUCCI apud REZENDE, 2000, p. 139) –, que seria configurado pelo aumento de opções de entretenimento televisivo para um público que “já não mora[va] em um curral eletrônico[, que] quer[ia] e pode[ria] variar” (idem), não foi exceção no Brasil. À TV Globo e ao “Jornal Nacional”, outras produções se punham concorrentes. E, mesmo com o aumento do número de telejornais produzidos por outras emissoras, o “Jornal Nacional” continuava mantendo a liderança, como fala Fátima Bernardes: “Durante muito tempo os jornais das outras emissoras não estavam nem no mesmo horário. Eles procuravam escapar. Até hoje, não há nenhum jornal que vá ao ar no mesmo horário que o “Jornal Nacional”. Havia uma tentativa de não concorrer”¹⁹,

Concorrência, apesar de existir, não teria sido motivo para as mudanças ocorrerem no jornalismo da emissora. A manutenção do status de jornal com maior audiência do país sempre foi uma meta secundária, que não estava em pauta, segundo o editor chefe adjunto Luis Fernando Ávila. Ser líder seria o rumo natural das coisas²⁰. E, se a preocupação com a concorrência não era, em linhas gerais, aterrorizante para a

¹⁹ Entrevista à autora em 01/06/2011.

²⁰ Entrevista à autora em 01/06/2011

emissora, o que dizer dos índices de audiência que, década de 1990, decresceram dos comuns 50 pontos, para a escala dos 30, acontecimento impensável para a TV Globo²¹?

Para isso, mais mudanças em si. A queda de audiência do “Jornal Nacional”, vista por Alberto Dines como uma “trajetória previsível das redes abertas” (REZENDE, 2000, p. 140) provocou mudanças que foram lembradas pelo jornalista no momento em que muito se falava do fato de essa audiência ter sido perdida para outros canais da TV brasileira. “O Padrão Global de Qualidade Jornalística [...] esta[va] no caminho certo para [...] chegar às necessidades de contextualização e continuidade. [...] Matérias mais longas, mais esclarecimentos, [...] mais serviço público, [...] mais densidade, mais crítica” (DINES apud REZENDE, 2000).

Apesar de a audiência ter decrescido durante essa década, e mudanças terem ocorrido de fato, o editor Luiz Fernando Ávila afirma que os índices nunca direcionaram as decisões tomadas na linha editorial:

A gente muda para alcançar as pessoas, mas não que a audiência nos dirija. [...] A audiência nunca – e eu estou aqui há muito tempo – nunca nos foi cobrado no sentido de que você tenha que ter uma audiência muito grande, que você tenha que fazer um jornal mais popular. [...] Isso não existe. O nosso interesse é que as pessoas nos escutem e nos entendam, principalmente. Se a gente desconhecer isso, nós vamos perder a audiência²².

Muitos profissionais que estão no “Jornal Nacional” foram responsáveis, junto à estrutura empresarial da Rede Globo, pela disparada do produto na lista dos mais assistidos hoje no país. O aprimoramento técnico e a vontade de fazer nas redações das “mais de 100 afiliadas” e a preocupação com o se fazer entender e se fazer chegar ao outro lado do canal, teriam feito com que o jornal se firmasse, depois de 42 anos, segundo Luiz Fernando Ávila, como um “jornal bom”:

Por que alguém, que passou o dia inteiro lendo internet, assistindo televisão, vai parar às oito e meia da noite para assistir um jornal? Porque o jornal é bom. Ele vai trazer um diferencial. Porque a gente ainda consegue ter uma audiência fantástica em termos do mundo inteiro (pouquíssimos jornais no mundo chegam perto da gente em termos de audiência)? Porque o jornal é diferente. As pessoas sabem que a gente vai mostrar um pouquinho mais do que eles leram, um pouquinho mais do que eles ouviram. A gente sempre tem isso²³.

²¹ Informações em REZENDE, 2000, p. 140

²² Entrevista à autora em 01/06/2011

²³ Entrevista à autora em 01/06/2011

Considerar um produto “bom” em televisão é tarefa muito complexa e ainda muito discutida. Como acima citado, Luiz Fernando Ávila enumera motivos que fazem o jornal ser considerado “bom”: ter um diferencial em relação aos demais; ter níveis de audiência fantásticos; mostrar mais do mesmo; além disso, ele também fala sobre a qualidade do texto que resulta em uma abrangência do jornal na tentativa de atingir todas as classes sociais: “Há uma preocupação muito grande em falar, não para uma determinada classe social”, como afirma Ávila²⁴.

Determinar qualidade é sempre considerar uma margem de discordância para mais, ou para menos. É possível, no entanto, comparar a tentativa de situar a questão da qualidade no telejornalismo, à tentativa de Arlindo Machado ao citar Mulgan, para explicar a qualidade na televisão:

Geoff Mulgan enumera pelo menos sete diferentes acepções da palavra “qualidade” em circulação nos meios que discutem a televisão. Qualidade pode ser (1) um conceito puramente técnico, a capacidade de usar bem os recursos expressivos do meios[...]. Esse conceito encontra-se difundido principalmente entre os profissionais que fazem televisão. Na direção contrária, qualidade pode ser (2) a capacidade de detectar as demandas da audiência (análise de recepção) ou as demandas da sociedade (análise de conjuntura) e transformá-las em produto, abordagem predileta dos comunicólogos e também dos estrategistas de marketing. A qualidade pode ser também (3) uma particular competência para explorar os recursos de linguagem numa direção inovadora, como requer a abordagem estética. Já a abordagem que Mulgan chama de “ecológica”, identificada com o ponto de vista dos educadores e religiosos, prefere privilegiar (4) os aspectos pedagógicos, os valores morais, os modelos edificantes e construtivos de conduta que a televisão está potencialmente apta a promover. Mas se a televisão é vista como um ritual coletivo, a qualidade pode estar (5) no seu poder de gerar mobilização, participação, comoção nacional em torno de grandes temas de interesse coletivo, abordagem melhor identificada com o ponto de vista dos políticos, sejam eles de esquerda ou de direita. Outros, pelo contrário, podem encontrar mais qualidade (6) em programas e fluxos televisuais que valorizem as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos, em vez de a integração nacional e o estímulo ao consumo. Por fim, se é difícil conciliar tantos interesses divergentes, a qualidade pode estar (7) simplesmente na diversidade, o que significa dizer que a televisão seria aquela que abrisse oportunidades para o mais amplo leque de experiências diferenciadas. (MACHADO, 2003, pp. 24-25)

Através do discurso de Mulgan em Machado, o “Jornal Nacional” poderia ser enquadrado, se comparado ao discurso de Luiz Fernando Ávila, em pelo menos, nos

²⁴ Entrevista à autora em 01/06/2011

pontos (1) já que usa seus aparatos técnicos para “cada vez fazer um jornal mais rápido, mais presente”; e (2) quando usa o texto de qualidade para falar a todas as classes sociais “A gente tenta fazer a um jornal que seja ouvido por todo mundo”²⁵, afirmou Luiz Fernando Ávila.

Quando comparado ao discurso da apresentadora Fátima Bernardes, é possível identificar o ponto (3):

Como é que você trata um assunto longo em um telejornal [...] como “fronteiras brasileiras”, [...] ou uma “Reforma Tributária”? As pessoas não aguentam assistir uma matéria de 20 minutos de Reforma Tributária [...]. Quando você começa a ter as séries no Jornal Nacional, [...] você reinventa um jeito de fazer, porque você permite que um mesmo assunto seja tratado em cinco dias, sem que sejam capítulos que te obriguem a assistir. [...] você nunca vai terminar uma matéria de uma série sem conclusão daquele gancho [...] no final da semana você vai ter uma visão ampla, mas, se você perdeu algum, não vai te impedir de entender, porque não é novela. A gente passou a poder tratar de assuntos que antes a gente não tratava.²⁶

Já no discurso de Vera Íris Paternostro, o ponto (2):

Acho que a fórmula do casal [de apresentadores na bancada] é muito acessível à maioria da população no sentido de família, porque, os outros eu não sei, mas o Jornal Nacional tem uma característica de ser assistido às 20h, quando a família está reunida em casa. É um programa, então você há de convir que um casal apresentado para uma família é muito mais agradável, aconchegante, confortável e, principalmente, prende mais a atenção²⁷.

Definidos os termos que exemplificariam, ou justificariam, a consideração desses profissionais a respeito da qualidade do “Jornal Nacional”, seria preciso entender que tipo de profissional seria esse que direcionaria, ou iria contribuir para que o produto alcançasse este patamar de “jornal bom”.

²⁵ Entrevista à autora em 01/06/2011

²⁶ Entrevista à autora em 01/06/2011.

²⁷ Entrevista à autora em 31/05/2011.

4. O âncora do Jornal Nacional

O modelo que o “Jornal Nacional” utilizou, que seria o modelo norte-americano de ancoragem – onde o jornalista é o apresentador e editor da notícia –, e que fora aplicado experimentalmente nos telejornais locais, fez com que o profissional não fosse apenas editor ou locutor da notícia. Com isso, ele facilitava o trabalho de toda a equipe na redação – já que seriam mais dois jornalistas trabalhando – e frente às câmeras – agregando segurança e credibilidade à fala do apresentador.

No “Jornal Nacional”, a mudança dos locutores da notícia por jornalistas aconteceu em 1996. Alguns anos mais tarde, em 1999, William Bonner, um dos âncoras de então, foi promovido e passava a acumular os cargos de apresentador e editor chefe do jornal. O editor chefe adjunto, Luiz Fernando Ávila, fala sobre o que o William Bonner representa hoje no “Jornal Nacional”:

Ele criou um padrão para o Jornal Nacional. Um padrão de texto, padrão de abordagem. [...] Quando você cria um padrão de telejornal, as coisas ficam mais fáceis. [...] Então, o papel dele é o de comandante do Boeing, que é como a gente chama. Ele é o cara que comanda o jornal em todos os seus aspectos. Isso é uma característica do William Bonner no Jornal Nacional²⁸.

Entretanto, “criar” um padrão para um jornal, que tem mais de 40 anos de existência, não poderia significar uma modificação radical quanto ao conteúdo e à forma, de uma maneira que destoasse completamente do modelo engessado apresentado ao longo desses anos, apontado por críticos de comunicação, como sendo um modelo enunciador de um discurso historicamente tendencioso. Até porque trata-se de um veículo – a televisão – que é:

O meio hegemônico por excelência da segunda metade do século XX, e, de fato, teorias inteiras sobre o modo de funcionamento das sociedades contemporâneas têm sido construídas com base na inserção desse meio nos sistemas políticos ou econômicos e na molduragem que ele produz nas formações sociais ou nos modos de subjetivação. (MACHADO, 2003, p.15-16)

Por isso, o modelo de jornalismo hipoteticamente “criado” por William Bonner não teria passado, na realidade, de um modelo “re-criado” (criado em cima de um pré-existente) por uma criatura da casa, o próprio jornalista. Talvez, o papel desse editor tivesse sido apenas de “aparador das sobras”, o que, de fato, melhorou o modo de fazer jornalismo, ajustando o formato e o conteúdo às novas demandas, chegando à conclusão

²⁸ Entrevista à autora em 01/06/2011

de que “o aprimoramento da imagem, do formato de notícias e do formato de se transmitir notícias, foi evoluindo”²⁹, reforça Luiz Fernando Ávila.

Desde a implantação da TV Globo, essa realidade engessada não teria sido modificada, apesar de todos os esforços em aprimoramento técnico, de abordagem e de eficiência serem sempre a meta dos profissionais da emissora, até porque, afirma o editor chefe adjunto, Luiz Fernando Ávila: “As pessoas gostam de ver qualidade no que estão vendo no ar, de ter uma qualidade de texto, que [no Jornal Nacional] é superior a qualquer outro”³⁰.

Seguindo as explicações de Arlindo Machado, o chamado “modelo polifônico de informação”, como é o do “Jornal Nacional”, dá ao âncora um papel importante de condutor impessoal da notícia, mas nunca de interpretador e opinador (MACHADO, 2003, p. 109) – papel que caberia fundamentalmente aos comentaristas, que “poderia ter uma visão mais descontraída que o locutor” (CARVALHO apud REZENDE, 2000, p. 120).

Ao estar inserido no modelo polifônico, William Bonner:

Expressa uma opinião mais difusa de um corpo de redatores [...] que evitam, sempre que possível, dizer o que pensam sobre a notícia (mas não é vetado, aos entrevistados e as testemunhas oculares, tomar posição diante dos acontecimentos e manifestar emoção ou indignação em relação a eles. (MACHADO, 2003, p. 108)

Como não é vetado aos repórteres e editores escolher que vozes serão exibidas em uma edição, este modelo de telejornalismo

Pode ser acusado, não sem razão, de tentar mascarar o fato de que toda produção de linguagem emana de alguém, ou de um grupo, ou de uma empresa, portanto nunca é o resultado de um consenso coletivo, mas de uma postura interpretativa “interessada” diante dos fatos noticiados. (MACHADO, 2003, p. 109)

Portanto, como a aprovação das matérias e a escolha das “vozes” são feitas pelo editor chefe; ele, supostamente, como sujeito influenciador de um todo, teve e ainda teria junto aos quereres de uma equipe plural, todas as ferramentas para propor uma tentativa de modificação, mesmo que de maneira mais próxima da impessoalidade, característica da polifonia no telejornalismo.

²⁹ Entrevista à autora em 01/06/2011

³⁰ Entrevista à autora em 01/06/2011

Tal conduta poderia resultar em mudanças da condição de defensora de interesses de uma minoria dominante, que, segundo Eduardo Coutinho teria apenas o objetivo de “determinar o sentido da realidade, exercer sua liderança intelectual e moral sobre o conjunto da sociedade” como foi e é visto o discurso da Rede Globo de Televisão:

5. “A” âncora e o Jornal Nacional

O “Jornal Nacional”, depois de mais de 20 anos de existência, recebe em sua bancada uma mulher. “Veio a Lilian Witte Fibe, a primeira mulher apresentadora [do “Jornal Nacional”]. O motivo foi trazer uma mulher de economia”³¹, afirma Vera Íris Paternostro. Lilian Witte Fibe, que participava dos telejornais da TV Globo desde o final da década de 1980.

Em janeiro de 1984 a Globo me chamou para ser repórter de economia, inicialmente no Jornal da Globo. Acho que eles gostaram, porque fiz uma primeira reportagem e na segunda já me pediram para fazer para o Jornal Nacional. [...] Fiquei fazendo reportagens de economia para o Jornal Nacional, entre 1984 e 1985, quando Tancredo Neves estava morrendo. Em 1987 [depois de sair da emissora e apresentar o programa Sete Minutos na TV Bandeirantes], a Globo ia lançar um programa chamado Globo Economia [...]. Em 1988/89, Boni resolveu acabar com o Globo Economia e embutí-lo no Jornal da Globo, e tive que passar a fazer uma coisa mais enxuta. Comecei também a fazer comentários de economia para o Jornal Nacional. Em março de 1990, Collor toma posse, faço aquela antológica entrevista com Zélia Cardoso de Melo, [...] e aos poucos vou sumindo das câmeras da Globo. Não sei por que, não me pergunte por que, mas comecei a ser menos usada. Continuava a fazer meus comentários no Jornal da Globo, mas para o Jornal Nacional, por exemplo, nunca mais ninguém me chamou. (WITTE FIBE apud ABREU e ROCHA, 2006)

Com isso, recebeu propostas de outras emissoras para, inclusive, exercer o papel de âncora, tendo sido muito bem sucedida, o que a fez ser convidada a voltar para a TV Globo, inclusive para o “Jornal Nacional”, desta vez, como apresentadora. Vera Íris Paternostro lembra que:

Na verdade, antes, os apresentadores não eram jornalistas. Eles não exerciam as funções de jornalistas, apenas de apresentadores. A Lilian trouxe essa mudança, além de ela ser mulher, na verdade ela era jornalista e mulher, o que significava uma quebra, realmente de paradigmas no Jornal Nacional³².

Ela chega ao “Jornal Nacional” algum tempo depois de ancorar o “Jornal da Globo”, telejornal com tradicional viés econômico e político. Por isto, Vera Íris afirma que:

A Lilian entrou, na verdade, depois daquela história do Collor. Ela foi uma presença muito forte e já apresentava o Jornal da Globo. [...] Ela ficou muito identificada com a população [...] porque ela questionou

³¹ Entrevista à autora em 31/05/2011

³² Entrevista à autora em 31/05/2011

como as pessoas estavam sentindo, [quando foi] confiscado todo o dinheiro da poupança [e] o Brasil ficou atônito. A Lilian foi questionar o plano econômico em Brasília e foi além do papel dela de jornalista³³.

Não era para menos: dois anos antes da chegada de Lilian na bancada do “Jornal Nacional”, o país passava por mais uma tentativa de recuperação da economia. A implantação do plano real foi a última das tentativas de restabelecer a solidez da economia brasileira frente a uma série de crises inflacionárias ocorridas até então.

O Plano Cruzado foi só inicialmente bem-sucedido. Havia muita expectativa em relação à capacidade do real combater a inflação [...]. A paridade do real ao dólar, com a campanha do plano lançada em meio a uma propaganda eufórica que contrastava o futuro sucesso desta agenda econômica ao fracasso de projetos econômicos anteriores como o Cruzado e o Collor II. Analistas econômicos que examinaram o legado do real enfatizaram que este trouxe estabilidade econômica ao Brasil, mas a um custo de recessão e perda dos ganhos sociais inicialmente conquistados. O plano foi largamente bem-sucedido nos primeiros dois anos por causa da drástica redução da inflação, o que interrompeu o processo de hiperinflação dos últimos 30 anos. As camadas mais baixas da população começaram a ser incluídas pela primeira vez como consumidores no emergente “mercado de massa” do Brasil, com o real tendo tido um impacto inicial na redução da pobreza. (MATOS, 2008, p. 153)

A chegada de Lilian Witte Fibe, em 1996, além de representar uma quebra nos padrões iniciais do formato do “Jornal Nacional” e uma mudança interna de trabalho com a inclusão dos apresentadores na editoria; foi também a chegada de um profissional que, anos antes, vinha se especializando e passou a ser reconhecidamente uma jornalista com foco em economia e política, dois assuntos-chave da época. Assuntos nos quais a mulher foi conseguindo espaço gradualmente ao lado dos muitos homens que dominavam essas editorias. “Os assuntos ‘sérios’ eram reservados aos homens. Essa situação era mais visível no jornalismo econômico, ao qual as mulheres não tinham acesso”. (ABREU e ROCHA, 2006, p.11)

Dentro do jornalismo, o espaço ocupado pela mulher era muito menor do que o ocupado hoje. Tradicionalmente as jornalistas do sexo feminino eram utilizadas para assuntos exclusivamente voltados para a massa feminina ou “assuntos mais leves”.

Até os anos 60 as mulheres entravam nas redações confirmando o seu papel feminino, ocupando espaço nos cadernos ou nas revistas femininas, nas seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou escrevendo

³³ Entrevista à autora em 31/05/2011

crônicas e contos voltados para o público feminino. (ABREU e ROCHA, 2006, p.11)

Nos anos iniciais do telejornalismo nacional não foi diferente: “Nathália Timberg apresentando as ‘amenidades e notícias dirigidas às mulheres’”, ou “Irene Ravache, esta que ‘apresentava o bloco cultural e chegou fazer reportagens externas’”; Edna SAVaget, que criou a sessão feminina na TV Globo; ou ainda todas as listadas anteriormente (Ilka Soares, Ligia Maria, Sonia Maria, Leda Nagle, Márcia Peltier, Maria Luísa, Márcia Mendes, Leila Cordeiro, Cristina Franco e Valéria Monteiro), mulheres que, apesar de jamais deixarem de ter as suas competências reconhecidas no jornalismo que fizeram, seja ele classificado como feminino, ou masculino, estiveram, pelo menos, em parte submetidas as suas realidades históricas: de mulher que tratava de assuntos que homens não tratavam, ou não queriam tratar.

Esta realidade é confirmada nos telejornais da própria emissora, criados posteriormente ao “Jornal Nacional”, como o “Jornal Hoje” que, inclusive, contava com a participação feminina predominando a bancada de apresentação, já que era um jornal voltado para o público feminino.

Naquela época ele era mais feminino, é verdade. Porque se dizia – o que é uma mudança de vida, de situações. Isso foi na década de 1980 – que era um jornal visto por mulheres, que era um jornal da hora do almoço. Então ele tinha uma pincelada de noticiário *hard news*, uma pincelada – não deixava de dizer: falava de política, de Brasília, de economia, do mundo e tudo – mas ele tinha uma pegada bastante feminina. E tinha entrevistas, assuntos mais ‘leves’ como a gente falava. Realmente ele tinha a apresentação de duas mulheres: Sônia Maria e Lígia Maria, depois a Leda Nagle. Acho que isso é uma questão de época. [...] Acho que a gente não pode associar que um jornal pesado tem que ser com homem e mulher, e o jornal leve, com mulher e mulher. Acho que isso existia no Jornal Hoje naquela época. Quando ele tinha essa característica de ser um jornal feminino³⁴. (Vera Íris Paternostro)

A partir da mudança na bancada, é possível perceber que as mudanças das funções da mulher também estavam acontecendo dentro do jornalismo. A chegada de Lilian no “Jornal Nacional” – apesar de ela não ter sido a pioneira em assuntos econômicos e políticos, tampouco a primeira mulher a sentar na bancada de um telejornal de rede – também representava a confirmação da ocupação da mulher em áreas predominantemente masculinas na sociedade. No caso do “Jornal Nacional”, além

³⁴ Entrevista à autora em 31/05/2011

de local predominantemente masculino, era um espaço grandioso de difusão da informação.

O primeiro editor chefe de um telejornal de rede da televisão não foi um editor, mas uma editora. Alice-Maria foi a primeira editora chefe do “Jornal Nacional”. A jornalista começou cedo na TV, aos 21 anos, e aos 25 já era diretora de jornalismo no Rio de Janeiro. Alice-Maria viveu profissionalmente em um período em que os homens eram a maioria e as mulheres começavam a sair de seus nichos para “invadir” as redações.

Ao fazer uma comparação de Alice-Maria com a mulher nos locais de poder citada em Renzo Taddei: “Na área rural do nordeste brasileiro, só havia um pequeno espaço nas narrativas de liderança política local para as mulheres que apresentassem um comportamento visto localmente como masculino³⁵”. (TADDEI e GAMBOGGI, 2009, pp. 150-151), a jornalista não é fisicamente parecida com um homem. No entanto, é muito mais levado em conta as suas atitudes e sua maneira de pensar.

A vida inteira eu tive o pé no chão. [...] Não tenho a mínima purpurina, graças a Deus. Muitas pessoas me perguntam se eu não tinha problema por ser mulher. [...] Eu me lembro de um elogio que recebi certa vez de um colega de engenharia: “Você trabalha tão bem quanto um homem!” [...] Havia uma época em que eu era a única mulher na redação. [...] *Na verdade, nunca me senti nem mulher nem jovem na redação*³⁶. (REINIGER apud ABREU E ROCHA, 2006, p.205)

Não se sentir mulher, neste caso, poderia ser encarado como uma negação da condição feminina e da capacidade da mulher para exercer o cargo.

Mesmo em tempos diferentes, quando a mulher já não é minoria e, sim maioria nas redações, a postura de Lilian Witte Fibe, quando chega à bancada do “Jornal Nacional”, pode ser interpretada deste mesmo modo. Dizer que a chegada de Lilian Witte Fibe configurou uma mudança da linha editorial no “Jornal Nacional” como mulher não é certo. O que aconteceu foi uma identificação do “Jornal Nacional” com o seu trabalho como jornalista.

³⁵ Tradução livre da autora para “In the rural world of the Brazilian Northeast, there seems to have been little space for women in traditional narratives on political leadership, unless these women replicate behaviors locally seen as masculine”.

³⁶ Os itálicos são da autora para destacar a frase em que Alice-Maria afirma nunca ter se sentido mulher nas redações da TV Globo.

O discurso era o mesmo, mas uma mudança muito importante acontecia: a penetração nos lares aumentava. Da mesma forma que o “Jornal Nacional” se identifica com o trabalho de Lilian Witte Fibe, o público feminino passaria a se identificar mais com a figura feminina na bancada. Eis o ingrediente para a permanência do telejornal nos lares e a legitimação do discurso da TV Globo com a “permissão” das mulheres, agora representadas em um local de poder, a bancada:

As bancadas reais ou imaginárias separam os locutores da teleaudiência. Elas funcionam como uma espécie de altar profano de onde a ‘verdade’ é proferida para o consumo público. A importância da bancada é tão grande que quando alguém que não é locutor senta-se diante dela é porque foi objeto de deferência especial³⁷.

Vera Íris Paternostro é taxativa:

Acho que a fórmula do casal é muito acessível à maioria da população no sentido de família, porque o Jornal Nacional – os outros eu não sei – tem uma característica de ser assistido às 20h, quando a família está reunida em casa, aquilo é um programa. Então, você há de convir que um casal apresentando para uma família é muito mais agradável, aconchegante, confortável, e principalmente prende mais a atenção³⁸.

E, já que a emissora encara a audiência como sendo secundário ao discurso, está incluída na chegada de Lilian Witte Fibe na bancada do “Jornal Nacional”, a conquista da audiência da maior fatia do público daquele horário (o jornal é exibido entre dois “produtos femininos”: as novelas). Aquele era um momento em que o perfil do público leitor e do público espectador dos telejornais estava mudando no país:

“O que aconteceu nas últimas décadas, paralelamente à entrada das mulheres nas redações, foi que o público leitor também mudou. As páginas de política, de assuntos internacionais, de economia, e de esportes em geral não eram lidas pelas mulheres. Hoje o público feminino se interessa por todos os temas, e as mulheres são assíduas leitoras das páginas de política e economia” (ABREU e ROCHA, 2006, p.11)

O fato de a mulher passar a se identificar com a presença de uma mulher na bancada do “Jornal Nacional” também acontecia internamente. Fátima Bernardes lembra:

Eu quando criança não supunha, nunca imaginei um Jornal Nacional apresentado com nenhuma mulher. Porque eu cresci vendo um padrão de dois homens. Quando um entrava de férias, entrava outro homem.

³⁷ Disponível em <http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/telejorn.html> acesso em 12/04/2011

³⁸ Entrevista à autora em 31/05/2011

Mesmo quando eu entrei na Globo, se você me perguntasse “Qual é o seu sonho?”, eu nunca teria dito: “Apresentadora do Jornal Nacional”, nunca. Fantástico, sim. Porque Fantástico sempre vi [mulheres na apresentação]. O Jornal Hoje, sim. Mas eu achava assim: “[O Jornal Nacional] é o ‘Bastião da masculinidade’”. Vão ser sempre homens apresentando o Jornal Nacional. Quando eu vejo [a Lilian na bancada]: “Opa! Então esse espaço está aberto?”. Então eu já tinha uma história que me permitisse querer, sim, tentar fazer o máximo de barulho profissional possível para conseguir ser lembrada [para apresentar o Jornal Nacional]³⁹.

Dois anos se passaram, Lilian Witte Fibe sai da emissora por ter caído frente ao gosto popular. “Lilian não tinha uma aceitação popular, mas ela tinha uma aceitação no mercado muito boa”⁴⁰, justifica Fátima Bernardes. Com a sua saída, uma pesquisa de opinião do público foi realizada para saber quem deveria substituí-la na apresentação do “Jornal Nacional”. Em 1998, Fátima Bernardes assume o posto deixado pela jornalista econômica.

A jornalista que veio do jornal O Globo, passou no RJTV, no Jornal da Globo e no Fantástico chega ao “Jornal Nacional” e sofre uma mudança de imagem. Uma estratégia de Evandro Carlos de Andrade faz com que ela apenas noticiasse as *hard news* para, assim, diluir a antiga imagem construída no Fantástico. A apresentadora Fátima Bernardes lembra ainda:

Era interessante de que quando eu vim do Fantástico para o Jornal Nacional havia um interesse muito grande de que só as notícias mais pesadas, mais *hard*, mais difíceis, só eu que desse. Porque eu vinha de um programa de variedade, onde eu fazia muita brincadeira, muita coisa. E aí, meio que para dar um corte, para a gente mudar completamente. Acho que eu passei uns três meses que eu não conseguia ler uma matéria em que eu pudesse dar um sorriso. Todas as desgraças caíam comigo. Isso foi pensado pelo Evandro na época: “Por um tempo é melhor. Vamos deixar a Fátima só com o pesado”. Para não parecer que eu tinha ido para lá apenas para fazer uma coisa simpática, como eu fazia no Fantástico – eu me vestia de gorda, de noiva, japonesa – não era esse o que ele queria. O que eu achei ótimo⁴¹.

Neste caso, o jornal ainda mantém sua estrutura editorial e a chegada de Fátima Bernardes, reforçando a ideia de que o discurso engessado do “Jornal Nacional” continuaria o mesmo, era quem deveria sofrer uma mudança na imagem. A mulher

³⁹ Entrevista à autora em 01/06/2011

⁴⁰ Entrevista à autora em 01/06/2011

⁴¹ Entrevista à autora em 01/06/2011

deveria se adaptar ao jornalismo sério. “Isso foi pensado pelo Evandro, que disse: ‘vamos deixar a Fátima marcar que ela vem para pegar assuntos difíceis, como economia e etc., no sentido de que a gente fizesse um esforço [para mostrar] que estava chegando para fazer coisas importantes’”⁴², diz Fátima Bernardes.

⁴² Entrevista à autora em 01/06/2011

6. A bancada. Por que não duas mulheres?

Muito se falou, de 1969 para cá, em um discurso enunciado pela TV Globo o qual o “Jornal Nacional” teria sido um dos seus porta-vozes. Por trás disso, teria sido também o propagador de um mecanismo de dominação de uma parte pequena da população, a burguesia, sobre os demais.

A liderança intelectual e moral burguesa tem sido um processo cuja força reside, precisamente, na sua capacidade de mistificação e coisificação das consciências. Para obter o consenso ativo dos dominados, de maneira a incorporá-los ao seu projeto de dominação, os grupos dirigentes fazem suas certas tendências e aspirações das massas, despolitizando-as, porém; assimilam as falas populares, esvaziando-as de sua historicidade; apropriam-se de seus signos, petrificando-os, integrando-os ao sistema de valores da cultura dominante. (São essas formas que estruturam a consciência coisificada das massas.) (COUTINHO, 2011, pp.7-8)

O discurso hegemônico proposto e indicado por Gramsci, que tem ressonância em Coutinho, outros pensadores de comunicação social, e em vasto material para análise, apenas estaria confirmando a situação da TV Globo e a suposta ligação com o estado desde a sua criação, para que fosse mais do que apenas uma emissora de entretenimento e informação, mas uma emissora e propagadora de modos de viver⁴³.

Os acontecimentos encabeçados pela TV Globo nos arredores dos anos de 1969, em especial pelo “Jornal Nacional”, formam bolhas dolorosas para a história da política brasileira, para a história da imprensa contemporânea, e ainda mais penosas para a população, que teria sido submetida e tomada como massa de manobra dos quereres ditatoriais. Essa manipulação foi exemplificada através da leitura de momentos históricos e as suas respectivas análises por estudiosos, artistas, profissionais da própria emissora, antropólogos, políticos, sociólogos⁴⁴. Momentos dos quais a TV Globo participou, como a corrida à presidência de Fernando Collor de Mello, cujo debate a Globo é acusada de ter manipulado:

A Globo foi acusada de ter favorecido o candidato do PRN tanto na seleção dos momentos como no tempo dado a cada candidato, já que Fernando Collor teve um minuto e meio a mais do que o adversário. [...] A própria liderança do PT, apesar de não admitir a derrota, reconheceu que Lula não se saíra bem no confronto com

⁴³ Além do proposto em COUTINHO, 2001; outro exemplo está em “Muito além do cidadão Kane” disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=d2ti0uzRviQ> acesso em 07/05/2011.

⁴⁴ Idem

Collor. [...] Seis anos depois, em entrevista à revista *Imprensa*, José Genoíno afirmou que o desempenho de Lula tinha sido, realmente, ruim. [...] O episódio provocou um inequívoco dano à imagem da TV Globo⁴⁵.

Verdadeiro ou não, o fato é que um veículo, para que consiga exercer a manipulação de uma massa precisa de uma “autorização”, senão seria um elemento de coerção “tradicional”, bélico, militar, que usaria a força, o que não é um traço do atual sistema, segundo Gramsci.

Com o desenvolvimento do capitalismo e das relações políticas surge, para além da “sociedade política”, isto é, dos aparelhos repressivos (jurídicos, burocráticos e militares), uma nova esfera de poder que transborda os limites do “Estado em sentido estrito”: surge a sociedade civil, como uma instância de dominação ideológica, responsável pelo conteúdo ético do Estado. De acordo com a formulação gramsciana, o Estado moderno (o Estado integral) = sociedade civil + sociedade política, isto é, hegemonia encorajada de coerção. (COUTINHO, 2006, p.46)

Para criar o “consenso necessário à dominação do capital” (COUTINHO, 2006, p.47), a mídia, que representa a voz de uma minoria dominante, precisa necessariamente representar (ou apresentar) a massa em sua programação. Isso aconteceu e acontece com todos os excluídos: negros, índios, pobres, homossexuais, estrangeiros e mulheres⁴⁶. Quando têm seu retrato no horário nobre, na notícia principal, no comercial, não percebem que o “eu” representado na TV, seria, na verdade, um “eu” destituído do seu verdadeiro significado. Com isso, a imagem dessa maioria dominada está, sim, “aparecendo na TV”, mas onde esta imagem pura se encaixaria na realidade?

O esvaziamento dos signos populares e a posterior injeção de uma ideologia que apraz os desejos de uma minoria, como se representasse uma contemplação da massa, é, para aqueles autores, uma regra do comportamento da Rede Globo de Televisão, do “Jornal Nacional”. A criação de símbolos, de mitos, de modelos de vida e de uma situação de extremo conforto e prosperidade para os muitos milhões de espectadores da “máquina de fazer doido” (PONTE PRETA, 1968) foi disparadamente a forma mais eficaz de obter o consenso. Com essas informações, elas passam a se sentir parte de um estado (bom e justo, por sinal), mas não passam de peças de um sistema muito mais

⁴⁵ Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,5270-p-21752,00.html> acesso em 28/06/2011.

⁴⁶ Vide as diversas minisséries globais que apresentam essas minorias estereotipadas ou desviadas de sua essência.

difuso e excludente do que parece ser. Afinal, não é “esse o papel do príncipe eletrônico: assimilar e esvaziar tais questões de seu conteúdo histórico, atribuindo-lhes novas significações com função apaziguadora”? (COUTINHO, 2006, p. 49)

Foram muitos os signos extirpados de sua originalidade para servir de casulo a uma informação parasitária. Incontáveis, incontrolados e inconscientes (para a massa, obviamente). Entretanto, este trabalho não nasceu no intuito de falar e citar todos esses, assim como de justificá-los de tal modo que se encaixem na questão inicialmente abordada. A importância desses extirpe é a existência deles e a consciência dessa existência, o que não impede de apenas um ser apontado aqui e analisado de maneira simples e objetiva – tarefa difícil devido ao enraizamento deste símbolo em diversos outros assuntos e saberes: a mulher.

Vivendo em uma sociedade autoritária excludente, a mulher se habitou à vida subalterna durante a maior parte do tempo.

Antes de inventarem a maneira de se fundir o metal e, com isso, surgirem os primeiros instrumentos de arar a terra [...] que determinou a fixação do homem à terra, as culturas eram estâncias, nômades. Em algumas culturas, a mulher tinha importância, em outras, não. Então, não havia um padrão, uma regra geral. O trabalho era dividido entre os dois sexos, mas se podia dizer, como hoje, que os princípios masculinos e femininos é que governavam o mundo. A chamada *briga de foice* começou quando o homem teve de lutar pelas terras, na divisão com seus vizinhos. Era a lei do mais forte. E foi aí que a mulher entrou pelo cano. E, nesse sentido, o feminismo tem uma coisa comum, porque isso vem até ao capitalismo mais avançado. É a mulher entra pelo cano porque é ela quem tem de parir filhos para que haja mais homens para os exércitos, mais homens cultivando a terra. Surge daí aquela ideologia que a mulher introjeta, a de ter nascido para ser mãe, esposa, dona-de-casa. (MURARO, 1980)⁴⁷

No entanto, pouco a pouco conseguiu um espaço precioso, até porque “quando o capitalismo avançou, no século 20, precisou outra vez da mulher, pois estão sendo produzidas mais máquinas do que machos; ou seja, o braço da mulher se torna fundamental” (MURARO, 1980)⁴⁸.

A caminhada longa, no entanto, não esconde o fato de que uma distância grande ainda resta ser percorrida. Situações antes “imutáveis” parecem ter ficado no passado. Parecem. O papel exercido pela mulher e a condição secundária naturalizada ao longo

⁴⁷ Disponível em <http://www.rosemuraro.com.br/Download.html> acesso em 10/05/2011.

⁴⁸ Idem

dos anos foi parcialmente deixada para trás e substituída por uma suposta condição de paridade com os verdadeiros “donos do poder”. Neste caso, os “donos do poder” são os homens de classe mais abastada e brancos, como reconhecidamente foram e são.

Com voz mais ativa nos lares, a mulher viu a necessidade de participar mais ativamente também na renda familiar – algumas vezes empurrada pela ausência de seu par por conta das grandes guerras – conseguindo, como dito anteriormente, “pouco a pouco” mostrar que a competência não é fator ligado ao gênero – masculino – o que aumentou o espaço ocupado por ela no mercado de trabalho.

Essa tendência mundial da “invasão” feminina no mercado de trabalho aconteceu no Brasil, por conta de mudanças econômicas, que durante muito tempo transformou o cenário urbano e o cenário rural do país, aumentando e diminuindo, nesta ordem, o número de pessoas que neles habitavam e que neles trabalhavam.

A necessidade de mão-de-obra nas grandes cidades acompanhou o aumento da urbanização do país. Com isso, a população feminina passa a participar mais da produtividade brasileira, inicialmente com gestos tímidos, mas isso logo se transforma em uma – quase – divisão de tarefas.

As mulheres são a maioria no país, ultrapassando em quase quatro milhões o número de homens residentes no Brasil (em 2010), segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴⁹. Das mais de 75 milhões de pessoas economicamente ativas do país, a massa feminina é de mais de 30 milhões, ou seja, até 1997⁵⁰, quase metade dos que contribuem para o aumento das riquezas do país são do sexo feminino. Não é, no mínimo, curioso que, apesar de serem a maioria, representarem quase a metade das pessoas que trabalham no país, a mulher ainda não faça parte dos intitulados “donos do poder”? Que não faça parte ainda dos que praticam a “liderança intelectual e moral de um grupo social sobre o conjunto da sociedade” (COUTINHO, 2006, p. 44)?

E mesmo elas sendo a maioria, a TV ainda consegue o consentimento dessa imensa quantidade de meninas, mulheres e idosas para prosseguir penetrando e

⁴⁹ Disponível em <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=1R&uf=00> acesso em 01/06/2011

⁵⁰ Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/mapa_mercado_trabalho/mapa_mercado_trabalho.pdf acesso em 01/06/2011

legitimando um discurso machista, burguês e patriarcal que contemplaria apenas os desejos de uma parte bem pequena do país.

Este trabalho não tem a ambição, nem muito menos a capacitação de analisar profundamente o que os outros aparelhos de hegemonia – “escola, Igreja, partidos, sindicatos, instituições culturais (museus, nomes de rua, etc)” (COUTINHO, 2006, p. 46) fizeram para propagar o discurso da classe dominante, mas uma certeza existe: todos eles se usaram do esvaziamento do símbolo “mulher” para que este público abrisse as portas da legitimação de um discurso que não é delas.

Na televisão não teria sido diferente. A mulher, desde sempre, representada de maneira peculiar nos programas de entretenimento e informação. Em novelas, seriados e comerciais sempre esteve como a subalterna e a dona do lar⁵¹ (ainda hoje). Nos telejornais, nem aparecia, e quando aparecia, tinha o papel de levar ao público feminino as notícias a que à classe feminina eram cabíveis (vide Irene Ravache e Nathália Timberg na década de 1960 e todas as apresentadoras do Jornal Hoje, no início de suas atividades). Obviamente, as exceções existem (sim, no plural), e, quase todas nos bastidores da notícia: Alice-Maria é um exemplo dessa exceção. No entanto, a presença dela nos bastidores será analisada ainda neste trabalho.

A chegada da mulher no telejornalismo deve ser feita em paralelo à mudança do público que busca informação na imprensa e do acesso delas aos chamados “assuntos sérios” (ABREU e ROCHA, 2006, p. 11) dentro e fora dos telejornais.

[...] o público leitor também mudou. As páginas de política, de assuntos internacionais, de economia e de esportes em geral não eram lidas pelas mulheres. Quando liam os jornais, elas se interessavam pelas páginas femininas, pelos folhetins, receitas, conselhos, moda. Hoje o público feminino se interessa por todos os temas, e as mulheres são assíduas leitoras das páginas de política e economia. (ABREU e ALVES, 2006, p. 11)

Assim, cresce com o público feminino a necessidade dos veículos em integrá-lo de forma persuasiva. O difícil seria, no entanto, convencer as mulheres de que estavam suficientemente bem representadas através dos modelos existentes para que o veículo as representasse. A era patriarcal, aparentemente chegava ao fim. A mulher, correndo para

⁵¹ Um exemplo claro é a série de comerciais de uma TV por assinatura onde uma das modelos mais famosas do mundo representa o papel de uma dona de casa submissa, que lava o chão de joelhos e pega uma “cervejinha” para o marido enquanto este vê, sossegadamente, sua televisão. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=I8_FRFTmpkQ&feature=related acesso em 17/06/2011.

chegar mais próximo ao homem (não que ele fosse um padrão de qualidade), se qualifica, e a TV, para ter o consenso e construir um discurso ainda mais abrangente e propagador das ideias da minoria, a seu modo, as promove.

A natureza dos povos é lábil: é fácil persuadi-los de uma coisa, mas é difícil que mantenham a sua opinião. Por isso, convém ordenar tudo de modo que, quando lhes falte a crença, se lhes possa fazer crer pela força. Em contexto bastante diverso, Marx e Engels definiram essa “crença” como ideologia – as ideias particulares da classe dominante de uma época apresentadas socialmente como ideias absolutas, universais – e essa “força” como os mecanismos de coerção e dominação. (COUTINHO, 2006, p.46)

Na década de 1990, a mulher, que já havia ocupado algumas das bancadas dos jornais de rede da TV Globo e, quase a totalidade dos cargos medianos do jornalismo, agora chega ao horário nobre com um papel que vai além da apresentação: o papel de editora e apresentadora é colocado nas mãos de uma experiente e conceituada jornalista econômica. Pronto! Ela estava na tela e na bancada do jornal de maior audiência da televisão brasileira.

No entanto, é preciso reconhecer que a presença dela, seja na redação, seja na bancada, pouco modificou a raiz do discurso do “jornal-nacionalismo”, tampouco o da TV Globo. Na verdade o que a fez chegar à bancada daquele telejornal não foram estes atributos, mas sim a capacidade que ela teve como profissional para mostrar que sabia fazer como *eles* e que tinha a imagem necessária para “agradar” o público “novo” que já não era tão novo assim. Lilian Witte Fibe tinha o *savoir-faire* masculino e a imagem de *la femme*, condições próprias para a manutenção da “estrutura ideológica de uma classe dominante, isto é, a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a “frente teórica ou ideológica” (COUTINHO, 2006, p. 48).

7. Em busca de respostas

As respostas dos profissionais entrevistados não representam, de maneira alguma, a totalidade dos pensares da emissora, mas é considerado um recorte do pensamento dos que atualmente tomam as decisões no que diz respeito à abordagem, discurso e formato, além da forma de pensar e agir daqueles que acatam essas decisões.

7.1. Vera Íris Paternostro

Vera Iris Paternostro afirmou **não ver nenhum problema** quanto à apresentação simultânea das duas mulheres neste jornal, mas assume que precisaria ser uma **mudança lenta e gradual para não causar impacto no público, por ser uma mudança “radical”**. Abaixo, a reprodução de um trecho da entrevista realizada nas dependências da TV Globo, no Rio de Janeiro.

[Porque duas mulheres nunca sentaram juntas à bancada do Jornal Nacional?] Nunca? Isso não tem nenhum impedimento. Acho que uma hora isso vai acontecer. É uma boa percepção. Não [acho que seria ruim duas mulheres na bancada], seria natural. As mulheres têm conquistado um espaço importante e nada impede que [elas apresentem juntas], como dois homens às vezes apresentam o Jornal Nacional. Nada impede e nada proporciona e na medida em que nada impeça e alguma coisa aconteça para que haja a necessidade – uma pessoa não vem, uma pessoa está doente e só tem duas mulheres – isso vai acontecer naturalmente. Acho que isso não vai ser pensado: “Não pode”. Quando as coisas caminham por um processo natural elas mudam e as pessoas não rejeitam. Eu não sei se poderia assustar, mas é uma mudança radical. Você tem um casal e de repente acaba o casal William Bonner e Fátima e tem duas mulheres apresentando? Acho que isso é uma coisa que não pode acontecer de repente. Tem que ser explicado. Eu não sei se todo mundo quer correr risco. Se for temporário, talvez não [assuste]. Hoje em dia, há muita necessidade de se testar, não dá para arriscar por causa da perda da audiência. Elas têm o conhecimento, a segurança, a credibilidade, a competência para fazer isso. Mas pela população, o casal é mais assimilável. As pessoas gostam de ver aquelas duas pessoas. Não é o casal casado, não necessariamente. Não tem nada a ver com casamento. É um tema do futuro que é bacana discutir. As mulheres do jornalismo brasileiro em frente ao vídeo, e também no jornalismo mundial, têm assumido um papel fortíssimo, importantíssimo⁵².

7.2. Luiz Fernando Ávila

A visão do editor chefe adjunto do “Jornal Nacional” foi de **otimismo** em relação à chegada da mulher na bancada. E, apesar de ser o próprio editor quem monta a

⁵² Entrevista à autora em 31/05/2011

escala de trabalho dos apresentadores, **ele não sabe dizer o porquê dessa presença dominante ainda não ter acontecido**, nem em ocasiões especiais, quando da falta de um profissional do sexo masculino para substituição. E que **uma mudança dessas em um jornal que tem mais de 40 anos deve ser bem discutida**. Abaixo, a reprodução de um trecho da entrevista realizada nas dependências da TV Globo, no Rio de Janeiro.

Pode ser que, mais para frente, seja um modelo com duas mulheres. Pode ser ótimo, talvez seja até uma tendência. Não vejo nenhum impedimento. Porque que a gente não usa duas mulheres e usa dois homens, isso eu não sei realmente te responder. Quem faz a escala sou eu. Mas como a gente nunca teve uma dupla feminina no Jornal Nacional, eu não posso simplesmente mudar. Eu tenho que submeter. É uma coisa diferente, nunca foi feito. É uma mudança muito radical para a bancada do JN porque nunca houve, porque em termos de informação não muda nada. Imagina a Fátima Bernardes com a Renata Vasconcellos? Credibilidade, responsabilidade, honestidade, empatia com o público vão ser matizes. Eu acho que há certa preocupação com relação a uma mudança. Uma coisa que nunca teve em um jornal de quarenta anos, não pode ser tomada assim, uma decisão solitária, tem que ser bem discutida. Não sei nem se a direção pensa nisso. Talvez até já pense porque as próprias coisas exigem mudanças permanentes. Eu já pensei nisso na hora de montar uma escala. Acho que [não vai ter nenhum impacto para o público]. Talvez o primeiro dia. As coisas vão mudando e as mudanças são impactantes no começo, depois se tornam naturais⁵³.

7.3. Fátima Bernardes

A apresentadora do “Jornal Nacional” e editora-executiva do produto **não consegue explicar o fato de nunca ter se sentado ao lado de uma jornalista para apresentar o telejornal**. Ela afirma, no entanto, que o modelo de apresentação atual, com **um homem e uma mulher à bancada**, é o modo mais interessante para o público, pois privilegia a diversidade. Ela espera que cada vez menos, os homens dividam a bancada nos próximos anos. Abaixo, a reprodução de um trecho da entrevista realizada nas dependências da TV Globo, no Rio de Janeiro.

Não. Nunca [dividi a bancada com uma mulher]. Não sei [por que]. Talvez, se você perguntar, ninguém saiba essa resposta. Deveria acontecer, um dia eu com a Ana Paula [Araujo], eu com a Chris[tiane Pelajo.], com a Renata [Vasconcellos]. Ia ser altamente interessante. Se quisessem criar um buxixo, poderia ser isso, porque nunca foi feito. Claro [que essa falta de predominância da mulher na bancada é uma herança da sociedade patriarcal], mas é interessante que essa herança

⁵³ Entrevista à autora em 01/06/2011

de dominação masculina tivesse como sua primeira editora-chefe uma mulher. A Alice-Maria é a primeira editora-chefe do Jornal que foi transmitido pela primeira vez mostrado para o Brasil todo. Eu cresci com um padrão de dois homens e quando eu entrei na Globo, eu nunca teria dito que [meu sonho] era apresentar o Jornal Nacional. Eu sempre vi como o “bastião da masculinidade”, ali vão ser sempre homens. Quando eu vejo [uma mulher no JN] eu penso: “Opa! Então este espaço está aberto?”. E aí acho que eu já tinha uma história que me permitisse querer tentar o máximo de barulho profissional para ser lembrada. Acho que a escolha [da Lilian Witte Fibe como âncora] foi extremamente profissional. Já na substituição, para a minha ida, acho que eles não queriam mais voltar ao padrão de dois homens. Foi muito importante ter uma mulher, ter um casal. Não um casal casado, mas um homem e uma mulher. [...] na corrida pela sucessão da Lilian, só as mulheres estavam no páreo. Ainda não [podemos esperar uma bancada com duas mulheres], porque essa diversidade é interessante. Cada vez menos vamos ter dois homens apresentando. Depois de 13 anos, as pessoas estão acostumadas [com o casal]. [...] Muitas vezes eu saía e entrava o Márcio [...] Hoje quando eu saio entra a Ana Paula [Araujo], eu achei ótimo, porque é menos ruído. Eu gosto mais quando o jornal é apresentado por um casal⁵⁴.

Em nenhum momento a autora conduziu as entrevistas para a questão do gênero, de hegemonia, ou de qualquer outra questão abordada neste trabalho. O objetivo era que a verdadeira visão dos profissionais em relação ao assunto fosse colocada na mesa de maneira natural. Não havia a pretensão de que uma resposta aterrorizante, machista ou preconceituosa fosse dada, visto que o momento pelo qual as relações de gênero perpassam são de embates mais brandos, apesar de haver um caminho bastante longo a percorrer, no que diz respeito à busca pela igualdade do gênero no mercado de trabalho e em toda a sociedade.

Entretanto a resposta dada pelos três entrevistados teve algo em comum: o fato de nenhum dos três conseguir explicar o porquê de as mulheres não estarem juntas, ainda que esporadicamente, na bancada do “Jornal Nacional”. Tal episódio mostra que, na verdade, eles estão submetidos a uma situação de naturalização de uma norma ultrapassada. Quando não conseguem identificar as razões pelas quais duas mulheres não se sentam juntas à bancada, demonstram que apesar de não saberem o porquê, não se preocupam em identificar o quanto essa norma é intransigente e incompatível com a realidade da profissional de jornalismo contemporânea dentro da empresa.

Se antes, a exemplo do modelo de dominação patriarcal da sociedade brasileira, a norma dos diretores e criadores dos telejornais da Rede Globo de Televisão era a de

⁵⁴ Entrevista à autora em 01/06/2011

que noticiários de *hard news* não fossem apresentados por mulheres, seja pela imagem incrível que as mulheres passavam naquela época, seja pela associação delas com assuntos femininos, na verdade, esse “porque” já não importa, hoje em dia, essa norma cai por terra.

É claro, não há provas de que essa diretriz existiu – de que mulheres não apresentassem telejornais *hard news*. A possibilidade de que alguém “confesse” essa verdade é remota, até porque a maior parte dos criadores do “Jornal Nacional” já não está viva nos dias de hoje: Evandro Carlos de Andrade (1931-2001), Walter Clark (1936-1997) e o próprio Roberto Marinho (1904-1994). Mas é possível, sim, perceber os resquícios da existência dessa diretriz nos discursos dos entrevistados.

“Mas eu achava assim: é o ‘Bastião da masculinidade’. Vão ser sempre homens apresentando o Jornal Nacional”⁵⁵. (Fátima Bernardes)

“Então [o Jornal Hoje] tinha uma pincelada de noticiário *hard news*, mas tinha uma pegada bastante feminina, assuntos mais ‘leves’. Tinha a apresentação de duas mulheres”⁵⁶. (Vera Íris Paternostro)

“Pode ser que lá para frente seja um modelo com duas mulheres. Eu não me lembro de ter visto [duas mulheres em] um jornal grande assim de *hard news*... eu não sei. Pode ser ótimo, talvez seja até uma tendência mais para frente”⁵⁷. (Luiz Fernando Ávila)

O que aconteceu na redação e mais ainda nos locais onde decisões são tomadas no jornalismo da TV Globo, foi uma aceitação de uma norma que, no passado fazia muito sentido. Isentos ou não de culpa, os profissionais que chegam hoje à Globo já são pré-moldados aos costumes dessa emissora (seja qual for o discurso que ela defenda), mas não se preocupam, parece, em entender o que antes se praticava e adaptar com o que agora isso condiz. Ter duas mulheres na bancada não deve ser algo definitivo, pois, como disse Fátima Bernardes, “essa diversidade é interessante”⁵⁸, assim como ter dois

⁵⁵ Entrevista à autora em 01/06/2011.

⁵⁶ Entrevista à autora em 31/05/2011.

⁵⁷ Entrevista à autora em 01/06/2011.

⁵⁸ Entrevista à autora em 01/06/2011.

homens não seria interessante. Mas essa sub-utilização⁵⁹ da imagem feminina só demonstra que a diferença ainda existe dentro do discurso da emissora e nem os que nasceram em um período de luta por igualdades, neste caso as de gênero, se preocuparam em modificar essa condição. Poderiam ser comparados, como no discurso de *La Boétie*, aos filhos de escravos que se acostumaram à condição de servidão por nascerem nesta condição e, por isso, não procuram perceber se eles são capazes de seguir outros rumos, que não os de seus pais.

No início serve-se contra a vontade [...] mais tarde, acostuma-se, e os que vêm depois, nunca tendo conhecido a liberdade, nem mesmo sabendo o que é, servem sem pensar e fazem voluntariamente o que seus pais só haviam feito por imposição. Assim, os homens que nascem sob o jugo, alimentados e criados na servidão sem olhar mais longe, contentam-se em viver como nasceram; [...] consideram como sua condição natural a própria condição de seu nascimento. (BOÉTIE, 1986, p. 84)

Porque considerar como suas as condições primórdias de um jornal de quase 42 anos de existência, que passou por quase todos os caminhos percorridos pela sociedade brasileira, inclusive o caminho da exclusão? Não ter mulheres na bancada; ter mulheres, mas com restrições na apresentação: “Porque antigamente, uma mulher não abria o jornal. O “Jornal da Globo” nunca era aberto pela Leila. Era sempre aberto pelo Eliakim Araujo” (Fátima Bernardes); ter mulheres juntas apenas para jornais leves que “naquela época [o Jornal Hoje] era mais feminino, é verdade” (Vera Íris Paternostro); não ter mulheres juntas para *hard news* é uma linha do tempo da ocupação do espaço na bancada dos telejornais da TV Globo. É, no fundo, uma linha do tempo da mulher no mundo, que era excluída, que foi pseudo-incluída, que quis e quer igualdade, mas que ainda é diferente.

A mudança não precisa e não deve ser definitiva, mas não é plausível impedir que duas mulheres sequer estejam juntas à bancada, que é impedir também o trabalho de profissionais que, ali, devem ser vistas como jornalistas apenas. Até porque, segundo Rose Marie Muraro, “é preciso romper o complexo de Édipo para que a mulher possa entrar no simbólico – dominado pelo homem – e fazer um redimensionamento dele. É possível mudar muita coisa⁶⁰”.

⁵⁹ Leia-se como não utilizar a mulher mais vezes quando é necessário, como em casos de falta dos apresentadores por problemas pessoais.

⁶⁰ Disponível em <http://www.rosemuraro.com.br/Download.html> acesso em 10/05/2011.

É importante deixar a mulher livre para se sentir e estar, em todos os sentidos, apta a gerir um *hard news*, assim como ela e um homem também estão aptos para a gerência de um jornal de feminilidades, sem que tenha de deixar de se sentir mulher: “Na verdade, nunca me senti nem mulher nem jovem na redação” (REINIGER apud ABREU E ROCHA, 2006, p.205), afirmou Alice-Maria, a primeira editora-chefe do “Jornal Nacional”.

“A Alice-Maria foi a primeira editora-chefe do jornal que, pela primeira vez, foi mostrado no Brasil para vários estados. Era uma mulher. Eu fico pensando nisso em 1969, olha o que representava”. O que representou para a classe feminina como sujeito modificador de um discurso que não a contemplava? Alice-Maria – jornalista invejável – foi uma mulher que não se sentiu mulher, tomou as rédeas do único telejornal de rede da época e pouco pode fazer para que isso representasse uma mudança mais do que ela mesma representou: a de um editor chefe que seguiu as regras vigentes da época, sejam elas ditadas pelo regime, sejam elas ditadas pela direção.

Como editora-chefe, Alice-Maria teve pouca autonomia para abordar assuntos que dessem voz para quem o discurso da emissora não dava: às minorias, o que incluía e ainda inclui as mulheres, apesar de hoje serem maioria. Então, ela, verdadeiramente, foi pioneira e importante para o telejornalismo nacional e para as mulheres como condutora de um veículo de informação que “deveria permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca” (SANTOS, 2001, pp. 38-39), ou, ainda, como propagadora de um veículo de comunicação que se aproximasse ao conceito número (6) de qualidade, apontado por Geoff Mulgan⁶¹ (MACHADO, 2003, p.25)? Teria ela se tornado homogênea a ele, sendo mais uma voz no sistema onde as “técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função dos seus objetivos particulares [...] aprofundando, assim, os processos de criação de desigualdades”? (SANTOS, 2001, p. 39)

Assim como a mulher pouco pode fazer no discurso da emissora, em especial do “Jornal Nacional”, quando exerceu uma das funções mais altas na editoria deste telejornal, a mulher tampouco teria feito como editora e apresentadora deste produto.

⁶¹ Outros [...] podem encontrar mais qualidade (6) em programas e fluxos televisuais que valorizem as diferenças, as individualidades, as minorias, os excluídos, em vez de a integração nacional e o estímulo ao consumo.

Então, que mudanças poderia ser geradas pela mulher na mídia nos processos de comunicação para a construção da identidade feminina, contribuindo com a efetividade do papel da mulher na sociedade e nos veículos de informação, mais exato, na televisão, como construtora dessa identidade e dos modos de enxergá-la ao longo de todos esses anos?

Verdadeiramente, a presença dominante da mulher na bancada do “Jornal Nacional” só poderia ter relevância e sua significância devida, caso fosse acompanhada da modificação de um discurso que deixe de contemplar os anseios de uma minoria dominante. O que não vai acontecer caso as mulheres, que estão nos locais onde decisões são tomadas na Rede Globo, e as que vão chegar lá, continuem com a visão que lhes foi dada, colocando este assunto como sendo sem importância: “Nos postos de comando tem muita mulher e eu não acho que entre elas essa discussão esteja em pauta. A preocupação está muito mais com qualidade, do que quem está fazendo, seja homem, seja mulher. ‘A tendência natural é que isso se torne natural’”⁶², pontua Luiz Fernando Ávila.

É preciso que elas comecem a encarar essa discussão de maneira diferente de como é encarado hoje, e que este “novo” discurso e a discussão sobre formas de modificá-lo passe a incluir os interesses da classe feminina. Um exemplo de novas maneiras de inclusão desses interesses na sociedade e de novas modificadoras desse discurso são as mulheres que hoje integram os locais de poder político no país e o modo como (algumas d)elas começam a modificar subjetivamente a abordagem de problemas brasileiros, bem observado por Rose Marie Muraro em um dos seus muitos artigos ao jornal Folha de São Paulo sobre feminismo:

Outro dia estava em São Paulo em uma mesa redonda com Marta Suplicy e ela disse: “Apresentei um projeto regulando a participação dos homens no trabalho doméstico e os deputados homens me perguntaram “Mas como é que a Sra. vai gastar dinheiro numa coisa tão sem importância?” E ela respondeu: “Eu não quero legislar sobre pontes, barragens, estradas... Se não mudarmos a subjetividade não mudaremos nada! Vocês tiveram 500 anos para fazer alguma coisa e não fizeram nada porque não mudaram as cabeças. E é só mudando a subjetividade, a cabeça, que poderemos transformar essa injustiça que está aí.” Foi uma das grandes alegrias da minha vida. Ela, 20 anos mais moça do que eu, minha amiga desde o início dos anos 70, havia captado e estava pondo em prática o que aprendera no feminismo. Ela candidata séria a prefeitura de São Paulo e provavelmente a primeira

⁶² Entrevista à autora em 01/06/2011

mulher a candidatar-se de maneira viável a médio prazo a presidência da República, não estava ali agindo como um homem, mas sim como mulher. saindo da superfície e indo as raízes. Da objetividade à subjetividade⁶³. (MURARO, 1999)

Do exemplo de Muraro é possível fazer uma analogia que não poderia ter melhor significância para indicar um possível caminho a ser seguido pelas próximas autoras, jornalistas e telejornalistas. O episódio com Rose Marie representa o que poderá e deverá acontecer com as mulheres no telejornal.

As profissionais que hoje começam a lutar pela modificação do papel da mulher no telejornalismo brasileiro e pela mudança no controle do discurso enunciado pela emissora em questão neste trabalho em especial, encontrarão no futuro, como Muraro, as “Martas Suplicys” de seus tempos. Mulheres que já estarão a modificar a subjetividade da abordagem no telejornalismo, enquanto muitas outras já estudavam formas para que isso acontecesse, prevendo que esta seria a melhor maneira para que, não só a representação feminina fosse modificada na bancada do telejornal de maior audiência no país, como também, essa representatividade resultasse na mudança do modo como as próprias mulheres se enxergam, o que muda, inclusive, como elas se fazem enxergar.

Com essa mudança da subjetividade, que poderia ser aplicada a todas as minorias não contempladas por um discurso vigente de dominação, o tom de igualdade estaria mais presente do que no discurso existente hoje. E não somente isso: seria preciso que esse discurso igualitário pudesse, aos poucos, modificar o modo como a imagem da mulher (e das minorias, desta forma) ainda é vista e utilizada pela sociedade, em especial pelos meios de comunicação.

O discurso proposto não é, de maneira alguma, um discurso extremista, onde somente a mulher pudesse falar à bancada de um telejornal para que, assim, na sociedade elas fossem integralmente contempladas nos seus direitos e benefícios. Neste caso, estaria propondo um regresso aos pré-1910 às avessas, onde o homem, assumindo o papel da mulher, antes desse período de revolução feminista, passaria a ser um nada.

Os anseios de que as mulheres subam à bancada em dupla não é o anseio de que esta bancada se torne um local mais “cor-de-rosa”, mas que se transforme em local de jornalismo com abordagem igualitária e inclusiva. E que essas mulheres, não as de hoje,

⁶³ Disponível em <http://www.rosemuraro.com.br/Download.html> acesso em 15/06/2011.

necessariamente, mas as de um futuro próximo sigam contemplando verdadeiramente a classe a qual são parte integrante através de um jornalismo igual para todos e todas.

8. Conclusão

Uma série de fatores e ações apontam à mulher a chegada ao poder no discurso televisivo e, como consequência, uma condição mais próxima da sua representação nos meios de comunicação. Essa representação poderá ser útil como modificadora de um *status quo* feminino dentro da sociedade. Às mulheres, que hoje estão na redação da TV Globo, nas telas do “Jornal Nacional” e submetidas ao sistema, talvez não caiba a ação para uma mudança imediata. Mas às que chegarão, haverá tempo suficiente para olhar para o passado com os olhos do futuro.

A prática imposta nos dias de hoje às mulheres através do discurso – que seria historicamente inerente à emissora como sendo protetor de interesses de uma minoria – não é, necessariamente, uma realidade, mas uma normatização tácita naturalizada na TV Globo há, pelo menos, 46 anos. Com o tempo e com a reflexão sobre a prática histórica da trajetória da mulher no Brasil e no mundo, o que inclui as suas lutas e as suas conquistas até os dias atuais, o erros cometidos pelos “donos do poder” – se elas ainda não exercerem esse papel – poderão ser minimizados.

Com isso, será possível, em conjunto com todos os outros aparelhos da hegemonia (escolas, partidos, museus, igrejas, instituições culturais, etc.), inserir a mulher na mídia como representação legítima de parte integrante da sociedade. Modificar, não o modo como eles, os detentores do poder, veem as mulheres, mas o modo como as próprias mulheres se percebem. Assim, a mulher já presente em todas as esferas de organização social apenas consolidará esta representação simbólica no campo midiático.

O papel que a mulher tem e ainda vai ter no discurso do “Jornal Nacional” e na TV Globo, caso siga esta ordem, poderá ser ainda maior, mais amplo e mais abrangente do que apenas a presença da imagem feminina da apresentadora na bancada ou, ainda, da imagem feminina de duas apresentadoras na bancada, coisa que “pode acontecer no futuro, sem problema algum” – dizem os profissionais e vamos esperar que aconteça. Por isso, cabe à próxima geração de jornalistas – e de mulheres dominantes do espaço público – descobrir de que forma essa liberdade influenciadora do espaço e do pensar coletivo será posta em prática e que prática é essa que libertará não só as mulheres, mas, ao ser aplicada a todas as outras classes sociais, as libertará da razão que só faz sentido para uma minoria dominante.

9. Referências Bibliográficas

- ABREU, Alzira Alves de; ROCHA, Dora. *Elas ocuparam as redações: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora. *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- AMORA, Antônio Soares. *Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BIAL, Pedro. *Roberto Marinho*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- BOÉTIE, Etienne de la. *Discurso da servidão voluntária*. Trad. Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 69-108.
- BONNER, William. *Jornal Nacional: modo de fazer*. São Paulo: Globo, 2009
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CARVALHO, Maria Paula Schmidt. *Caravanas da identidade: por dentro da maior reportagem do Brasil e perto dos brasileiros*. Porto Alegre, RS: Sulinas, 2009.
- COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1978.
- COUTINHO, Eduardo Granja. *Gramsci: a comunicação como política*. In: COUTINHO, Eduardo Granja; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel (org). *Mídia e Poder*. Mauad X, 2008.
- DAMATTA, Roberto. *Explorações: Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986, p. 121-129.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, pp.9-35.
- HERZ, Daniel. *Introdução da tecnologia e primeiro sistema nacional: 1919 a 1945*. IN: *A história Secreta da Rede Globo*. Porto Alegre: TchÊ, 1987. pp. 75-79.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: SENAC, 2003, pp.9-31; 99-123.

- MARTIN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. Trad. Jacob Gorender. São Paulo: SENAC, 2001, pp. 23-53.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp.19-33.
- MATOS, Carolina. *Jornalismo e política democrática no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2008.
- PAIVA, Raquel. *Política: palavra feminina*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- PONTE PRETA, Stanislaw. *A máquina de fazer doido*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus, 2000.
- ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 7-22.
- SANTOS, José Rodrigues. *O que é comunicação?* Lisboa: Difusão Cultural, 1992, pp. 65-78.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 43-72.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, pp. 11-29.
- SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco. Introdução à cultura de massa brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971, pp. 11-35.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala – Função e linguagem da TV no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, pp. 54-83.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo. A tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005. Vol. II, pp. 61-101.
- TADDEI, Renzo e LAURA GAMBOGGI, Ana. Gender and the semiotics of political visibility in the Brazilian northeast in *Social Semiotics*. Nova York: Routledge, 2009 pp.149-164.
- VIZEO, Alfredo. *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra, 2005, p. 65-95.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

Sítio Edna Savaget

<http://www.museudatv.com.br/biografias/Edna%20Savaget.htm>

Sítio Memória Globo - Jornal da Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236477,00.html>

Sítio Memória Globo - “Jornal de Vanguarda”

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236474,00.html>

Sítio Memória Globo - Jornal Nacional

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-239077,00.html>

Sítio Memória Globo - “Tele Globo”

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236471,00.html>

Sítio Memória Globo - “Ultranotícias”

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-236472,00.html>

Sítio Rose Marie Muraro

<http://www.rosemuraro.com.br/Download.html>

Sítio Iris Lettieri

<http://www.irislettieri.com.br/>

10. Anexos

ANEXO I

Vera Íris Paternostro – Gerente de desenvolvimento de jornalistas

Entrevista a Priscilla Vale Moraes feita no prédio da Lopes Quintas, Rede Globo, Rio de Janeiro, RJ em 1º de junho de 2011.

Como foi a sua trajetória no jornalismo?

Foi assim: eu trabalho há 36 anos, 26 só na TV Globo. Eu fiz muita coisa. Comecei como estagiária, depois fui repórter por dois anos. Não fui repórter de vídeo porque não tinha na época e não gostava muito, mas gostava muito dos bastidores da televisão. Então fui editora da TV Globo de São Paulo. Fui editora dos locais, depois do Jornal Hoje. Meu nome é muito ligado ao Jornal Hoje na fase mais antiga. Era editora-chefe no jornal local. Depois fui convidada a vir para o Rio pela Alice-Maria para uma equipe que vinha de São Paulo fazer o Jornal Hoje. Vim, fiquei e fiz a editoria Rio, fiz local, fazia edição do Jornal Nacional. Eu me tornei editora-chefe do Jornal Hoje, e depois sai, fiquei fora um tempão, fiz várias outras coisas e voltei para criar a Globonews e fiquei 10, 12 anos na Globonews.

A Globonews foi encabeçado por mulheres, não é?

É! Quatro mulheres.

Você se propunha a realizar essas tarefas, ou elas vinham até você?

Não. As oportunidades surgiam.

Mas é bem diferente hoje, não é?

Muito diferente. A equipe era bem menor.

E hoje? O que você faz?

Eu estou no cargo de gerência de desenvolvimento de jornalismo que é um cargo de pensar conteúdo para fazer workshop, oficinas, palestras e pensar no que pode melhorar a capacitação dos nossos jornalistas da nossa redação. Como eles podem ser melhores no sentido do conhecimento.

O papel do âncora. Parto do pressuposto de que um âncora deve ter a competência para exercer um cargo de tamanha responsabilidade. O que, além disso, é primordial para que um jornalista assuma esse papel?

Eu acho que existem várias características que são fundamentais para um jornalista se tornar âncora de um telejornal e essas características podem variar entre os telejornais. Eles são personalidades jornalísticas diferentes. Quando ele é local, nacional, esportivo e quando é ligado a economia. Algumas características variam. Outras são comuns a um âncora que está apto a apresentar qualquer um dos telejornais. É importante saber quais seriam estas características comuns.

Primeiro, como televisão é imagem, uma das coisas fundamentais – não sei se felizmente ou infelizmente – é esse jornalista se dar bem com a câmera. O que é ser dar bem com a câmera? É estar à vontade sabendo que a câmera está captando ele. Claro que ele pode construir isso. É uma técnica e ele pode chegar lá, mas é fundamental que, quando ele esteja na frente daquela câmera, ele passe credibilidade, segurança, confiança e conhecimento do que ele está fazendo. Quem não se dá bem com a câmera precisa de muito tempo para passar tudo isso que é fundamental. Então, você já tem algumas características que são associadas à própria imagem do âncora.

Mas eu não acho que para ser âncora é só importante essa imagem, essa relação com a câmera. Para um jornalista se tornar um âncora e ser identificado com o telejornal que ele apresenta, precisa ter um conteúdo de informações e de formação muito consistente. O que significa isso? Significa que ele precisa não parar de estudar nunca, estar aprendendo sempre sobre tudo. Principalmente, um âncora de telejornal como o Jornal Nacional, que é um jornal de rede, assistido pela maior parte da população brasileira – com certeza, ainda é o único que tem um alcance, uma influência muito grande. Então, aquele apresentador tem de saber o que está falando sempre. Ele tem sempre de estar estudando os assuntos do mundo, da política, da economia, do meio ambiente e, hoje em dia, coisas que foram ampliando, como o comportamento e tecnologia. O âncora é uma pessoa que tem de se dedicar aquele trabalho intensamente porque ele precisa demonstrar que está atualizado e informado sobre aquilo que ele apresenta.

Portanto são dois vieses. Um é a imagem: ele precisa estar bem para passar segurança, credibilidade, confiança e etc. O outro é ele gostar de fazer aquilo: não é todo mundo que gosta. Você pode querer que uma pessoa seja apresentador, mas ela não

gosta e não se sente bem com aquela câmera. Então, por mais técnica que ela aprenda e que se ensine a ela, muitas vezes ainda vai ficar falho. Isso é um problema sério. Isso é uma questão de personalidade, mas para ela ter confiança, segurança, etc., precisa ter um conteúdo que acrescente à própria personalidade dela como jornalista.

Todas essas características que você apontou como atributos de um jornalista são permanentemente percebidas por alguém de direito? E quem de direito pode escolher quem vai ser âncora do telejornal para, por exemplo, para substituir âncoras como William Bonner e Fátima Bernardes?

Acho que essa escolha tem dois lados. Um deles, que é muito importante, é o que a empresa, no caso, a Central Globo de Jornalismo quer transmitir. O que precisa? Precisa de novos jornalistas fazendo a ancoragem em um telejornal. Aonde ele vai buscar? No seu quadro de profissionais, muito provavelmente. E quem são eles? São jornalistas que vem sendo olhados e vistos como tendo um potencial para serem âncoras e, um dia, âncoras do principal jornal da casa, no caso, o Jornal Nacional. Eles vêm sendo treinados. Treinados como? Fazendo outros telejornais, se especializando naquele trabalho, praticando esse tipo trabalho.

Quando você olha para um apresentador âncora que tem essas atribuições de ser apresentador, âncora, editor-chefe e eventualmente comentarista do telejornal, você vê que aquela pessoa, que você está buscando na sua redação, precisa ter características, mesmo que essas características não estejam totalmente desenvolvidas, mas que a gente consegue perceber como potencial, que podem vir a se desenvolver. Acho que isso é um olhar da direção de jornalismo, dos editores-chefes, de editores mais experientes, que estão ali buscando novos jornalistas para esta substituição, procurando essas características.

Há um motivo para que o padrão de apresentação dos telejornais seja o casal? Existe esse padrão?

Historicamente não existia. Historicamente os telejornais eram sempre apresentados por homens. O próprio Jornal Nacional sempre teve apresentadores homens, que foram mudados na história. Mas permaneceu sempre uma dupla de homens. Até que veio a Lilian Wite Fibe, se não me engano, considerada a primeira mulher apresentadora. Ali foi um motivo de trazer uma mulher mesmo de economia.

Na verdade, antes, os apresentadores não eram jornalistas. Eles não exerciam as funções de jornalistas, apenas de apresentadores. A Lilian trouxe essa mudança, além de

ela ser mulher, ela era jornalista e mulher, o que significava uma quebra, realmente de paradigmas no Jornal Nacional. Acho que, na verdade, evoluiu-se para também ter mais jornalistas apresentando – os apresentadores foram simplesmente, naturalmente saindo, deixando o espaço e quando saíam, abriam espaço que vinha a ser preenchido por um jornalista homem ou por uma mulher. No caso, isso começou também com as mulheres. Quando elas saíam, também eram abertos espaços femininos.

Acho que a fórmula do casal é muito acessível à maioria da população no sentido de família, porque, os outros eu não sei, mas o Jornal Nacional tem uma característica de ser assistido às 20h, quando a família está reunida em casa. É um programa, então você há de convir que um casal apresentado para uma família é muito mais agradável, aconchegante, confortável e, principalmente, prende mais a atenção.

Isso foi algo percebido pela direção e mantida?

Acho que sim.

Algum instrumento de percepção foi utilizado?

Acho que de motivação, de estímulo de crescer a audiência, de ver que a mulher pode trazer uma simpatia natural para um telejornal e mantém aquilo. Um casal tem uma característica de ser sempre uma coisa natural da vida. Acho que isso provoca uma audiência maior, sim. Não sei se propositalmente, mas acho que isso ajuda nesse olhar da casa, do jornalismo, e claro, dos telejornais.

Então o primeiro modelo do Jornal Nacional, era com dois homens, passamos para um homem e uma mulher, e porque duas mulheres nunca sentaram juntas à bancada do Jornal Nacional?

Nunca? Isso não tem nenhum impedimento. Acho que uma hora isso vai acontecer. É uma boa percepção.

A Lilian entrou (década de 1990) em uma época pouco depois da década de 1970, quando a mulher já tentava ocupar mais os espaços na sociedade. Isso pode ter influenciado na chegada da mulher nas bancadas dos telejornais?

Não acho. Acho que a Lilian entrou depois disso. A Lilian entrou, na verdade, depois daquela história do Collor. Ela foi uma presença muito forte e já apresentava o Jornal da Globo. Quando o Collor assumiu, que teve uma mudança de plano econômico muito grande, no ano de 1990, a Lilian, como jornalista, foi lá e questionou muito, mas ela já estava lá no Jornal da Globo. Acho que foi uma passagem muito natural.

Foi o que eu te falei logo no início. Há um aprendizado. Quanto mais você aprende, uma hora você vai passar no Jornal Nacional, vamos dizer assim. Porque é natural, é do caminho. Ali acho que também foi um pouco por assim. A Lilian tinha aquela presença muito marcante. Ela ficou muito identificada com a população nessa época do questionamento do plano econômico do Collor, porque ela questionou como as pessoas estavam sentindo, porque - não sei se você lembra, não sei se é da sua época - foi confiscado todo o dinheiro da poupança da população. Acho que eles ficaram com 50 cruzados, o que não dava para nada. Ficou todo mundo atônito. O Brasil ficou atônito. A Lilian, naquele momento, foi questionar o plano econômico lá em Brasília, e foi além do papel dela de jornalista. Ela estava indignada e atônita, como a população brasileira. Aquilo a identificou muito. Acho que, talvez, ir para o Jornal Nacional foi uma transição a partir desta identificação dela com as pessoas comuns.

Voltando a questão das duas mulheres. Todo jornal testa os produtos para conseguir uma boa resposta do público. Você acha que seria ruim para o público que duas mulheres sentassem à bancada?

Não. Acho que seria natural e acho que pode acontecer. Por exemplo, quando a gente criou a Globonews, a gente tinha nos telejornais sempre um homem e uma mulher. Mas, naturalmente, a gente tinha que fazer um rodízio de plantão, e acabou ficando duas mulheres ou dois homens. Aí, se perdeu a característica do casal. Então, busca-se a característica do casal, mas quando não dá por circunstâncias, naturalmente duas mulheres ou dois homens são postos juntos.

No caso de um jornal de rede ou de um Jornal Nacional não é bem assim. Acho que tem um tempo. Acho que as mulheres, apresentadoras e âncoras têm conquistado um espaço importante. Elas têm sido igual, passo a passo com os homens âncoras. Eu não vejo essa diferença. Então, naturalmente pode acontecer de duas mulheres apresentarem, como dois homens, às vezes apresentam o Jornal Nacional, muitas vezes. Acho que nada impede e nada proporciona. Quer dizer, na medida em que nada impede e alguma coisa acontece para que haja a necessidade: uma pessoa não vem, uma pessoa está doente e só tem duas mulheres, isso vai acontecer naturalmente. Não vejo como William estar com problemas, a Fátima estar aí e a Renata também estar; assim Renata e Fátima apresentarem. Acho que isso não vai ser pensado: “Não pode”. Acho que pode. As duas não apresentam? Elas não fazem o plantão? Então podem substituir.

Você disse que na Globonews – um canal a cabo – a apresentação simultânea de duas mulheres aconteceu, mas que no Jornal Nacional não seria “bem assim”.

Qual o motivo?

Acho que na TV a cabo você pode fazer umas mudanças que não interferem no olhar do telespectador necessariamente. É um tipo de público um pouco diferente. Agora, em um jornal de rede, como é o Jornal Nacional, com um alcance muito grande, as mudanças têm sempre de serem feitas com cuidado e com atenção ao telespectador. Você não pode mudar tudo radicalmente sem ir avisando o telespectador “devagarinho” que você está mudando. Porque ele rejeita. E a gente trabalha com quem? Para quem? A gente trabalha para o telespectador, a gente não quer a rejeição. Ninguém quer. De nada. Então, quando você está trabalhando para um grupo grande de público muito variado e você não quer perdê-lo, não quer rejeição deles, se você mudar de uma vez...

Portanto, acho que isso tudo é um processo, um caminho onde as coisas vão acontecendo até se tornarem naturais. Nada é imposto e nada é impedido, mas quando as coisas caminham por um processo natural e mudam, as pessoas não rejeitam – podem até discutir, mas têm uma tendência maior de aceitação. Eu acho que, no caso do jornalismo, o trabalho que a gente faz É para essa terceira pessoa, para a pessoa que está do outro lado da tela, que eu considero uma pessoa muito importante hoje. Na competição, na concorrência, na briga pela audiência... Tudo isso a gente sempre está fazendo: um telejornal, um programa, o que quer que você faça no jornalismo, está sempre pensando em quem vai ver, quem assiste, que tipo de público você tem, o quanto de alcance esse programa vai ter. Se ele é à meia-noite, ele tem um alcance menor. Se ele é às 19h30, tem um alcance maior. Então, hoje a televisão se preocupa muito com essa terceira pessoa, que é a pessoa que está do outro lado da câmera.

Então você acha que essa mudança do dia para a noite com duas mulheres na bancada do Jornal Nacional poderia assustar ou provocar uma possível rejeição da terceira pessoa?

Eu não sei se poderia assustar ou provocar rejeição, mas é uma mudança radical. Você tem um casal e, de repente acaba o casal William Bonner e Fátima e tem duas mulheres apresentando? É uma mudança. Acho que isso é uma coisa que não pode acontecer de repente. Tem de acontecer naturalmente. Não é que assuste, mas acho que isso tem de ser explicado. E você está correndo esse risco. Eu não sei se todo mundo quer correr risco, não é?

Você diz que mudanças em definitivo assustariam, mas e a mudança casual? A entrada, por exemplo, hoje. Isso, talvez, provocaria rejeição?

Se for temporário, talvez não. Mas se for em definitivo, tem de se pensar no assunto. Essa mudança deve ser lenta e gradual, não pode ser de um dia para o outro. Ela tem de ser testada. A gente não faz pilotos? Hoje em dia, há muita necessidade de se testar, não dá para arriscar por causa da perda da audiência. Acho que a briga hoje é grande.

Você foi editora do Jornal Hoje e era um jornal com muitas mulheres juntas apresentando na bancada, além de ter sido um jornal feito por mulheres.

É verdade!

Só que era um jornal feito para mulheres, certo?

Naquela época ele era mais feminino, é verdade. Porque se dizia que no horário do almoço – o que é uma mudança de vida, de situações. Isso foi na década de 1980 – era um “jornal visto por mulheres”, era um “jornal da hora do almoço”. Então ele tinha uma pincelada de noticiário hard news – uma pincelada. Não deixava de dizer: falava de política, de Brasília, de economia, do mundo e tudo – mas tinha uma pegada bastante feminina: tinha entrevistas e assuntos mais “leves” como a gente falava.

Realmente ele tinha a apresentação de duas mulheres: Sônia Maria e Lígia Maria, depois a Leda Nagle. Mas ele tinha homens. Entrava o Marcos Hummel do Rio.

O próprio Bonner...

...O próprio Bonner, em uma época. Tinha outros homens. Depois desse tempo, o Jornal Hoje teve a característica de ser a primeira edição do Jornal Nacional. Então, quando ele teve essa característica, ele passou a ser mais hard, aí não tinha mais duas mulheres, ou tinha um casal, ou tinha dois homens.

Então a gente pode associar essa questão da mulher estar junto na bancada com um jornal mais leve?

Não. Acho que isso é uma questão de época. Eu não acho. Hoje duas mulheres apresentando o Jornal Nacional seria muito tranquilo. Para o público eu não sei. Para mim seria muito tranquilo. Acho que a gente não pode associar que um jornal pesado tem de ser com homem e mulher, e o jornal leve com mulher e mulher. Acho que isso existia no Jornal Hoje naquela época, onde ele tinha essa característica de ser um jornal feminino, mas muitos homens o apresentaram muito bem.

Eu não associaria. Duas mulheres podem apresentar tranquilamente o Jornal Nacional, o Jornal da Globo, que é um jornal também de bastantes assuntos “não femininos”, e eu acho que duas mulheres poderiam apresentar. A minha única questão, não é nem questão, é a preocupação, seria com a mudança. No sentido de a mudança tem de ser bem pensada, bem trabalhada e bem feita.

Acho perfeitamente viável e acho que, elas têm o conhecimento, a segurança, a credibilidade, a competência para fazer isso. Na Rede Globo, a gente tem várias mulheres que podem sentar na bancada do Jornal Nacional, e o Jornal Nacional ser muito bem visto. A única coisa é que eu acho que tem de ser um processo mais lento na mudança definitiva e pode ser natural. Acho que pode vir a ser uma coisa muito natural.

Na TV Globo o casal é mais usado por ser um formato mais assimilado pela família, mesmo?

E pela população. Eu falei na família para dar o exemplo. Mas pela população, o casal é mais assimilável. Eles gostam dessas pessoas. As pessoas gostam de ver aquelas duas pessoas. Não é o casal casado, não necessariamente. Não tem nada a ver com casamento.

Acho interessante a discussão. É um tema do futuro, é bacana e importante discutir. As mulheres do jornalismo brasileiro em frente ao vídeo, e também no jornalismo mundial, têm assumido um papel fortíssimo, importantíssimo e acho que elas chegam a dividir o trabalho de igual para igual com o homem. Não vejo diferença. Eu não sei se por que atuei como editora-chefe em um jornal muito jovem e vi aquilo como uma coisa bem natural na minha carreira. Nunca foi difícil. A TV Globo sempre deu valor às jornalistas mulheres neste sentido, dando cargos muito importantes. A Alice-Maria foi a criadora do Jornal Nacional. Com 20 e poucos anos de idade ela já estava no Jornal Nacional. Então as mulheres que têm algum potencial assumem importantes funções, importantes papéis. Acho que há um time de mulheres muito bom, muito competente, apresentando telejornal.

ANEXO II

Luiz Fernando Ávila – Editor adjunto do Jornal Nacional

*Entrevista a Priscilla Vale Moraes feita na Redação do Jornal Nacional,
Rede Globo, Rio de Janeiro, RJ em 1º de junho de 2011.*

Como você chegou na TV Globo e como é o seu trabalho hoje?

Eu comecei no Jornal Nacional em 1996, ainda eram Cid Moreira e Sérgio Chapelin na apresentação. Foi o último ano dele. Se eu não me engano, cheguei da TV Globo de Minas e vim trabalhar na produção do jornal, quando o editor chefe era o Amaury Soares. Imediatamente passei para editor de política. Trabalhei algum tempo em Brasília – agora eu fiquei na dúvida se eu vim de Minas ou de Brasília (risos) – mas como eu tinha trabalhado em Brasília, assim que eu cheguei, mudei de função e me tornei editor de política no Jornal Nacional. Fiquei durante bastante tempo como editor de política.

Então você pegou a época dos apresentadores na bancada?

É! Eu peguei ainda a época dos apresentadores na bancada. E peguei bastante! No período em que eu cheguei, era o Cid e o Sérgio. Algum tempo depois, passou para o William e a Lilian, mas nenhum dos dois eram editores chefe. O editor chefe era Amaury Soares. E ficou bastante tempo nesta “dobradinha”.

Quando o William assumiu, eu estava na Globo de Minas onde fiquei um tempo. Voltei com uns sete anos como editor de política de novo. Foram quatro ou cinco anos, quando passei para editor-chefe adjunto, do Jornal Nacional.

O Jornal Nacional chegou propondo um monte de mudanças em relação aos outros jornais, a concorrência. Hoje em dia, elas ainda acontecem?

Mas o que o Jornal Nacional mudou basicamente foi ao propor um novo modelo de telejornalismo, que foi o jornal de rede, não é?

Mas também teve o aprimoramento da imagem, a limpeza no vídeo, a aparência dos repórteres...

Sim. O aprimoramento da imagem, o formato de notícias... O formato de se transmitir notícias foi evoluindo, lógico. Embora a gente ainda faça um modelo do qual a gente ainda não conseguiu escapar, que é o modelo de offs, chamadas e sonoras, pois

essa ainda é a melhor maneira de se dar alguma notícia. É claro que existem várias maneiras de dar a notícia, talvez essa seja uma das melhores maneiras: com o repórter no local do fato dando as notícias. Não é que não tenha mudado, o modo de se dar uma notícia evoluiu.

Na época você tinha uma rede pequena, hoje você tem uma rede de mais de 100 afiliadas no país inteiro. Você tem correspondentes em várias partes do mundo. Você tem escritórios de jornalismo e emissoras de jornalismo em Nova York. Você tem correspondentes em Jerusalém. Correspondentes em Portugal, na França. Mudou muito e se tornou um “Jornal Nacional muito mais internacionalizado”, inclusive. Hoje não acontece nada no mundo em que a gente não consiga ter um repórter no local do acontecimento. O marco disso foi a tsunami da Ásia, quando nós conseguimos, pela primeira vez, fazer uma transmissão ao vivo de um local tão distante no momento em que se vivia uma tragédia, a maior tragédia da história do planeta. A gente conseguiu chegar até lá e colocar ao vivo. Desde então nós temos só evoluído em tornar o Jornal Nacional cada vez mais presente em todas as partes do mundo.

Se naquela época o grande diferencial do Jornal Nacional, foi fazer o jornal de rede nacional, hoje, eu diria, que é o jornal que está presente no mundo inteiro a todo o momento. A gente não demora para chegar aos locais. A gente chega rapidamente a todos os locais onde acontece qualquer coisa. Esse é o grande avanço que hoje nós temos em termos de cobertura jornalística dos grandes fatos do mundo. Se você tentar, você não vai lembrar de nenhum grande fato do mundo em que a gente não estivesse presente, com repórter no local, muitas vezes em transmissões ao vivo. Tenho vários exemplos para citar para você, o mais recente é do Tsunami no Japão.

Essas mudanças foram naturais? Ou foram demandas planejadas?

Não. Acho que a gente tem isso de estar permanentemente, e eu falo isso com bastante tranquilidade, porque eu estou há muito tempo no jornal. A gente vê que tem muita demanda interna da gente mesmo, de querer chegar aos locais, de querer fazer uma coisa diferente. A gente está permanentemente querendo fazer uma coisa diferente. E a gente está permanentemente fazendo coisas diferentes, embora nosso modelo de telejornal tradicional informativo seja mantido, que é aquele: apresentador em uma bancada, os repórteres na rua transmitindo. Isso é um modelo que mudou? Não mudou. Não mudou aqui e em nenhum lugar do mundo. Não sei quando vai mudar. Nós temos

uma mudança muito grande de tecnologia. Talvez, mais para frente, acabe até sendo alterado em parte ou no todo.

De forma geral, a gente sempre teve interesse em mudar o jornal. Cada vez fazer um jornal mais rápido, mais presente. Fundamentalmente mais rápido. Hoje nós competimos com várias plataformas. Por que alguém, que passou o dia inteiro lendo notícias na internet e assistindo televisão, vai parar às 20h30 para assistir um jornal? Porque o jornal é bom. Ele vai trazer um diferencial, não é? Por que a gente ainda consegue ter uma audiência fantástica em termos do mundo interno – pouquíssimos jornais no mundo chegam perto da gente em termos de audiência? Porque o jornal é diferente. As pessoas sabem que a gente vai mostrar um pouquinho mais do que eles leram, um pouquinho mais do que eles ouviram. A gente sempre tem isso.

‘É um jornal diferente’. Mas se ele já é o líder de audiência no Brasil e no mundo alcança índices de audiência incríveis, ele procura ser diferente de si mesmo?

Ele é diferente de si mesmo também. Ele tem sido diferente ao longo dos anos. Ele tem sempre se aprimorado, tem sempre mudado. Se não tivesse mudado, não teria esse perfil de telespectador de todas as idades. Se você acompanhar o twitter do JN – tudo bem que quem usa twitter é a população mais jovem – vai ver que grande parte das pessoas que acompanham é apaixonada pelo jornal. Impressionante.

Então, a gente precisa, o tempo inteiro, estar criando maneiras, criando coisas, criando séries. A gente criou, há pouco tempo atrás, o “JN no Ar”. Criamos a “Blitz educação”, que foi bastante elogiado. Então a gente está fazendo e, a cada dia, a gente é diferente dos outros telejornais. Por que? Primeiro a gente tem uma forma de lidar com a notícia que é uma forma meio consagrada, uma forma bastante sóbria. A gente não faz o jornalismo sensacionalista. Você nunca vai ver o JN fazendo alguma coisa sensacionalista. Você nunca vai ver. Não existe isso. A gente não exagera nas coisas e tem sempre de manter o tom, o que é muito difícil em jornal, principalmente em jornal de televisão: manter o tom sóbrio. Mesmo nas notícias mais espetaculosas, a gente sempre consegue manter uma qualidade, uma sobriedade, uma maneira de encarar bastante tranquila e, mesmo em outras coisas, a gente sempre consegue fazer um pouquinho diferente.

Isso de colocar os repórteres nos locais, trabalhar esteticamente a notícia é importante também. As pessoas gostam de ver qualidade no que estão vendo no ar, de ter uma qualidade de texto que é superior a qualquer outro. Acho que a gente tem uma

qualidade de texto muito elaborada, porque há uma preocupação muito grande em falar, não para uma determinada classe social, mas para a pessoa menos culta até para a pessoa mais culta. Então como você vai fazer um texto que não seja enfadonho para o cara mais culto e que não seja complicado para o cara menos culto? Esse é um grande desafio da gente e é um desafio que a gente faz todo dia. Se você perceber – isso é difícil perceber, inclusive, porque é tão natural, que as pessoas não percebem isso – é difícil encontrar alguém que esteja assistindo ao Jornal Nacional e fale “‘Porra’, não entendi nada disso. O que eles estão falando?”. Porque a gente tem essa preocupação de não ser didático, de não ensinar, mas falar de uma maneira que as pessoas consigam entender. Transformar textos técnicos, termos, muitas vezes difíceis de entender, em uma coisa mais simples. Então o jornal é diferente nisso, fundamentalmente. A maneira de a gente dar a notícia é uma maneira bastante plural e é bastante universal nesse sentido.

Isso afeta diretamente os índices de audiência, obviamente?

Fundamentalmente. Se você deixar de fazer um jornal que tem uma linguagem entendida por todo o mundo, vai começar a criar nichos que vai assistir o jornal e umas pessoas que não vão assistir. “‘Po’. Não estou entendendo o que esse cara fala”. Tem até uma história de que a gente evita que um filho de um pai fale: “Pai, o que eles estão falando?” e o pai fala “Não sei. Deixa pra lá”. Então é ruim quando acontece isso. É uma coisa que é até uma lenda, assim e que a gente não pode deixar acontecer. É horrível quando o filho pergunta para o pai o que fulano está falando e o pai fala “Eu não sei”. Então a gente precisa evitar isso, tendo esse tipo de preocupação. Se a gente não tivesse esse tipo de preocupação, não tivesse um texto que fosse desse jeito, dificilmente a gente teria essa grande audiência que a gente mantém. Tem e mantém há muito tempo.

Todas as mudanças que são feitas hoje no Jornal Nacional são em prol da audiência?

Não. De jeito nenhum.

Como você definiria a razão dessas mudanças?

Depende do que você chama de audiência.

Da pessoa que está do outro lado, da terceira pessoa.

É. Eu acho que a gente muda para alcançar as pessoas, mas não que a audiência nos dirija. É diferente você imaginar assim: “Eu não vou dar essa notícia porque não é

popular. Ninguém se interessa por ela”. Não é isso. A gente não é movido pela audiência. A gente tenta chegar à audiência. A gente tenta fazer a um jornal que seja ouvido por todo mundo. A audiência nunca – e eu estou aqui há muito tempo – nunca nos foi cobrado no sentido de que você tenha que ter uma audiência muito grande, que você tenha que fazer um jornal mais popular. “tem de fazer isso”, “tem que dar aquilo”. Não. Isso não existe. O nosso interesse é que as pessoas nos escutem e nos entendam, principalmente. Se a gente desconhecer isso, nós vamos perder a audiência. Não é a audiência que vai dizer para gente o que a gente deve ser dado ou não. É diferente.

Quando você fala “nunca nos foi cobrado”, você diz em relação a quem, ou a que?

Nunca nos foi cobrado da empresa um nível de audiência altíssimo: “Você tem de manter uma audiência”. Isso não existe. A gente tem a audiência como o nosso foco, porque o público é o nosso foco, entendeu? A gente precisa que as pessoas nos assistam porque jornalista que escreve para ninguém ler não vale à pena. É o “nosso negócio”, pode se dizer assim. Escrever para que as pessoas entendam, mas a audiência nunca moveu a nossa pauta, nunca foi determinante para que a gente tomasse um rumo ou outro.

No dia a dia você chega aqui cedo e tem várias ofertas. Muita coisa vai acontecendo no mundo. Eu não penso: “Vou dar isso porque é legal, porque as pessoas vão gostar de ver”, se aquilo não for uma coisa que está no nosso padrão de notícia que a gente considera importante. O que é notícia importante? Notícia importante é notícia que tem interesse público. Assim, nada é mais importante que o interesse público. E o Jornal Nacional tradicionalmente tem sido assim.

A estrutura eficiente que a TV Globo tem pode ser comparada a um grupo de pessoas muito fortes, em um arrastão, por exemplo, onde, mesmo que uma delas pare de andar, o grupo continuará sendo levado?

...é mais ou menos isso, você pode fazer essa analogia, sim.

Mesmo com essa estrutura gigante que o Jornal Nacional tem, ainda há papéis fundamentais, como o de editor chefe, por exemplo. Qual o papel do editor chefe dentro dessa estrutura, dessa massa que se move, praticamente sozinha?

Nós temos uma divisão no jornal que é bastante clara. Por que o Jornal Nacional tem o editor-chefe adjunto? Porque o William é extremamente capaz de tocar isso aqui sozinho, mas chega um momento em que o William tem outras necessidades. Precisa se preparar para apresentar o jornal. E nós precisamos ter uma escala de trabalho. Nós

trabalhamos assim: o editor-chefe do jornal é o William Bonner. Eu sou o editor-chefe adjunto. É como se fosse o cara que estivesse ao lado dele, um braço direito. “Você não está podendo fazer, deixa que eu faço”. No meu dia a dia, eu assisto as matérias que vão ao ar, vejo se estão legais. Se não estiverem peço uma mudança. Discuto a pauta, assim como ele. Nós discutimos a pauta diária do jornal. Ele faz a reunião de manhã em um dia, em outro dia sou eu quem faço. Temos uma divisão de funções que é, mais ou menos a mesma coisa. Tem uma coisa que é muito importante no jornal: o texto final. Quando o William está aqui, o texto final é dele, quando o William não está, o texto final é meu.

O que eu faço diariamente também é vir uma ou duas vezes por semana de manhã para fazer uma reunião com as praças. Uma reunião de manhã cedo da qual participam em conferência com vídeo: Nova York, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Então nós temos essas cinco praças que participam da rede e que mais fornecem material diariamente. São Paulo, Rio e Brasília são as principais praças de formação. Isso não é novidade para ninguém.

Nós escolhemos as nossa pautas, sentamos e discutimos o que vamos fazer. Eu vou para o meu computador, monto o espelho do jornal: “Vou mudar isso, vou mudar aquilo”, vou atribuir tempo para cada matéria. Porque o tempo é flexível, mas se eu disser que vai ter um tempo de dois minutos, é preciso ter um tempo de dois minutos, porque a gente tem de ter um padrão. Tem de ter um tempo a cobrir. Negociar um pouco mais, um pouco menos se acontecer alguma coisa entra aquela pauta que mereça um tempo maior e a gente vai discutir ao longo do dia.

Depois de terminar a reunião de pauta vou preparar o espelho e vou para uma reunião de editores, que é a reunião do jornal, que atribui cada função para cada um dos editores. Nós temos dez editores no local. Pessoal de inter, pessoal de política, pessoal de economia, distribuimos as pautas, vamos tocando e esperando o material chegar.

Ao longo do dia acontecem várias coisas. Como o mundo é dinâmico, as notícias são dinâmicas, graças a Deus vão acontecendo. Nada do que a gente escreve de manhã cedo vai valer às 20h30. Dificilmente o espelho que é feito de manhã vai ao ar às 20h30. A gente vai mudando. Eu e William discutimos muito, a gente troca uma matéria por outra, troca a posição de uma matéria por outra.

Quando dá, mais ou menos, umas 19h começa o fechamento. O William cuida da escalada e da passagem de bloco, sobe e eu continuo vendo os VTs. A maior parte

sou eu quem vê. Porque tem de ver? Porque você tem de ver o que vai para o ar. Não que a gente discuta. Vamos supor: amanhã você vai ser editora do Jornal Nacional, e vai ter uma matéria para cuidar. Você vai sentar na cadeira e sai da reunião de pauta tendo de cuidar do VT da “cédula manchada”, é claro que o falado na reunião vai mudar durante o dia. Você, como editora, não vai ficar a toda hora chegando para mim assim: “Ó, o cara quer fazer assim, pode? O cara quer...”, não! Você vai decidir o que você quer e dizer: “O VT tem de ser assim, assim e assim”.

São 19h, quando o VT chegou, 19h15 – isso nos bons momentos, normalmente ele chega as 20h, 20h15 – você põe o VT para eu ver, eu vejo o VT e falo: “Não é nada disso. Tá muito ruim o VT”. E você rebate: “Cara, faltam 15 minutos para o VT entrar”. Eu vou falar assim: “Se vira. Toca isso” (risos).

E toda a estrutura do jornal também está mudando.

Já está mudando. Muitas vezes a gente troca. Isso é minha responsabilidade. O William não tem como, lá de cima, ficar trocando posição de VT; saber de VT chegou, ou não chegou; se o VT ficou bom, ou ficou ruim. Nesse horário, 20h, 20h30, até quinze minutos depois que o jornal vai ao ar, você está sempre trabalhando, mudando uma matéria que não ficou boa. Uma matéria que vá no próximo bloco. “Não. Ela não ficou boa, ela vai ter que mudar”. Aí tem um problema: essa matéria estava linkada com a matéria de baixo, e com a matéria de baixo e com a matéria de baixo. Com isso você vai ter de refazer um bloco inteiro, refazer o espelho do jornal.

A minha função como editor chefe adjunto é de um editor executivo do jornal. Há um tempo atrás, a função era chamada editor executivo. Mudaram o nome, mas a função é tecnicamente a mesma. Nós temos de fazer operação do jornal funcionar direito seguindo as linhas editoriais. Então, se eu chegar ali e o VT não está legal, e eu colocá-lo no ar, a responsabilidade é minha. Eu não vou fazer isso. Eu vou falar para você: “Se vira. Não está legal. Tem que tirar isso, tem que tirar isso, tem que tirar isso”.

O poder decisório e o poder organizacional do Jornal Nacional são todos seus e do William como editores chefes?

E da Fátima também, mas a Fátima, como ela faz o Globo Notícia, ela fica muito presa. Na estrutura do jornal, o poder de decisão é do William, primeiro, que é a palavra final, como editor chefe; meu e depois a da Fátima. Qualquer um de nós três pode mudar essas coisas.

Qual seria o papel do âncora? O cara que, no Jornal Nacional, é o editor-chefe, o jornalista, o cara que opina eventualmente, que atrela imagem ao jornal.

Olhe... eu posso falar um pouco do que o William representa hoje no jornal. Ele está aqui há 12 anos. Ele criou um padrão para o Jornal Nacional. Um padrão de texto, padrão de abordagem. Isso é muito legal. Ele teve essa competência muito grande de fazer isso. Quando você cria um padrão de telejornal, as coisas ficam mais fáceis. Tudo na vida que a gente tem [um padrão] fica mais legal de fazer, fica mais tranquilo, etc. O William hoje, como ele tem uma equipe na qual ele confia bastante, ele deixa a coisa correr. Ele aprova todos os textos, porque ele vai ler. Ele faz as passagens de bloco. Eventualmente eu faço, mas 99% das vezes ele faz. Quando ele não está aqui eu faço. Então, o papel dele é o de comandante do Boeing, que é como a gente chama. Ele é o cara que comanda o jornal em todos os seus aspectos. Isso é uma característica do William Bonner no Jornal Nacional.

Você está refletindo a imagem dele para dentro da redação. O que você consegue enxergar da imagem dele para quem está fora?

Ele lá fora, eu imagino que as pessoas o vêem como a cara do Jornal Nacional. Ele é o cara do Jornal Nacional, assim como a Fátima [Bernardes], mas ele é muito mais a cara do Jornal Nacional hoje por causa disso. Ele criou um padrão assim. As pessoas hoje vêem o Jornal Nacional com o William Bonner e sabem que o Jornal Nacional será, mais ou menos como é. É como se ele tivesse criado uma cara para o Jornal Nacional. Embora o Jornal Nacional não tenha dono, o Jornal Nacional é da TV Globo, é do grupo. O William não é o dono do Jornal Nacional, mesmo porque, nem todas as visões são só dele. Às vezes você consulta a direção, consulta até mesmo os editores. Muitas vezes, uma decisão de um editor mostra ser mais razoável do que uma decisão dele e é a que acaba prevalecendo. Então, eu acho que as pessoas vêem no âncora do jornal, o cara que está em cima, a personalidade do jornal. No caso do Jornal Nacional reflete isso.

Então qualquer mudança que houvesse em definitivo com o William, ou com um âncora que fosse a cara de um jornal, como ele é para o Jornal Nacional, é um risco?

Não. Talvez em outros, que são mais experimentais, mais jovens. Acho que isso seria mais decisivo. No Jornal Nacional, não, porque o Jornal Nacional tem 41 anos. Já passou da época. Ele sempre manteve um padrão de excelência, de qualidade, todas

essas características que eu falei no início, de texto, de abrangência. E hoje está consolidado. O âncora, o William no caso, dá a personalidade dele para o jornal, mas eventualmente, o dia em que ele sair – e um dia ele vai sair – o Jornal Nacional, dificilmente vai mudar a sua característica. Vai mudar um pouco, vai ter a cara do novo: um pouquinho mais, um pouquinho menos, dependendo da personalidade do próprio âncora, mas, dificilmente vai ter uma alteração muito grande. Tanto é que, várias vezes, em períodos normais, de férias, o jornal continua no mesmo padrão. Se acontecer, e vai acontecer um dia do William sair do Jornal Nacional, o Jornal Nacional, tenho certeza, vai continuar – com uma variaçãozinha aqui ou ali, para mais ou para menos – sendo o mesmo jornal. Não vai mudar.

“Se o William sair, o Jornal Nacional continua sem problema nenhum, sem interferir na audiência”. O que é que faz o sucesso do jornal nacional acontecer com o William nesse formato de um casal na bancada. A gente pode falar que isso é um padrão do Jornal Nacional?

Acho que o casal transmite o fundamental para o telejornal, ou para qualquer publicação jornalística, que é credibilidade. Acho que, fundamentalmente, o que os dois têm é credibilidade. Assim, o que eles falam ninguém duvida que seja certo, ou que seja errado. Isso acontece também com a Renata Vasconcellos e com o Alexandre Garcia; com o Heraldo Pereira e a Christiane Pelajo... Por isso que eu digo: a presença do William e da Fátima é importantíssima para o jornal, não tenho dúvida disso, mas o Jornal Nacional não é um jornal que tenha um dono. Quando você muda o apresentador que passe 15 dias, 20 dias fora, o jornal mantém o mesmo padrão, mantém a mesma audiência, mantém o mesmo timing de tudo, não muda nada o jornal.

O que faz cada um desses âncoras passar a credibilidade para o público?

Eles já têm essa credibilidade e eles estão no Jornal Nacional. Eles não estariam no Jornal Nacional, se não fosse isso, se o Jornal Nacional não tivesse a característica de ser um jornal em que as pessoas confiam. As pessoas acreditam no Jornal Nacional.

Quando é que um jornalista/âncora está preparado para chegar ao Jornal Nacional?

Não é fácil. O último exemplo foi o da Ana Paula Araújo. Ela foi a última âncora que entrou, a última apresentadora que entrou. Você vê que ela teve um trabalho longo na editoria Rio, conquistou a credibilidade fundamental que eu estava dizendo. Ela conquistou isso ao longo de algumas coberturas fantásticas que o RJ TV fez com os

problemas da chuva em Teresópolis, no Morro do Bumba, em Angra dos Reis, com o problema da invasão da polícia no Morro do Alemão, quando ela ficou horas. Ela demonstrou para o público e para gente, que era uma nova pessoa que poderia ter características e condições de transmitir as informações no Jornal Nacional com a mesma credibilidade que os outros têm.

Então, competência é pré-requisito?

Competência, credibilidade e facilidade de transmitir. Porque a pessoa precisa ter empatia com o público. Um âncora que não tem empatia com o público vai afastar o público do jornal. Então ele tem que ter empatia, tem de ser um cara que se identifique. A Ana Paula, por exemplo, é uma pessoa super comum, como todos os apresentadores do Jornal Nacional são. O Chico Pinheiro, o William, a Fátima, todos são pessoas comuns, não são pessoas diferentes.

Isso é inerente à imagem?

É inerente à imagem da pessoa, eu acho.

E que tipo de imagem essa pessoa tem que ter? Você falou em pessoas comuns.

É. Tem de ser uma pessoa que transmita credibilidade e transmita responsabilidade no mento em que ela fala e dá a notícia. Imagina se você tem alguém que fale e você pensa: “Será que esse cara está falando a verdade, ou é mentira?” Então, é credibilidade, responsabilidade, honestidade, todas essas características boas e que tenha empatia. Além das coisas básicas: saber falar, não cometer erros, ter jogo de cintura. Na verdade é comum errar. Teve uma época em que era muito perigoso, não podia errar. Hoje a gente erra e conserta.

O Jornal Nacional mudou. Isso talvez tenha ampliado um pouco a possibilidade para as pessoas se tornarem âncora de um jornal, como o Jornal Nacional. Antes era uma coisa muito locutor. Década de 1990 eram locutores. As pessoas liam as notícias. Hoje é mais conversado. A Ana Paula é um exemplo disso, ela conversa.

Eu falei do casal ser um ‘padrão’ e você falou do casal transmitir credibilidade, mas no passado eram dois homens apresentando...

Mas a gente ainda tem dois homens apresentando.

Exatamente, nós temos. E porque, então, a agente não tem duas mulheres na apresentação?

Olha... isso a gente não discutiu muito. Pode ser que lá para frente seja um modelo com duas mulheres. Eu não me lembro de ter visto um jornal grande assim...

O Jornal Hoje, no início, apresentou, mas era uma jornal feminino.

Ah, sim. Tinha a Leda Nagle. Na época, inclusive, era um jornal muito mais... [silêncio]. Mas em um jornal de hard news eu não sei. Pode ser ótimo, talvez seja até uma tendência mais para frente.

Mas você vê algum impedimento?

Não vejo nenhum impedimento, imagina. Quem sabe isso não aconteça. Se você considerar hoje em dia. Talvez até por emparelhamento, mesmo. Mas isto eu não sei realmente te responder. Porque que a gente não usa duas mulheres e usa dois homens.

Pois é. No final de semana, por exemplo, acontece de ter dois homens. Dois homens sentados à bancada.

Dois homens, como no início tinha o Cid Moreira e Chapelin.

E na atualidade também.

Sim! Como o Márcio Gomes e o Heraldo Pereira.

Quem escolhe essa escala, essa combinação dos apresentadores?

Quem faz a escala sou eu. Não sou eu quem escolhe quem vão ser os apresentadores.

Você não escolhe os profissionais, mas faz a combinação?

A escala quem faz sou eu. Mas é claro que, como a gente nunca teve uma dupla feminina no Jornal Nacional, não é que eu não possa, mas tudo o que a gente for fazer tem de falar com a direção. Como o Jornal Nacional é um jornal que não tem dono, eu simplesmente não posso mudar. Eu tenho que submeter. Eu posso até chegar amanhã e falar: “Vamos botar duas meninas, vamos tentar?”, será uma coisa diferente, nunca foi feito. Acho que a casa pode pensar: “Será que vai ser legal? Será que vai ficar legal?”, porque eu acho que é uma mudança muito radical para a bancada do JN. Poderia ser legal, não é? Não sei.

Porque a mudança do padrão casal para a dupla feminina é associada a uma mudança radical?

É radical porque nunca houve.

Só por isso?

É só por isso. Porque em termos de informação não muda nada. Imagina a Fátima Bernardes com a Renata Vasconcellos? Credibilidade, responsabilidade, honestidade, empatia com o público vão ser matizes. Eu acho que há uma certa preocupação com relação a uma mudança que nunca houve. Uma coisa que nunca teve

em um jornal de 40 anos, não pode ser tomada assim, uma decisão sozinha, solitária. Tem de ser bem discutida. “Será quem que vai fazer?”, “Quando a gente vai fazer?”, “Qual será o melhor momento?”. Não sei se a direção pensa nisso. Talvez até já pense porque as próprias coisas exigem mudanças permanentes. Mas se é uma coisa que esteja na pauta hoje, não está. Não se discute.

Em setembro, novembro, a gente começa a montar uma escala de apresentadores para o ano inteiro. A escala dos apresentadores atual foi montada em setembro, outubro do ano passado. Se você pegar ela você vai ver quem é a cada semana. Talvez para o ano que vem, não sei. Eu já pensei nisso, falei “Vamos discutir isso. Porque será que não?” Mas nunca entrou na pauta.

Em que momento você pensou nisso?

Na hora de montar uma escala. As pessoas falam. É comum: “Quando é que o Jornal Nacional vai ter duas mulheres?”, mas não é uma coisa assim. Não está na pauta de discussão. Tem coisas mais importantes para resolver do que isso. Mas quem sabe em um dia, pode ser.

Qual o impacto que você acha que isso ia ter para o público?

Eu acho, pessoalmente, que nenhum. Talvez no primeiro dia. No segundo dia, vai ser normal. As coisas vão mudando e as mudanças são impactantes no começo, depois se tornam naturais.

A chegada do primeiro negro como protagonista de novela foi um escarcéu, todo mundo falou...

...Mas depois que passou ninguém falou mais.

Será que vai ser assim?

Eu não tenho dúvida nenhuma de que seria assim.

Mas você acha que isso viria das pessoas que fazem parte da TV ou de fora?

Acho que, mesmo em uma coisa como televisão, para as pessoas que não convivem, que acham que é uma coisa glamorosa. A gente sabe que não é, mas as pessoas acham que artista de televisão, que jornalistas são inatingíveis, são pessoas diferentes e não são. São pessoas normais. A gente que convive sabe disso. Mas até para essas pessoas que acham que a televisão é uma coisa glamorosa, o Jornal Nacional é uma coisa inatingível. No primeiro momento eles vão sentir, mas depois será normal. Mal comparando, por exemplo. As pessoas falam: “O Jornal Nacional nunca teve um

apresentador negro”. O Heraldo entrou há um tempão e não durou um dia de comentários isso.

Mas teve.

Teve pouco. Hoje a gente não diferencia se está o Heraldo ou o Alexandre. Você nem percebe quem está apresentando pelo detalhe da cor da pele. É uma coisa normal. Acho que mais para frente com mulher também será assim. Hoje você tem a Christiane Pelajo, com o William Waack, mas um dia você vai ter duas mulheres. Em um primeiro momento as pessoas vão comentar, no segundo momento isso vai ser normal.

O fato de duas mulheres juntas na apresentação não ter relevância como pauta pode ser considerada uma visão da empresa?

Não está na pauta de discussão. A gente pensa muito mais no produto Jornal Nacional, o que está em pauta é qualidade e como a qualidade vai ser mantida também nos fins de semana.

Esse pensamento seria o mesmo de quando você começou aqui na empresa?

Em que sentido?

No sentido de que antigamente isso ter isso mais engessado do que hoje.

Eu acho que o mundo era mais engessado do que é hoje. Acho que o Jornal Nacional acompanha o mundo. Você teve, por exemplo: “Vamos tirar dois locutores como o Cid Moreira e o Sérgio Chapelin”. Você acha que na hora da troca alguém pensou “Será que vai dar certo”? Claro que pensou. Os caras eram os caras fantásticos e maravilhosos. Eu que trabalhei com eles achava muito legal. Na primeira vez em que eu entrei no Jornal Nacional e escrevi um texto que foi lido pelo Cid Moreira, eu guardei e falei: “Caramba! O Cid Moreira leu!”. O cara é um ícone para mim. Desde pequeno assisti o Cid Moreira apresentando o Jornal Nacional e, de repente, o cara estava lendo um texto meu?! Fiquei encantado. Quando você pensa: “Será que vão trocar o Cid Moreira? Tirar do Jornal Nacional?”. Trocou-se, continua do mesmo jeito, por isso eu te falo: O Jornal Nacional não tem dono. Ele não tem uma cara associada a ele. Ele é um produto de muito valor. É um produto consolidado. Por mais que você mexa, por mais que você troque, se você conseguir e souber fazer as coisas direito, ele vai continuar sempre sendo o Jornal Nacional que sempre foi. Que é aquilo que as pessoas assistem em casa e confiam nele.

Muita gente fala: “Se não sair no Jornal Nacional não é verdade”. E isso é verdade, mesmo. A gente vê isso por aí. O Jornal Nacional deu e se tornou notícia. Isso

com o William, com o Sérgio, com o Cid, com o William Waack, com o Márcio Gomes, com a Ana Paula, sempre será assim.

Então, a preocupação hoje da casa, não é se – eu acho e posso falar com certeza porque eu faço isso – vão ter duas mulheres apresentando, é se o jornal que vai ser apresentado é um jornal com a mesma qualidade que vem se apresentando ao longo da semana – até porque o William e a Fátima tiram férias, ficam 20 dias fora. Nesses 20 dias vamos ter dois apresentadores e um corpo do jornal que vai manter o padrão. É isso que eles querem saber. É com isso que eles vão se preocupar.

Eu acho que, basicamente e fundamentalmente, é isso, você pode ter certeza. Pode dizer e afirmar: Hoje essa discussão não está sendo colocada. Não está em pauta.

Mas nenhum problema em que aconteça?

Eu acho que não, e acho que naturalmente vai acontecer.

Então eu posso esperar que isso aconteça um dia acompanhando a tendência como a de ter uma mulher na presidência.

É. Quando a gente imaginou que ia ter uma mulher na presidência? As coisas mudam. Estão sempre mudando. Graças a Deus estão sempre mudando. Da mesma maneira que a gente muda o jornal ao longo do dia, permanentemente o mundo está mudando, as cabeças das pessoas estão mudando.

Eu falo que quando eu vivi esse processo de mudança do JN, em que iam sair o Cid Moreira e o Sérgio, dois locutores, duas pessoas que não escreviam os textos, liam; e como tem um padrão diferente agora. Um padrão que, nos Estados Unidos, já se fazia há muito tempo. São jornalistas falando, comentando e escrevendo, que não têm aquela voz impostada, não são locutores. A Lilian Witte Fibe, nem de longe é uma locutora. O William até tem um vozerão. A gente ficou preocupado: “Será que vai funcionar?”. Mas não só funcionou, como se mostrou necessário fazer naquele momento. O Jornal Nacional precisava mudar. Quem sabe não chegue um momento em que diga: “Eu preciso dar um passo um pouquinho mais para frente, então vamos fazer”. Mas não acho que as pessoas não vêem isso como um tabu.

As pessoas de dentro.

É. Todo mundo aqui tem cabeça boa, todo mundo tem cabeça aberta. Nenhuma frescura. A gente até sacaneia muito a mulher. Nos postos de comando tem muita mulher e eu acho que entre elas, essa discussão não está em pauta. A preocupação está

muito mais com qualidade do que quem está fazendo, se é homem, se é mulher. Mas a “tendência natural, é que isso se torne natural”, que a aconteça.

Eu realmente não sei te responder. No momento em que eu to fazendo a escala eu nunca pensei em ligar para o Schroder e para o Ali pra perguntar: “Porque a gente não põe duas mulheres?” Entendeu? Eu nunca pensei. Pode ser que mais para frente a gente faça.

E se você, em um momento de loucura, resolver colocar as duas sem perguntar para ninguém?

Não. Eu não sou louco de fazer isso sem perguntar para ninguém. Nem eu sou louco de fazer isso, nem elas são loucas de subir (risos). Porque a gente não é dono dele, as decisões são tomadas em conjunto. São discutidas. As decisões que são significativas, assim, principalmente no visual, na parte estética, em todos os sentidos, no editorial, também, são muito discutidas.

É claro que tem sempre uma coisa que as pessoas assistem e falam: Ahh.. fulano falou isso porque a direção da Globo não gosta. Não é. Quem fez aqui fui eu, ou foi a Ângela [Garambone], de repente foi o estagiário que estava aqui e escreveu (risos). Mas é claro que as decisões mais importantes, as decisões estruturais são muito discutidas com a direção. É claro que eu não vou ligar para o Schroder e ele vai falar assim: “Ahn... Espere... Estou pensando... Talvez... Vou por duas mulheres”. Não é assim.

Mas só porque você falou que é uma coisa que nunca aconteceu, mas se você for obrigado a isso, não tiver homens em um dia atípico?

Eu acho que coloca. Se o apresentador vem de São Paulo e o avião ficou preso, não conseguiu pousar, mas está a Ana Paula e a Renata Vasconcellos na redação Às 20h30, estão faltando dois e ninguém apareceu: o que a gente faz? Quem sabe um dia não aconteça isso? Abra a porteira e vai (risos)! Porque muitas vezes o apresentador não apareceu. O Chico pinheiro quebrou o braço uma vez. Tivemos que trocar. Isso às 17h. É muito arriscado esse plantão de fim de semana (risos).

Eu espero que o meu tabu seja quebrado. Pois as profissionais são muito boas. Porque eu a maioria das mulheres que a TV Globo tem são muito competentes, na editoria então, são espetaculares. São meus exemplos.

Com certeza você vai ver isso. A Ana Paula, por exemplo, é show! E o que a gente conversou? Ajuda na monografia?

Ajuda! A monografia é sobre não haver duas mulheres na bancada.

Mas então agente não vai responder em nada!

Claro que vai! Eu não estou procurando uma resposta exata. Se você me diz que nem você sabe o porque de isso não acontecer, já é um motivo para que um estudo seja feito em cima disso, entendeu?

Entendi. Eu tenho certeza de que o dia em que a gente fizer isso vai ser bastante comentado, no dia seguinte, a Folha, o Globo vão falar sobre isso.

Obviamente. Por mais que todos aqui sejam “cabeça aberta”, isso ainda é tabu no JN.

É mesmo. Você me falou uma coisa que eu também vou pensar: “Por que a gente não faz (risos)?”

Faz o seguinte: espera eu me formar que eu apresento o jornal com o maior prazer!

Olha! Quem sabe não é você (risos).

É brincadeira, claro! Eu só quero saber, mesmo. Não é de hoje.

Você está se formando onde?

Na UFRJ.

Está há quanto tempo na TV Globo?

Há um ano.

E você está fazendo o que?

Eu sou da editoria de web.

E fez todo o processo de seleção do Estagiário?

Fiz, sim.

Então as perspectivas são boas né?! Mas você quer fazer web, mesmo?

Eu quero ir para a reportagem.

De rua?

Sim.

A gente não se conhece, mas eu vou te dar um conselho mesmo assim! Quando a gente passa alguns anos no jornal escrito e, depois vem para a TV, é muito melhor.

Porque? Não acho que jornal escrito seja mais jornalismo do que televisão, mas é diferente. O jornal escrito é um jornalismo onde você é obrigada a trabalhar mais o seu texto. Você tem uma necessidade de escrever muito mais do que na televisão. O que você faz na televisão? Você condensa o texto.

Eu trabalhei no jornal impresso por muito tempo: no Estado de São Paulo, nos jornais do interior, na Folha, então eu digo que a minha vida foi formada dentro do jornal impresso. Quando você vem para a televisão, vem com mais segurança. Ao chegar na TV você vai estar sempre preocupado em fazer uma coisa curta e sempre preocupado com que aquela coisa curta seja o mais informativo possível. Isso é difícil de fazer se você não conhece o todo. Tem muitos repórteres que não sabem escrever. Quando a pessoa vem direto de uma faculdade para a televisão, ela reduz muito o seu campo de visão.

Eu agora prefiro trabalhar em televisão. Porque depois de passar anos escrevendo laudas e mais laudas todos os dias, você tem um domínio da língua muito maior do que quando você chega direto na televisão e tem que condensar textos.

Mas eu sempre achei que a televisão fosse mais difícil por isso.

É mais difícil! Por isso as pessoas não conseguem.

Entendi! O vocabulário de uma pessoa que fez jornal impresso antes é muito mais vasto do que o de alguém que foi diretamente para a televisão.

Muito mais! O campo de visão dela para uma notícia é muito maior. Então eu acho que os grandes jornalistas na TV, com algumas exceções, foram jornalistas de impresso, que aprenderam a escrever fora. É legal pensar nisso.

Chegar à televisão com o domínio do português, da gramática, que é muito difícil de ter e quando chegar aqui, aliar ao que você aprendeu, uma coisa fantástica, que é a imagem. Algumas pessoas chegam aqui e escrevem um texto sem pensar em nenhuma imagem, complicando o editor de imagens na ilha, que, muitas vezes tem de cobrir com uma infinidade de imagens. Não tem esse “estofo”, não aprendeu a importância de uma palavra em um texto. É preciso aprender qual a importância daquela palavra. Cada palavra tem um sentido. Quando você tem esse domínio, você consegue fazer bons textos.

Mas é complicado para uma pessoa que quer trabalhar com TV e já está na TV Globo, ir para um jornal impresso. Porque o mundo da televisão é muito complicado de entrar. A gente que é estudante sabe.

É claro! E ninguém faria diferente disso. Mas eu digo em relação à muitas meninas – está na cara que não é o seu caso – que acham o mundo da TV glamouroso e sonham em ser Fátima Bernardes, isso é normal. São pessoas que não têm a menor condição de exercer essa profissão. Mesmo assim, algumas se mantêm nessa profissão

por anos porque sempre há um ou dois editores que “carregam” essa pessoa, escrevem textos para ela, etc., isso não acontece com um jornalista que vem de jornal impresso.

É muito difícil entrar no jornal impresso, também.

Sim! É difícil entrar em qualquer local no mercado de trabalho. Estou falando isso para quem quer ser um bom profissional. Se você quer ser uma boa profissional, você tem de ter essa passagem pelo impresso, é muito importante. O rádio é sensacional também, mas não escreve!

Eu passei pela Rádio MEC, mas larguei para poder trabalhar na TV Globo. Porque, por mais que se pense diferente, ter a TV Globo no currículo é um peso.

É claro. Pesa. Eu conheço isso muito bem. Eu sou editor chefe do Jornal Nacional e vejo que todo mundo te abre portas. As pessoas veem essa importância. Mas, “na boa”? Eu te falo seriamente. É muito legal quando uma repórter tem um texto bom, porque é muito difícil. Não há.

Esse seria o diferencial?

Seria um diferencial e tanto na sua carreira. Outra coisa: se não der certo isso, não seja repórter de cara. Seja editora. Sabe por que? Porque texto é fundamental. Tem muito repórter por aí que não se preocupa com o texto, que escreve mal, que erra português, concordância, regência.

Um das coisas que eu gosto é dos repórteres que têm horas de ilha de edição. Que se enfiou em uma ilha e ficou 10 horas, 15 horas editando matéria, olhando texto e imagem, casando uma coisa com a outra, fazendo uma coisa eliminar a outra. Eu não vou fazer um texto do que a imagem me mostrou. Essas coisas que você não adquire quando você chega. O repórter escreve: “Os manifestantes escreveram cartazes e pararam...”, mas, poxa! A imagem já está me mostrando tudo isso. Então, cortar texto não é cortar para reduzir o texto para ficar legal. É cortar o texto que a imagem mostrou para que faça sentido, para não repetir o que tem.

Você entendeu? Acho que vale a pena pensar um pouco nisso: “O que é jornalismo de televisão? É escrever para a televisão”. Esse é o grande barato.

E agora eu vou parar porque já te dei muito conselho! (risos)

ANEXO III

Fátima Bernardes - Editora executiva e apresentadora do Jornal Nacional

*Entrevista a Priscilla Vale Moraes feita na Redação do Jornal Nacional,
Rede Globo, Rio de Janeiro, RJ em 1º de junho de 2011.*

A gente vai falar sobre o Jornal Nacional, e já tenho como ponto de partida o fato de ele ser o jornal de maior audiência do país. Quando o Jornal Nacional estreou, na década de 1960, ele veio propondo uma mudança no formato de jornalismo da época, principalmente o Repórter Esso. Essas mudanças continuaram acontecendo e são mudanças, que eu chamo de “mudanças em si”. Como ele não tinha mais do que se diferenciar, já que ele já era o maior, ele começou a ter que mudar em relação a ele mesmo.

Acho que durante muito tempo nós concorremos com a gente mesmo, porque durante muito tempo os jornais não tinham nem o mesmo horário, os jornais das outras emissoras. Eles procuravam escapar. Até hoje, nós não temos nenhum jornal que vá ao ar no mesmo horário que o nosso. Havia uma tentativa de não concorrer com o Jornal Nacional. Então a gente tinha uma concorrência com a gente mesmo, quer dizer, com o fazer diferente a cada dia. Você há de convir que um jornal, que está há quase 42 anos no ar –vai fazer em setembro de 2011 – se não se renova, o público se renova. O mundo muda. Se hoje você me entrevista sem fita, como eu na época de faculdade, que precisava de um gravador com uma fita do tamanho de um bonde, hoje é obrigatório que este jornal mude.

Então, o que eu entendo e analiso sobre o que é tão diferente de quando eu cheguei à apresentação primeiro no Jornal da Globo, depois no Jornal Nacional e de quando a televisão surgiu, é que ela traz o noticiário com um modelo muito radiofônico – o próprio Repórter Esso era a mesma coisa que era feito no rádio. A gente começa a ter imagens, não só texto lido pelo apresentador, que na verdade era o locutor, o cara que locutava, que falava, um apresentador das notícias. Depois surgem os repórteres, que ajudam a identificar a emissora em que você está. Quando você tem, não só o apresentador, se você está no ar e você vê uma matéria da Sandra Moreyra, você tem certeza que você está na Globo.

Então, é uma outra etapa. Quando eu chego, o William e alguns outros apresentadores mais jovens chegam aos jornais (naquela época mais jovens chegavam aos jornais), eu lembro muito bem da apresentação que foi feita de nós no Jornal da Globo, que a gente passaria a mexer nos textos dos apresentadores, porque nós tínhamos uma formação de jornalistas, substituindo pessoas que tinham a função anteriormente mas que, embora fossem jornalista não tinham essa função tão liberada, como, por exemplo, a Leila [Cordeiro] e o Eliakim [Araújo].

Isso no Jornal da Globo?

Ainda no Jornal da Globo. O Jornal Nacional foi o último a ser mexido. Então quando o William e a Lilian, primeiro, e dois anos depois, eu, chegam ao Jornal Nacional, eu lembro e não estou falando isso criticamente, mas o Cid chegava às 18h para apresentar o jornal às 20h e era natural, porque ele não precisava estar aqui. Ele precisava botar a voz dele em alguns textos e ler as notícias, saber do que se tratava. A gente, não. O William está aqui desde às 10h30 e eu estou aqui desde às 14h. A gente sempre fez isso. A ideia é que a gente começasse a fazer parte da elaboração desse jornal. Depois que você já torna isso natural e que todos os outros também já estão fazendo isso você tem de fazer coisas diferentes, ou seja, você tem o que eles chamam hoje de “âncoras”, por serem pessoas com influência na elaboração.

Eu lembro claramente em 2002, quando a gente percebeu que cabia mais uma pessoa na nossa bancada. E a gente fez o primeiro teste com o Ronaldo, o Fenômeno.

Primeira entrevista na bancada?

Primeira entrevista na bancada. Botamos o Galvão, na véspera, mas o Galvão é da equipe, é diferente e no dia seguinte fizemos com o Ronaldo. A gente percebeu que aquilo foi um *test drive* para um projeto muito maior, que era o projeto de entrevistar os candidatos a presidência na bancada. A partir dali, todos os outros jornais passaram a também fazer isso: a querer ter uma pessoa ali. É uma mudança em cima da gente mesmo, quer dizer, o que a gente podia fazer de diferente? “Vai ser só o Ronaldo?”, não, óbvio que não. Agora a gente vai ter os presidentes. E assim a gente vai...

Como é que você trata um assunto longo em um telejornal? Como é que você trata um assunto como “fronteiras brasileiras”, que é um assunto que a gente está mostrando agora? Ou uma “Reforma Tributária”? As pessoas não aguentam assistir uma matéria de 20 minutos de Reforma Tributária...

É um assunto longo...

...E você não consegue, no tempo padrão de um 1 minuto e 40 segundos, 2 minutos, falar tudo. Quando você começa a ter as séries no Jornal Nacional, e a primeira foi anterior ao período do William, ainda com o Amaury Soares [como editor-chefe], você reinventa um jeito de fazer, porque você permite que um mesmo assunto seja tratado em cinco dias, sem que sejam capítulos que te obriguem a assistir. Por exemplo, você nunca vai terminar uma matéria de uma série sem conclusão daquele gancho que a gente deu. No dia seguinte é outro gancho, porque no final da semana você vai ter uma visão ampla, mas, se você perdeu algum, não vai te impedir de entender, porque não é novela. A gente passou a poder tratar de assuntos que antes a gente não tratava, que só o Globo Repórter tratava, o Fantástico em uma reportagem de 15, 20 minutos que o jornal passou a poder fazer. Então várias coisas foram surgindo e permitindo que a gente se reinventasse um pouco, mesmo.

Como essas mudanças influenciam na audiência?

Eu acho que se você assiste sempre a um veículo você percebe [as mudanças]. O público brasileiro tem uma cultura televisiva muito grande porque durante muito tempo a grande massa não tinha dinheiro para nada mais, a não ser ver televisão, então as pessoas podem não ter um cultura muito grande, mas uma cultura televisiva, elas sabem fazer crítica. Elas avaliam bem.

Se você puser um jornal em que teve uma matéria especial, bem produzida, bem trabalhada e for para a casa de qualquer pessoa, assistir com uma família qualquer e perguntar “Qual reportagem você achou a melhor?”, não é a que ele mais gostou, mas a que ele achou a melhor; ele, certamente, vai apontar a que foi bem produzida, bem editada. Ele percebe, porque isso é quase que por osmose. De tanto ter visto ele entende televisão. Esse público também vai ficando cada vez mais crítico, mais interessado em perceber que está sendo oferecido a ele algo que não é perda de tempo.

A ideia da gente é sempre a seguinte: o jornal não tem que ter boa audiência, só. Ele tem de ser indispensável, tem de ser necessário. A gente tem uma foto de uma campanha que foi feita, onde todo o plenário, no Congresso Nacional, parou para ver o Jornal Nacional porque estava se tratando de um assunto que era diretamente relacionado a eles, todo mundo queria ver. Assim como a gente sabe que muitos jornais impressos só fecham as suas primeiras páginas depois do Jornal Nacional ir ao ar para ver que peso a gente deu para determinados assuntos. O público também percebe isso.

Então essas mudanças são para eles e são necessárias. Não são uma cobrança, uma exigência, mas a gente sabe que uma hora ela vai chegar se a gente não se atualizar.

Até agora a gente falou sobre mudanças na forma de abordar os conteúdos. Mas e em relação ao formato? Aconteceu alguma mudança na ancoragem que tenha sido latente, que você tenha visto uma ressonância do público?

A gente teve, sim. Duas coisas foram bem bacanas. Uma foi mudança de enquadramento, que levou o jornal a passar primeiro por uma mudança de linguagem, ou seja, tentar deixar o jornal mais próximo possível do jeito de as pessoas falarem. O texto manchettato é só na escalada. Porque você não chega em casa e fala: “Mãe, hoje a polícia entra na favela e mata duas pessoas”, né (risos)? Você fala: “Mãe, hoje a polícia entrou na favela e matou duas pessoas”. Ou você não fala assim: “Neste momento a ministra recebe o presidente Obama” (risos), não. Nesse momento ela “tá recebendo”. A conjugação verbal, quer dizer, o tempo real da ação estar nas cabeças foi uma primeira coisa para a gente deixar esse jornal falado um pouco mais próximo do que as pessoas falam. A gente passou a conjugar os verbos nas cabeças. Parece uma brincadeira, mas é muito importante, porque muda completamente o jeito de falar. Jornalista tem uma coisa que você não pode dizer “ontem”, que envelhece a notícia. Na cabeça nunca se falava que foi ontem. Se uma coisa realmente foi ontem e foi passado “Você mantém tudo no presente para dar o impacto”, diziam. Não é necessário. Você pode contar um caso, que começou ontem, teve repercussão hoje, foi superinteressante a ponto de merecer um retorno ao jornal, e explicar a forma cronológica, lógica.

Se o jornal está mais perto das pessoas [no modo de falar], a gente começou a ver que a câmera era muito cortada e mostrava um apresentador, o outro apresentador, um apresentador... Não tinha muita diferença da escalada. Então, a gente passou a usar muito a câmera aberta, a câmera 3, que mostra em uma parte grande do jornal, os dois ao mesmo tempo. Por que? Para que eles possam interagir. Não é interagir no sentido de conversar, porque o Jornal Nacional é um *hard news* e não vai ser diferente do mundo inteiro, onde esses jornais são feitos, tem de dar muita coisa em pouco tempo. A gente não vai conversar, a gente vai falar como se fosse uma conversa a três.

Passamos a conversar, já que a gente queria tanto conversar com o público, e o público sabe que, quando o William está ali e quando o William está falando eu estou ali. Se você abre a câmera e eu falo para o público e incluo ele na conversa, ou se ele

fala e me inclui na conversa, isso é uma proposta de uma mudança, não de conteúdo, mas de forma para que você atinja um objetivo.

Nós trabalhamos muito, William e eu, com o pessoal da arte nessa mesa nova. Nós éramos muito distantes um do outro e tínhamos um enquadramento que, mesmo quando estávamos os três, eu estava em uma ponta e ele estava em outra. Nós trabalhamos em uma mesa que a passou a ter um formato, que a gente brinca, de “feijão”. Ela permite que eu debruce aqui e ele ali. Ela está muito mais próxima. Foi o outro trabalho de formato. Que são trabalhos sutis.

Onde é essas coisas sutis são pensadas, em que momentos e por quem?

Ah... Olha, por muita gente! Por toda a equipe, pelo pessoal da arte, que muda o cenário, que vem conversar com a gente. Televisão é muito conjunto, você já percebeu. É todo mundo junto. O Ali [Kamel] está pensando no que vai poder fazer... O William, todo mundo participa da reunião, toda a equipe de editores participa da reunião. Em todo o fim de ano nós temos uma apresentação de propostas para o outro ano em que todo mundo fala, cada um põe ali o que quer e o William faz uma resenha disso tudo para apresentar para os nossos diretores e ver o que a gente pode incorporar.

Esse ano que passou [2010], a gente fez um workshop com todas as afiliadas, com todos os repórteres do Jornal Nacional para conversar com eles sobre a história de querer que fosse um jornal falado, dum jeito mais natural. A gente passou a fazer os “ao vivos”, sem texto, e sem eles saberem o que ia ser perguntado. Porque, por sermos escravos desse tempo, você fala assim: “Olha, você vai fazer um vivo sobre a saída da ponte. No VT anterior eu vou mostrar que teve uma batida. Então, quando você aparecer, eu vou dizer para você: ‘E aí, fulano, os carros já foram retirados da pista?’”. Você faz um texto de 30 segundos. Ninguém conversa assim! O que a gente pensou? A gente quer que o repórter se informe. “Vamos ver o que dá para perguntar na hora”.

Eu me lembro do primeiro, que era o Roberto Paiva, em Belém. Ele foi fazer uma matéria em que estava em um lugar e ele disse assim: “Olha, para passar aqui, é impossível. A gente demorou três horas para cruzar!”. Quando ele estava lá no ponto de vivo que a gente ia abrir, eu disse: “Bom... A primeira coisa que eu quero saber é como você conseguiu voltar?” (risos).

Acho que aí é legal, não é? “Olha, a gente teve de pegar uma carona”... Ele não sabia que eu ia perguntar isso, mas ele sabe o que aconteceu.

Você também não ia perguntar nada que não fosse...

...Não. Não vou perguntar “Qual o seu time de futebol?”, nem “Para qual escola de samba você torce?” (risos), mas é isso! Até a gente abriu para o seguinte: “Olha, essa informação eu ainda não tenho”...

...Sem problema nenhum.

Isso pode acontecer, não pode? “Essa informação eu ainda não tenho, o que a gente sabe até agora é...”. Então você tem de estar munido de informação. Isso foi uma revolução, porque os repórteres ficaram muito entusiasmados de fazer e de saber.

Hoje tem o JN no Ar, uma ideia do Ali de ter um avião para o projeto de eleição, por já ter feito um ônibus antes. Então é muito legal participar de um jornal que tem essa idade, um “jovem de 42 anos”, mas que tenha possibilidade de se renovar. Porque se não se renovar, acaba.

Tem um pouco de mudança na forma e no conteúdo também. Vai mudando um pouco de cada coisa, pois uma coisa vai puxando a outra. A partir do momento em que você fala “Vai entrar uma pessoa aqui, eu vou sentar mais para cá, ele vai sentar aqui, eu vou entrevistar e eu vou ter que debruçar”, são coisas que são pequenas. Se você perguntar às pessoas, talvez elas não vão saber o que é, mas elas sabem que ficou diferente.

Essa história da câmera aberta foi tão impactante, que elas acharam e têm certeza de que eu e o William conversamos. Elas agora dizem assim: “Essas conversas de vocês são muito legais!”, e em nenhum momento a gente está falando “Pois é, William, eu... Oh... que coisa horrível isso!”, a gente não está falando assim.

É engraçado você falar isso, porque o meu pai, quando vê o Jornal Hoje, ele sempre brinca sobre a apresentação da Sandra Annenberg e do Evaristo Costa, dizendo: “Esses dois estão muito engraçadinhos!” (risos).

Ele percebeu que mudou!

Mas não sabe exatamente o que é...

É! Nem quando foi, a partir de que momento. A coisa não foi de um momento para o outro. A Sandra e o Evaristo não passaram a conversar – porque no Hoje tem um espaço para conversar – de um momento para o outro. Há quanto tempo o Bom Dia Brasil, mesmo, vem uma perguntinha para lá, uma perguntinha para cá... dando um primeiro passo, experimentando...

Tudo aqui funciona em conjunto, todo mundo tem as ideias, todo mundo coloca na mesa e você falou que o William reúne tudo...

...para levar para a direção.

Mas além dessa função referencial do “chefe”, qual é o papel do âncora para você, dentro da redação e refletido para fora?

Olha, dentro da redação, ele é mesmo uma referência, ele continua sendo, como eram os locutores, e os apresentadores. É a pessoa que coloca no ar o trabalho de um monte de gente, ponto. Mas ele é uma dessas pessoas. Então, até o momento em que ele senta para fazer o jornal, ele é exatamente como uma pessoa da equipe. Claro que esse âncora, para ser chamado de âncora, tem uma função importante na edição, como é o William, como eu sou, na edição executiva.

A gente ajuda a selecionar o que vai ao ar; a orientar os nossos editores, mesmo, para que esses editores orientem os seus editores nas afiliadas sobre o que ficou bom e o que não ficou; a gente aprova e derruba VTs; a gente altera o tempo desses VTs. O William determina que, por exemplo, tal assunto vai ser o assunto de peso do dia e naquele assunto vamos investir mais e que, por conta daquilo, muitas vezes outros assuntos terão de ser diminuídos.

Ele tem um papel, mas ele é mais um na hora da correria, do que for necessário, na hora de botar plantão no ar, etc., mas ele é a pessoa que vai ao ar. Acho que para fora, o que aconteceu, é que a gente acabou ganhando uma projeção até maior do que era antes.

As pessoas hoje veem – acho que já viam assim – como o artista. A pessoa que aparece na televisão, para o público, é um artista. Isso é um fato. Eles não fazem uma distinção muito grande. Claro que eu não estou falando de todo mundo, mas tem uma certa confusão. Eu conto uma história de brincadeira, que na minha família, uns primos mais distantes falaram uma vez que eu tava indo muito bem e que, logo, logo eu ia para as novelas (risos). Isso foi um elogio, não foi? Eu até falei assim: “Não, mas eu gosto do que eu faço”. A frustração, a decepção dessa pessoa: “buraco na rua”? “ponte Rio-Niterói?”, “Plantão?”, não dava para entender muito bem, não é? Eu mesma achava que eu era só jornalista. Por isso, o primeiro autógrafo eu não esqueço. A moça estava em um posto de atendimento ambulatorial, as seis e pouco da manhã, na Avenida Venezuela. Falou: “Você me dá um autógrafo?”, aí eu disse: “Ah... mas eu não sou artista”. E ela: “Não, eu sei! Você é a moça do RJTV”. Fiquei tão passada, com uma vergonha, e tive que falar: “Claro que eu dou!”. A partir dali eu nunca mais questioneei.

Por isso a gente tem de ter um cuidado enorme com qualquer coisa que a gente diga. Não tem essa de deixou o emprego. Para onde eu vou, eu sou essa pessoa.

O seu emprego é ser Fátima Bernardes.

O tempo todo! Como qualquer mãe que, um dia dá uma sacudida em uma criança no meio da rua, eu jamais poderia fazer. Acho que para fora é a imagem.

Foi muito bom fazer o cenário aqui na redação, porque, de início, as pessoas, quando viemos para o Jornal Nacional, achavam que eu e o William fazíamos tudo. Quando surgiu a redação no cenário: “Que legal, não sabia que tinham outras pessoas que trabalhavam com vocês!” Eles achavam que nós éramos responsáveis por todas as notícias e por tudo. Olha como são detalhes que vão ajudando no todo.

Aproveitando que você falou sobre conduta, o fato de você ter de se portar de um jeito, por ser Fátima Bernardes de manhã, na fila, no mercado e manter uma imagem que é sua. Todos sabem que para ser âncora, o pressuposto é que a pessoa seja competente, seja um ótimo profissional, um ótimo jornalista, ético, etc., mas a imagem – que eu defino como um somatório de aparência, conduta...

...Acho que isso é fundamental. Acho que a pessoa que não tem uma vida coerente com a função que ela ocupa, vai ser um ruído nessa comunicação.

Você acha que isso é fundamental para que a direção da TV Globo decida quem vai ser âncora?

Eu acho que isso é um dos componentes. Acho que hoje em dia, o que muita gente chama de beleza, eu chamo mesmo é de “carisma”. Eu não seria indelicada a ponto de dizer quem, mas eu olho a televisão brasileira como um todo, e nem todos os âncoras são bonitos, certamente. Não acho que seja beleza. Tem gente que é extremamente bonita, mas não consegue preencher a tela, que parece pequena, todo mundo chama de “telinha”, mas a “telinha”. Essa coisa é enorme para você preencher!

Não só a conduta da vida pessoal, mas uma conduta passada, da sua história de carreira também é fundamental. É importante que você tenha uma bagagem.

É diferente de um artista que, em determinado momento, as pessoas podem adorar o personagem dele e dizer assim: "Nossa! Eu não gosto dele pessoalmente, mas ele está fazendo isso tão bem". Eu já ouvi pessoas dizendo: “Eu nunca prestei atenção, nunca achei essa pessoa legal, mas está trabalhando bem”. Acho que é muito difícil isso no jornalismo, porque a gente não tem um personagem. A pessoa precisa ter uma identificação com você.

É muito difícil enganar no telejornalismo. Você transparece o que você realmente é. A imagem que essa pessoa tem para o público externo e a imagem que a pessoa tem para o público interno também. Ela tem um peso, sim. Não a imagem física, mas a imagem que você passa para esta pessoa.

Se você vai trabalhar com credibilidade, você precisa ter confiabilidade. As pessoas têm de acreditar em você, têm de confiar em você. É difícil acreditar no que eu estou falando.

Por que nós, jornalistas, não trabalhamos com propaganda? Porque a gente sabe da força da nossa imagem. Como você faria o anúncio de algo? Eu vou selecionar de que forma esse anúncio? Já pensou? Eu estou vendendo iogurte ou sabonete e, de repente, aquela empresa faz trabalho escravo na China. Como é que eu vou fazer isso? Com que coerência? Outro exemplo: eu vendo um empreendimento imobiliário, o empreendimento vai à falência e não entrega os imóveis das pessoas. Não dá. É preciso evitar este tipo de coisa.

Eu brinco que, se você tiver em um dia que você está com vontade de “soltar os bichos”, é melhor não sair de casa. “Fica lá, espera passar”, porque não dá para ser assim. É diferente as pessoas que te conhecem dizerem: “Você foi incisiva em tal entrevista”, ou “Você foi dura”, “Foi simpática”. Tudo bem.

Eu brinco sempre que o melhor elogio para mim é quando as pessoas me dizem: “Você é muito parecida com o que eu imaginava!”. Puts! É tudo o que eu quero! Que seja eu e que a gente consiga travar o mínimo de intimidade. Que ela ache realmente me conhece. Eu ouço bastante isso das pessoas: “Nossa eu te cumprimentei, mas não te conheço. Na verdade eu te conheço, mas não conheço pessoalmente, mas, para mim, é tão natural falar com você, que eu falo”. Então, que ótimo!

Acho que isso deve pesar. Eu não tenho certeza. Acho que você tinha que perguntar para a direção. Deve ter um peso na hora de uma definição do âncora.

Aí você me listou uma série de atributos em relação a imagem. Você acha que é correto a imagem ser o somatório de carisma, a conduta e o temperamento dentro da redação?

O temperamento dentro da redação é que eu não entendi muito bem...

O profissional ter bom relacionamento dentro da redação.

Sim. Ela deve ser uma pessoa que saiba trabalhar em grupo. Certamente. Que primeiro: ela vai depender do grupo e o grupo vai depender dela. Outra coisa é

fundamental: se a pessoa não gosta de gente, acho difícil que consiga. É uma coisa que parece bobagem, mas na nossa função, o tempo inteiro a gente lida com gente e com seus altos e baixos, com suas dificuldades. Uma pessoa que consiga equilibrar isso. Não significa que a gente não tenha dias irritados, não é nada disso. E que goste. Tem gente que não gosta. Tem gente que gosta de trabalhar isolado, sozinho e esse não é o perfil de quem quer ser um âncora.

Se o “bom temperamento” é no aspecto de ter um temperamento incisivo e passar confiança para quem está no bastidor, enquanto você estiver no ar; de saber ouvir quando está fora e saber ouvir orientações; de não ser uma “Prima Donna”; acho que é importante, sim.

Você vai ouvir ordens a vida inteira. Vai ouvir e vai sugerir. Você passa a ser parte de um grupo, não vai ser absoluta ali, o tempo todo.

A lista de atributos que você falou é uma coisa sua, ou uma coisa que seja orientação da casa?

Nunca me foi sugerido nada neste sentido. Eu percebo ser uma coisa minha, mas vai de observação. Você vai vendo como as pessoas se comportam, como as pessoas se conduzem. Eu sempre pensei nisso. Acho que eu tinha de ter uma vida coerente fora, porque eu nunca vou conseguir que as pessoas me olhem como um ser humano natural, normal, capaz de ter seus momentos de estresse e irritação. E, se a pessoa só vai ter a chance de me ver naquele dia, se eu estiver bem irritada e der uma patada em uma coitada que se aproxime de mim, justamente naquele dia, ela não vai ter discernimento para dizer: “Poxa, mas pode ser que a mãe dela esteja internada hoje, pode ser que o filho esteja doente”. Ninguém vai fazer isso! Então, compete a mim, como pessoa pública, ter esse comportamento. Agora, não é nenhuma orientação, nunca recebi.

Orientação de conduta, termo, nada?

Nada.

Ou alguém te falar: “Fátima, você deve parar de fazer isso, isso e isso”...

...Nunca. Nem em relação à roupa, ao corte de cabelo. As pessoas me perguntam: “Você é obrigada a cortar o cabelo?”, “Você tem que avisar?”. Gente! Nem ao William! Quando eu corto, quando eu não corto, quando eu pinto de loiro... cria-se um certo mito em relação a isso. Você tem uma orientação de moda. Um editoria de moda porque você trabalha em televisão. É preciso ter um determinado com-porta-men-to no vídeo, que seja condizente com o que você faz. O Papa usa pijama, mas ele

não aparece de pijama na Praça São Pedro, dando “tchauzinho” para as pessoas (risos). A praça não é o lugar, mas ele usa pijama. Eu também uso um monte de coisa que eu não usar aqui.

Quando você começa a ter o discernimento ajuda bastante. Embora não seja um personagem, tem uma pessoa que é jurídica e tem uma pessoa física. Fora da redação, na rua, em termos de roupa, não: para onde eu vou, se eu vou a show, se eu vou à festa, nunca ninguém tomou conhecimento da minha vida. Agora, eu acho que ela precisa de uma certa privacidade, um certo equilíbrio, porque aí, sim, acho que eu seria cobrada. E teria um preço a pagar. Esse preço seria uma queda de credibilidade, certamente.

Quanto mais você se expõe publicamente, além da exposição que já aos 40 milhões de pessoas todas as noites, você acaba gerando uma série de opiniões a seu respeito. Quando você se expõe menos do lado de fora, as pessoas opinam sobre o que você faz. Se você passa a dividir publicamente o que você faz fora do vídeo com o público, começa: “Eu não gosto disso, não gosto daquilo”, ou seja, você divide tudo.

Se você me liga e me diz: “Será que você poderia me dar uma foto do seu casamento?”. Eu digo: “Não, não vai dar, porque eu já tenho poucas coisas que são só minhas, que eu não vou dar uma foto do meu casamento para você, poxa!”. E não é por nada. Mas porque eu acho legal dizer um “não” e ter certa barreira. Ter certa curiosidade é até legal. Nada é arquitetado, mas acho que funciona quando você se preserva.

Muitos atores passaram a fazer isso. Antigamente não tinha isso, você notou que, de vez em quando, eles estão “descansando a imagem”? É o termo que se usa. Só que a gente não tem como “descansar a imagem”. A gente não fica seis meses fora do ar. Então, estar seis meses no ar e seis meses fora, permite que você vá para a badalação, pois você só está aparecendo naquilo. Você não está na casa das pessoas todos os dias. No nosso caso, não são só as pessoas que compram a revista, que acessam o site, que vão ver. Eu tenho 30 dias de férias, divididas em 15 e 15. E o resto eu estou com todo mundo. Pode haver um desgaste, pode haver uma superexposição e eu tenho que tomar conta disso.

Você está falando que é uma coisa sua, mesmo. Isso, então, seria uma seleção natural para uma jornalista competente que pretende ser âncora de um jornal: quem age naturalmente assim vai chegar lá, quem não age, não chega a ser âncora?

A gente hoje não tem nenhum exemplo de alguém que seja muito diferente disso. Nem nas outras emissoras. Não vejo pessoas que sejam ligadas a grandes escândalos, apresentando um telejornal. Imagina? Eu em uma festa na casa de um político e depois fazendo reportagem sobre ele? São coisas que fazem parte da ética jornalística, você deve ter um certo distanciamento, mesmo. Não dá para você misturar tanto. Acho que não é uma questão de ter um comportamento tranquilo ou mais caseiro, não é isso, mas é uma questão de entender que o que faz exige alguns cuidados.

Se faz um bom trabalho, se tem uma personalidade, em algum momento vai pensar o seguinte: não dá para expor tanto a vida pessoal.

Eu não vejo mesmo... Olhando, eu não vejo ninguém que seja muito diferente disso. Em nenhum lugar.

Eu posso chamar isso de “padrão de conduta”?

Talvez seja uma questão ética, mesmo.

É o que a TV Globo busca no profissional?

Eu não tenho como saber se é uma coisa que se busca. O que mais se busca é a simpatia com o povo. A identificação. O fato de a pessoa querer assistir aquele produto com você. De ela imaginar que, por alguma razão, o jeito que você faz, o jeito você apresenta faz com que ela compreenda melhor, ou se sinta melhor, mais próxima do que está acontecendo no mundo. Mesmo sem entender algumas coisas, ela sabe que aquilo é importante. Acho que se busca mais o canal de comunicação. A gente faz comunicação e só há comunicação – você aprendeu no primeiro período – quando o outro compreende. Se você só fala: “É linda, tem boa conduta, é superentrosada”, mas se você fala de um jeito que as pessoas não compreendem, não vai dar.

Como vocês têm essa resposta? Há uma medição de audiência?

Ela entra e, se estiver fazendo bem feito, vai ter um tempo de conquista. Lembro de uma primeira crítica de quando entrei, era Lúcia Leme, que dizia em um artigo grande que logo de início ela não sabia se ela gostava, ou não, de mim, mas ela não conseguiu tirar do canal. Eu achei muito bom como primeira avaliação! Você pode até não ter uma opinião formada: se gosta ou não, mas se foi capaz de prender a atenção, já é um bom começo.

As pessoas vão ter o seu tempo. Eu não acho também que uma audiência, em um produto televisivo seja medida só pela figura do âncora, diferentemente de um programa do Faustão, do Luciano Huck. Ele tem uma parcela, mas não é tudo na audiência. Não

estou jogando contra mim, acho que eu tenho a minha parcela de importância, mas acho que, se fosse assim, as pessoas que deram audiência na Globo e saíram, manteriam as suas audiências e elas não mantêm, porque televisão é coletivo. O trabalho é bem feito não porque só eu estou aqui. O meu trabalho ganha a dimensão e ele pode se potencializar porque eu tenho junto comigo um bando de gente que faz isso muito bem.

Eu estava em 1992, meu primeiro grande trabalho, foi a ECO-92. Eu estava chegando no Aterro do Flamengo para os vivos do Fórum Global, que foi a parte mais interessante das ONGs, foi quando a gente começou a falar em mundo e tinha a parte oficial, no Rio Centro. Eu fazia aquela parte. Acabava, eu estava na Globo há cinco anos e eu estava há dois anos fazendo o Jornal da Globo. Eu fazia um jornal de meia noite, que não era como é agora, as pessoas não me conheciam. Acabava o meu flash ao vivo, formava uma fila para autógrafo. Eu lembro, à direita, tinha um colega da extinta TV Manchete, que foi até estagiário na Globo, acabava o flash dele, e tinha uma pessoa para pegar autógrafo. Naquele momento eu pensei: “Se nós estivéssemos ao contrário...”

Será que aconteceria?

...Eu acho que ele ia dar mais autógrafo do que eu”. Eu não estou dizendo que as pessoas que vieram pegar o autógrafo, não gostassem do meu trabalho, não é isso, mas eu tinha um canhão para projetar o meu trabalho. Um canhão construído só por mim? Não. Por esse bando de gente faz esse produto há muito tempo. Isso ajuda muito a você manter o seu pé no chão. “Não fica achando que é só você, porque não é só você”. Você vai botar no ar o trabalho coletivo, que hoje em dia eu também construo e é muito bom. Talvez eu dê um brilho maior, ou um brilho menor; ou em um dia um brilho maior, em outro dia um brilho menor. Vou ter a minha parcela importante.

Quando vai ao ar, as pessoas esperam. Quando você vai a um evento na rua, que foi uma outra mudança do jornal, ancorar da rua, elas esperam que você. A equipe toda torce para que você consiga fazer aquilo de uma maneira que seja realmente marcante. Mas, eu sozinha lá, não ia fazer muita coisa, não.

Foi feita uma enquete para a substituição da Lilian Witte Fibe quando você começou no Jornal Nacional.

É. Muito antes já tinham feito uma enquete com as duplas possíveis para a substituição. Eu não sei se por ser casada com o William, as pessoas, de início, não imaginavam refazer essa dupla que já tinha sido feita no Jornal da Globo. Como a

Lilian, mesmo não tendo uma aceitação popular, tinha uma aceitação no mercado muito boa, eles optaram por uma pessoa mais velha para substituir o Cid e o Sérgio, pois o William era muito jovem. Então acho que tinha um peso. Na hora de fazer essa substituição – ela ficou menos de dois anos – talvez eles tenham aproveitado aquele material, feito uma releitura e visto de que forma essas duplas se encaixariam. Eu não sei, mas sei que sempre tenho uma aceitação popular muito boa.

Você e o William estão desde 1998, estamos em 2011.

Treze anos.

“Tempinho”, não é?

“Tempão”!

Mas você falou que é um jornal jovem!

Nããã!! É muito jovem, mas é um tempão!

Mesmo que esporadicamente tenha uma dupla masculina, o modelo de apresentação com um homem e uma mulher é o padrão do Jornal Nacional hoje?

De vez em quando acaba tendo [dois homens]. Mas eu acho que hoje, se sair eu, ou se sair o William, vai ser mantido o casal. Ficou consagrado. As pessoas se acostumaram. Não é porque a mulher fale coisas mais leves, não é por causa disso, porque não é assim que é dividido, mas dá uma mistura. Acho que a pessoa que está em casa gosta de ver essas duas pessoas falando.

Então chegou-se a esse padrão pensando nisso?

Acho que não. Na hora – eu não tenho uma posição oficial para te dizer – em que eles tinham a dificuldade de substituir o Cid e o Sérgio, que tinham uma aceitação enorme no ar há um tempão – vinte e tantos anos, eram os ícones – o que fazer? Corriam o risco de não acertar, as pessoas não aceitem, porque o público é conservador e vai se adaptando. As mudanças são todas bem “devargarziiiiinho”, para não incomodar. De repente, você tira os dois apresentadores e, no dia 1º de abril, começa um jornal novo?

Não acho que eles tenham visto assim: “Vai agora vai ser um homem e uma mulher”. Acho que, naquele momento, eles identificaram no William e na Lilian as pessoas com maiores condições de ocupar aquele lugar.

Levando em conta que a Lilian tinha vindo de um histórico de cobertura jornalística muito boa, também, não é?

Muito boa. Um histórico profissional, fazendo o Jornal da Globo, também.

Você já dividiu a bancada com uma mulher?

Nunca.

Porque?

Não sei. Eu acho que deveria acontecer. É engraçado, porque eu acho que se você perguntar, talvez ninguém saiba essa resposta. Porque deveria acontecer um dia, eu com a Ana Paula, eu com a Chris Pelajo, ou com a Renata Vasconcellos. Ia ser altamente interessante.

Você acha que ia criar uma polêmica? Como a do primeiro âncora negro?

Nossa! Você lembra quando o Heraldo estreou? As pessoas não falaram porque ele era um baita repórter, com uma experiência enorme. Não, não era isso. Era porque ele era “âncora negro”. Compreensível, não é? Foi uma ascensão. Imaginar que nunca tinha sido, o primeiro acaba levando isso, embora eu ache que ele merecesse outros aspectos ao redor dele para serem destacados.

Mas não ia ser interessante? Eu acho que se quisessem fazer algo mercadológico, se houvesse um interesse em criar um “buxixo”, poderia ser isso. Porque nunca foi feito.

Mas você acha que não há a ancoragem feminina simultânea no Jornal Nacional por conta de uma herança de dominação masculina?

Claro. Mas não é interessante que essa herança de dominação masculina tivesse como sua primeira editora chefe, uma mulher? A Alice-Maria foi a primeira editora chefe do Jornal que foi, pela primeira vez, mostrado no Brasil para vários estados. E era uma mulher. Eu fico pensando nisso em 1969, olha o que representava! Porque hoje “é mole” meu nomezinho lá como “Editora Executiva”, ter sido editora chefe do Hoje, porque tem um monte de gente em funções de chefia. Mas, realmente, a gente ainda não teve duas mulheres apresentando.

Essa ausência da predominância. As mulheres já ocuparam o espaço, você olha na redação tem muita mulher. “Por que não duas mulheres na bancada do Jornal Nacional?”, é a pergunta desse trabalho. Pois é a pergunta que me moveu no jornalismo. É um questionamento que eu tenho desde criança.

Olha como é diferente: isso te moveu. Eu quando criança não supunha, nunca imaginei um Jornal Nacional apresentado com uma mulher. Porque eu cresci com um padrão de ver dois homens. E quando um entrava de férias, entrava outro homem. Mesmo quando eu entrei na Globo, se você me perguntasse: “Qual é o seu sonho?”, eu

nunca teria dito: “Apresentadora do Jornal Nacional”, nunca. Fantástico, sim. Porque Fantástico sempre vi. O Jornal Hoje, sim. Mas eu achava assim: é o “Bastião da masculinidade”. Vão ser sempre homens apresentando o Jornal Nacional. Quando eu vejo ali, “Opa! Então esse espaço está aberto?”. E aí eu já tinha uma história que me permitisse querer, sim, tentar o máximo de barulho possível, profissional, para conseguir ser lembrada para aquilo. Agora... porque não duas mulheres?

Você acha que pode ter sido na verdade o que se vivia no Jornal Nacional, um reflexo do que a mulher já conquistou no mercado, por exemplo.

A mulher no Jornal Nacional, naquele primeiro momento – não sei oficialmente – mas acho que não havia preocupação de ser um homem ou uma mulher. Porque nas pesquisas tinham muitas duplas, tinham outros homens que estavam muito cotados com o William. Então, acho que a escolha foi extremamente profissional, não foi de gênero. Já na substituição, para a minha ida, acho que eles não queriam mais voltar ao padrão de dois homens. Foi muito importante ter uma mulher, ser um telejornal que marcou no horário nobre, ter uma dupla e não dois homens, um casal. Ter um casal, não um casal casado, mas um casal por ser homem e mulher. Então aí, acho que não teve interesse. Acho que nessa sucessão da Lilian só as mulheres estavam no páreo. Nenhum dos homens, que faziam os outros jornais, imaginava que podia ser um deles.

Podemos esperar uma predominância?

Eu acho que ainda não.

Por que?

Primeiro porque eu acho essa diversidade interessante.

Mesmo levando em consideração que a gente ainda vê dois homens apresentando na bancada?

Mas você vai notar que nós vamos cada vez menos ter esse dois homens apresentando.

É?

Eu acho que sim. Eu acho. Porque acho que muda muito quando é feito por dois homens. As pessoas hoje, 13 anos depois, 11 anos meus mais dois da Lilian, estão muito acostumadas. Você vê que a gente tira férias e não colocam dois homens. Pode colocar em uma emergência: uma doença de um, uma substituição, um plantão. Em casa você não sabe, era até um casal, mas alguém precisou e trocou. Não é proibido fazerem dois

homens, mas eu acho que o ideal para uma substituição em um jornal que tem um homem e uma mulher, é um homem e uma mulher.

Muitas vezes em que eu saía, entrava o Márcio, o Heraldo... Eu notei que entrou uma mulher e eu achei ótimo, porque eu acho que é menos ruído. Nas últimas vezes em que eu precisei sair, entrou a Ana Paula. O William saiu na semana retrasada e entrou o Márcio. Não é que eles vão fazer mal, mas as pessoas ligam a TV e sabem que tem um homem e uma mulher, que a mulher senta à esquerda, que o homem senta à direita. Tem essas coisas. Quando estão dois homens de novo, acho que não é bacana. Eu gosto mais quando o jornal é apresentado mantendo um homem e uma mulher. Um jornal feito por um homem e uma mulher é mais interessante do que um jornal feito por dois homens, e mais interessante do que um jornal feito por duas mulheres.

Mas duas mulheres a gente ainda não viu no Jornal Nacional.

Ainda não viu. Já viu no Jornal Hoje. Acho mais interessante a diferença. Os tons de voz são diferentes. Fica mais legal. Em casa as pessoas têm duas referências. Eu, particularmente, acho que esse é o perfil mais interessante. Você vê que nos outros telejornais também já foram duas mulheres.

De rede ainda não. Só o Hoje, mesmo.

Só o Hoje e acho que antigamente, muito antigamente, não era nem da minha época, acho que eram quatro mulheres e o Renato Machado. Então tinha muitas mulheres e um homem só. Era engraçado.

O Jornal Hoje em uma época totalmente diferente, era feito por mulheres. Hoje em dia não se pode fazer colocar uma mulher só por ter um público feminino.

O público não é só feminino.

É bom perceber que as coisas estão mudando e que um dia chegaria à apresentação de duas mulheres no Jornal Nacional. É possível chegar a essa conclusão?

Tranquilamente. Como poderá um dia chegar de ser um só. E ser só uma mulher. Nos Estados Unidos não tem? Lá é um só.

Aqui também tem. A Sandra Annenberg, às vezes, apresenta.

Tem horas que fica ela, tem horas que fica o Evaristo. Mas em um *prime news*. Em um jornal de noite, mesmo. A gente pode chegar à conclusão de que, um dia, o jornal vai ter um apresentador, e ele poderá ser um homem, ou uma mulher.

Eu não sei muito para que caminhos a gente vai, agora, que o fato de que se houver duas mulheres em ponto de bala e que elas farão juntas, a gente está a muito pouco tempo disso. Embora eu particularmente ache mais interessante o casal. É mais legal. Agora... não vejo porque não. Não tem nada de concreto, a não ser que fosse esse reduto, mesmo, para não ser, mas não é.

É interessante que, quando eu vim do Fantástico para o Jornal Nacional, havia um interesse muito grande de que só as notícias mais pesadas, mais *hard*, mais difíceis, eu que desse. Pois eu vinha de um programa de variedade onde eu fazia muita brincadeira, e era para dar um corte, para gente mudar completamente. Então eu acho que eu passei uns três meses não conseguindo dar uma matéria em que eu pudesse dar um sorriso. Só tinha desgraça. Todas as desgraças caíam comigo.

Isso foi pensado?

Isso foi pensado. Pelo Evandro [Carlos de Andrade] na época. Ele falou assim: “Um tempo é melhor. Vamos deixar a Fátima só com pesado”. Para não parecer que eu tinha ido para lá apenas para fazer uma coisa simpática, como eu fazia no Fantástico, me vestia de gorda, de noiva, de japonesa... “Então vamos deixar a Fátima marcar bem que ela vem para pegar os assuntos que são mais difíceis. Economia...”, o que eu achei ótimo. Porque antigamente, uma mulher não abria o jornal. O Jornal da Globo nunca era aberto pela Leila. Era sempre aberto pelo Eliakim Araujo.

Quem é que pensa isso, hoje?

Sei lá (risos).

Se na época o Evandro pensava...

O Evandro pensou. Eu não sei se o Schroder pensa alguma coisa assim. Eu sei desse episódio porque diz respeito a alguma coisa diretamente ligada a mim, no sentido de que a gente fizesse um esforço de que eu estava chegando ali para fazer coisas importantes. Então a primeira vez que teve de sair, saía eu. Para mostrar que estava ali com peso jornalístico e não para ser um vaso na bancada, entendeu? Eu achei que isso foi muito bem pensado e interessante, porque para não parecer que é... “Ahhh... ela é mulher do William”.

Para o jornal te mudar e não você mudar a cara do Jornal?

Para as pessoas perceberem que até que o jornal mudou, e que eu, com um outro perfil, diferente daquele que eu estava fazendo no Fantástico, estava pronta para esse outro perfil de trabalho. Eu era a namorada do Gatão de meia idade no Fantástico, fazia

um monte de bobagens. O cenário desabava em cima de mim. Era um... imagina? Uma figura como essa cair na bancada do Jornal Nacional? É isso. Te ajudou?

Muito. Essa foi a pergunta que o Luiz Fernando Ávila fez.

Ele que faz a escala. Manda para ele: “Ávila, você está desafiado!”

É! Eu perguntei para ele!

É que vai chegando uma hora... antes era um homem e uma mulher... um homem e uma mulher... de repente você pensa: “É... porque não tem um homem e uma mulher?”. Já pensou? Será que eu vou ter uma companheira mulher, ou será que a minha próxima terá?

Não sei. Tomara que aconteça logo. Isso é uma coisa minha desde criança.

Olha que legal! Porque você já pode pensar isso. Quanto anos você tem?

Vinte e cinco.

Então quando a Lilian entrou você tinha 12. Era fácil imaginar porque não eram duas mulheres. Por quanto tempo você assistiu o jornal com dois homens? Nada! Você via muito jornal antes de doze anos?

Não. Eu peguei um pedacinho com o Cid e...

Mas você não assistia! Você passava pela sala e via que eles estavam ali. Logo depois você viu que estavam um homem e uma mulher, então, para você, é completamente natural. Se tinha um homem e uma mulher e você lembrou que viu dois homens, “Porque não duas mulheres mesmo, heim?”. É uma pergunta natural, de outro momento.

É possível associar essa questão a outra geração, na verdade.

Uma outra geração, outro espaço ocupado por nós, não é?!

O Ávila brincou assim: “Quem será?” e eu disse: “Quem sabe não sou eu?! (risos)”. Mas uma coisa que eu quero muito é ir para a rua, sabe?

Isso é muito bom! É assim que você vai pavimentar um caminho. Você pensa que eu sabia que ia apresentar um jornal quando eu comecei? Eu não sabia nem que eu ia trabalhar em televisão.

Uma coisa me preocupa. Certa vez eu fui dar uma palestra em uma faculdade e me assustei com a quantidade de menina de terninho, de cabelo cortado, brinco pequeno e no final começou uma histeria para os autógrafos. Foi a única vez em que eu falei: “Deixa eu explicar uma coisa. Eu preciso falar uma coisa para vocês. Se você sonham em dar autógrafa, é melhor mudar de profissão. Porque nessa profissão pouquíssimas

peças vão dar autógrafa e vocês vão se frustrar. Isso que está acontecendo aqui, não é para acontecer”. O que eu faço é outra coisa. O tempo do ar é pouquinho diante do resto todo que tem de implicação.

Eu me assustei. Todo mundo com calça de crepe, de paletózinho, parecendo um monte de recepcionista. Todas estavam vestidas de Fátima! Eu tenho certeza! Eu pensei: “Minha mãe santíssima, o que essas meninas estão pensando?”. Quer dizer... É uma frustração imensa, você está entendendo? Elas não estão pensando em trabalhar, em ir para a rua, descobrir, apurar, viver o jornalismo para poder construir algo que leve elas para isso.

E não estão pensando no canal, para onde aquela informação, na qual você trabalhou muito para conseguir, vai chegar. Elas querem aparecer.

“Quero aparecer na televisão”.

Em alguns momentos de insegurança, que todo estagiário tem, a minha orientadora, Cristina Rego Monteiro, da UFRJ, mandou eu me fazer uma pergunta: “Porque você está no jornalismo?”. Porque se fosse por orgulho era melhor desistir. Porque chegar à TV Globo é realmente uma euforia no início, mas...

...Quando você começa a ver como é o trabalho.

Você começa a trabalhar, e vê o resultado final e pensa na responsabilidade que é. Como você havia dito na sua exposição aos 40 milhões de pessoas todas as noites.

Mas é isso mesmo.

Dá um pouco de medo. Você nunca ficou com medo?

Sim já! Mas hoje não faz diferença de quando eu falava no RJ para um público só do Rio de Janeiro e para um público de 40 milhões do JN. Eu nunca trabalhei diferente. Exatamente para evitar esses delírios, sabe? É o trabalho que eu estou fazendo. Então eu vou fazer da melhor maneira possível para fazer para o RJ, quando for o Jornal Nacional, que é outro veículo, mas eu vou fazer da melhor maneira que eu sei, até esse momento. Até porque eu espero continuar aprendendo.

Isso evita metade dos problemas que você pode ter com você mesma, de pensar aquilo como trabalho e não como algo diferente disso.

Lógico. E é bom para esquecer, mesmo. Outro dia eu estava sem esmalte e a minha tia falou assim: “É... terça-feira não tinha um esmalte nessa unha”, eu falei: “Puts é mesmo!”. E isso também tem de pensar, obviamente, né? Mas não deu tempo. Hoje eu

mesma troquei o esmalte na salinha. Ele fazendo o meu cabelo e eu: “Deixa eu passar uma mão desse esmalte, tirei e limpei... pronto. Dá para segurar até o dia da manicure”. Porque as pessoas acham que você chega aqui, tem uma cama de massagem, mil roupas.

Esquecem que você trabalha.

É. Exatamente.

Uma última pergunta: trabalhar na rua é muito melhor?

É muito melhor.